

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO

REGINA DO NASCIMENTO GOMES XAVIER

**INDÍCIOS DE FLEXIBILIDADE NO PROJETO DE EDIFÍCIOS
MULTIFAMILIARES EM MACEIÓ-AL (1980-1985): SURGIMENTO E
APROPRIAÇÃO DO AMBIENTE REVERSÍVEL PELOS USUÁRIOS
DE APARTAMENTOS**

MACEIÓ
2016

REGINA DO NASCIMENTO GOMES XAVIER

**INDÍCIOS DE FLEXIBILIDADE NO PROJETO DE EDIFÍCIOS
MULTIFAMILIARES EM MACEIÓ-AL (1980-1985): SURGIMENTO E
APROPRIAÇÃO DO AMBIENTE REVERSÍVEL PELOS USUÁRIOS
DE APARTAMENTOS**

Dissertação de mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal de Alagoas como requisito final para obtenção do grau de Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Márcio Toledo.

MACEIÓ
2016

Catálogo na fonte
Universidade Federal de Alagoas
Biblioteca Central

Bibliotecária Responsável: Helena Cristina Pimentel do Vale

X3i Xavier, Regina do Nascimento Gomes.
Indícios de flexibilidade no projeto de edifícios multifamiliares em Maceió-
Al (1980-1985) : surgimento e apropriação do ambiente reversível pelos usuários
de apartamentos / Regina do Nascimento Gomes Xavier. – 2016.
186 f.: il.

Orientador: Alexandre Márcio Toledo.
Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço
Habitado) – Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e
Urbanismo. Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Maceió,
2016.

Bibliografia: f. 140-145.
Apêndices: f. 146-186.

1. Arquitetura de habitação – Maceió (AL). 2. Edifícios multifamiliares.
3. Edifícios de apartamentos – Flexibilidade. 4. Apartamentos – Ambientes
reversíveis. I. Título.

CDU: 728.1(813.5)

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS-UFAL
FACULDADE DE ARQUITETURA E URBANISMO-FAU
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA E URBANISMO
MESTRADO EM DINÂMICAS DO ESPAÇO HABITADO-DEHA

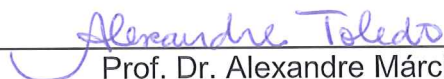
Regina do Nascimento Gomes Xavier

**INDÍCIOS DE FLEXIBILIDADE NO PROJETO DE EDIFÍCIOS
MULTIFAMILIARES EM MACEIÓ-AL (1980-1985):
SURGIMENTO E APROPRIAÇÃO DO AMBIENTE REVERSÍVEL
PELOS USUÁRIOS DE APARTAMENTOS**

Dissertação de mestrado apresentada
ao Programa de Pós-Graduação em
Arquitetura e Urbanismo da
Universidade Federal de Alagoas como
requisito final para obtenção do grau de
Mestre em Arquitetura e Urbanismo.

Aprovado em: 27 / 07 / 2016

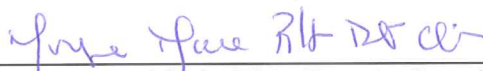
BANCA EXAMINADORA



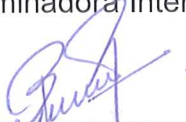
Prof. Dr. Alexandre Márcio Toledo
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL
Orientador



Prof.^a Dr.^a. Gianna Melo Barbirato
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL
Examinadora Interna



Prof.^a Dr.^a. Morgana Maria Pitta Duarte Cavalcante
Faculdade de Arquitetura e Urbanismo - UFAL
Examinadora Interna



Prof. Dr. Douglas Brandão
Faculdade de Engenharia Civil- UFMT
Examinador Externo

AGRADECIMENTOS

Tudo só é possível porque Deus está nas boas obras. Dedico à Santa Terezinha as graças de conseguir finalizar o mestrado.

Devo tudo que sou e quem eu desejo ser ao apoio dos meus pais, Ana e Severino, eis me aqui!

Aos meus queridos irmãos, que sempre me ajudaram da forma que puderam e sempre que pedi socorro.

Ao meu orientador, o prof. Dr. Alexandre Toledo, agradeço toda paciência, críticas e por me socorrer quando mais precisei de um bom professor junto a mim. Sempre será lembrado com carinho.

A todos os moradores de apartamentos, que abriram as portas de seus lares e a mim confiou o acesso a intimidade familiar.

A todos os meus amigos que sempre torceram de coração para a finalização desta etapa da minha vida, fazendo companhia e pacientes. Serei sempre grata.

A Fundação de Apoio a pesquisa do Estado de Alagoas pela bolsa de estudos concedida.

Para sempre.

RESUMO

A substituição de residências por edifícios multifamiliares trouxe consigo a implantação de soluções projetuais que diferenciavam os edifícios, a exemplo do recurso de flexibilidade. Em Maceió/AL, esse processo se iniciou na década de 1960 e se consolidou na década de 1970, mas somente no período de 1980-1985 registra-se a introdução do ambiente reversível nos projetos ofertados pelo mercado local. Verificam-se projetos de edifícios multifamiliares com os chamados “ambientes reversíveis”, espaço com dois acessos, sendo um deles voltado para a área de serviço do apartamento e o outro para o hall íntimo. Naquele momento, os itens de flexibilidade utilizados são desconhecidos assim como suas formas de utilização pelos moradores. O objetivo da dissertação é identificar e analisar os indícios de flexibilidade, com ênfase no denominado “ambiente reversível”, nos projetos de edifícios aprovados no período de 1980-1985 na cidade de Maceió/AL, quanto ao seu projeto inicial, bem como de unidades modificadas. O método é resultado do levantamento documental dos edifícios aprovados pela Prefeitura. Analisaram-se 37 edifícios, com ênfase na presença de: (i) dormitório reversível; (ii) banheiro reversível. Entrevistaram-se 19 moradores com registro fotográfico dos apartamentos. Os resultados apontam a presença dos primeiros “terceiro reversível” em 7 edifícios. Identifica-se a presença do banheiro reversível e dormitório reversível pela primeira vez em Maceió. A reversibilidade é analisada com “ação protagonista” e “ação coadjuvante”. A ação protagonista destaca-se nos apartamentos que inserem o dormitório plenamente ao setor íntimo e agrega um valor positivo ao dormitório reversível. A ação coadjuvante acontece nos apartamentos que inserem o dormitório plenamente ao setor de serviço para atividades complementares. A importância do estudo é o registro da trajetória dos edifícios multifamiliares maceioenses quanto ao recurso de flexibilidade. Exalta-se o momento da inserção do ambiente reversível em um período que evidencia elementos indicativos de mudanças na oferta de edifícios em Maceió, apesar do predomínio de exemplares que atendiam a uma família nuclear e repetiam, por vezes, a tripartidação presente em residências unifamiliares. O estudo busca uma contribuição histórica, além da elucidação da maneira como alguns elementos são utilizados pelos moradores desses edifícios ao longo da vida útil da edificação.

Palavras-chave: Arquitetura de habitação - Maceió (AL). Edifícios multifamiliares. Edifícios de apartamentos – Flexibilidade. Apartamentos – Ambientes reversíveis.

ABSTRACT

The replacement of homes by multifamily buildings led to the implementation of design solutions that differentiated buildings, such as flexibility. In Maceió / AL, this process began in the 1960s and consolidated in the 1970s, but only in the period 1980-1985 is the introduction of the reversible environment in the projects offered by the local market. There are projects of multifamily buildings with so-called "reversible environments", space with two accesses, one of them facing the service area of the apartment and the other to the intimate hall. At that time, the flexibility items used are unknown as well as their ways of use by the residents. The objective of the dissertation is to identify and analyze the signs of flexibility, with emphasis on the so-called "reversible environment", in the projects of buildings approved in the period 1980-1985 in the city of Maceió / AL, regarding its initial design, as well as units Modified. The method is the result of a documentary survey of buildings approved by the City Hall. We analyzed 37 buildings, with emphasis on the presence of: (i) reversible dormitory; (ii) Reversible toilet. We interviewed 19 residents with photographic records of the apartments. The results indicate the presence of the first "third reversible" in 7 buildings. It identifies the presence of the reversible bathroom and reversible dormitory for the first time in Maceió. Reversibility is analyzed with "protagonist action" and "supporting action". The protagonist action stands out in the apartments that insert the dormitory fully to the intimate sector and adds a positive value to the reversible dormitory. The supporting action happens in the apartments that insert the dormitory fully to the service sector for complementary activities. The importance of the study is the record of the trajectory of multifamily Maceioan buildings in terms of flexibility. The moment of insertion of the reversible environment is exalted in a period that shows elements indicative of changes in the supply of buildings in Maceió, despite the predominance of specimens that served a nuclear family and sometimes repeated the tripartidation present in single-family homes. The study seeks a historical contribution, as well as elucidation of the way some elements are used by the residents of these buildings throughout the useful life of the building.

Keywords: Architecture of housing - Maceió (AL). Multifamily buildings. Apartment buildings - Flexibility. Apartments - Reversible environments.

LISTA DE FIGURAS

Figura 2.1 - Plantas Esquemáticas de Casa de Chá Tipo. Onde “a>” é reservado para a pintura; “b>” entrada de convidados; “c>” entrada para servir o chá; “d>” entrada para servir a comida.....	40
Figura 2.2 - Exemplo de casa minhota e sua planta baixa com baixa hierarquia espacial.....	41
Figura 2.3 - Casa serrana e sua planta baixa com loja térrea. Cozinha e quarto separados por divisória.	41
Figura 2.4 - Planta Esquemática Residência Urbana, Estados Unidos da América. (Baixa Hierarquia dos ambientes roxos e rosas; Circulações em vermelho)	42
Figura 2.5 - Sistema Domino.....	43
Figura 2.6 - Plantas com Flexibilidades Espaciais. Estudos do Arquiteto Mies Van der Rohe: Weisenhofsiedlung- Stuttgart, 1927.....	44
Figura 2.7- Plantas com Flexibilidades Espaciais. Estudos do Arquiteto Mies Van der Rohe: Weisenhofsiedlung- Stuttgart, 1927.....	45
Figura 2.8- Plantas com Flexibilidades Espaciais. Estudos do Arquiteto Mies Van der Rohe: Weisenhofsiedlung- Stuttgart, 1927.....	45
Figura 2.9 - Planta baixa do Edifício Prudência, São Paulo.....	51
Figura 2.10 - Projeto de apartamento no Conjunto habitacional do Pedregulho, Rio de Janeiro.....	52
Figura 2.11 - Projeto de apartamento 2º pav no Conj. Pedregulho.....	52
Figura 4.1- Dormitórios reversíveis que permitem conexão com a SUITE (Subgrupo 1 A). Condomínio: Edf. Costa Brava/ Costa do Marfim (1982)	71
Figura 4.2 - Dormitórios reversíveis que permitem conexão com quarto e possuem SUITE (Subgrupo 1 A). Edifício Villa Verde (1985).....	72
Figura 4.3 - Dormitórios reversíveis que permitem conexão com quarto-com suíte (Subgrupo 1 A). Edifício Morada dos Ventos II (1982).....	73
Figura 4.4 - Dormitório rev. Que permite conexão com QUARTO, não possuem SUITE (Subgrupo 1 A). Edifício. Caiçara (1984).....	74

Figura 4.5 - Dormitórios rev. Que permitem conexão com QUARTO, não possuem SUITE (Subgrupo 1A). Edifício Maria Celina (1984).....	75
Figura 4.6 - Dormitórios que não permitem conexão com a suíte/dormitório (grupo 1B). Edifício Soledade (1983).....	75
Figura 4.7 - Dormitórios que não permitem conexão com a suíte/dormitório (grupo 1B). Edifício Paulo VI (1985).....	76
Figura 4.8 – Dependência que não permite conexão com suíte/dormitório (grupo 2B). Edf. Catamarã (1985).....	80
Figura 4.9 – Apartamento do Edf. Villa Verde, único que possui banheiro reversível.....	90

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 3.1- Distribuição de edifícios por bairro.....	61
Gráfico 3.2- Relação do número de dormitórios por edifício.....	62
Gráfico 4.1- Relação das características de flexibilidade por edifício.....	70
Gráfico 5.1 - Quantidade de moradores por apartamento visitado.....	94
Gráfico 5.2 - Agrupamentos familiares.....	95
Gráfico 5.3 - As empregadas dormem ou não dormem no emprego.....	95

LISTA DE IMAGENS

Imagem 2.1 - Habitação Multifamiliar : Arquiteto Mies Van der Rohe – Weisenhofsiedlung Stuttgart, 1927.....	44
Imagem 2.2 - Edifício Esther.....	49
Imagem 2.3 - Edifício Prudência, São Paulo.....	51
Imagem 2.4 - Edifício Prudência, Sala de Estar em vão livre.....	51
Imagem 2.5 - Conjunto habitacional do Pedregulho, Rio de Janeiro.....	52
Imagem 3.1 - Dados sobre famílias segundo IBGE.....	66
Imagem 5.1 - Acesso à suíte à direita e ao banheiro à esquerda.....	99
Imagem 5.2 - Acesso ao serviço vedado.....	100
Imagem 5.3 - Varanda integrada à suíte.....	100
Imagem 5.4 - Acesso à suíte à direita e ao banheiro à esquerda.....	101
Imagem 5.5 - Acesso ao serviço.....	101
Imagem 5.6 – Varanda integrada.....	101
Imagem 5.7 - Acesso à suíte à direita.....	102
Imagem 5.8 - Acesso banheiro.....	102
Imagem 5.9 - Espaço para lazer.....	103
Imagem 5.10 - Integração da varanda.....	103
Imagem 5.11 - acesso pelo hall íntimo.....	104
Imagem 5.12 - Armário planejado.....	104
Imagem 5.13 - Espaço p/ estudos.....	104
Imagem 5.14 - Porta vedada.....	104
Imagem 5.15 - Acesso ao banheiro de serviço à esquerda e 2º acesso do dormitório.....	104
Imagem 5.16 - Acesso à suíte.....	105
Imagem 5.17 - acesso ao banheiro.....	105

Imagem 5.18 - antigo banheiro de serviço.....	106
Imagem 5.19 - acesso vedado.....	106
Imagem 5.20 - espaço para estudos.....	107
Imagem 5.21 - sofá cama p/ hóspedes.....	107
Imagem 5.22 - guarda-roupas p/hóspedes.....	107
Imagem 5.23 - acesso ao banheiro.....	108
Imagem 5.24 - banheiro isolado do serviço.....	108
Imagem 5.25 -acesso pelo hall íntimo.....	109
Imagem 5.26 - local para dormir.....	109
Imagem 5.27 - espaço p/ tv suspensa.....	109
Imagem 5.28 - acesso ao reversível pelo serviço.....	109
Imagem 5.29 - depósito no banheiro de serviço.....	109
Imagem 5.30 - acesso vedado ao hall íntimo.....	111
Imagem 5.31 - acesso pelo serviço.....	111
Imagem 5.32 - roupas estendidas, caixas, carrinho de compras.....	111
Imagem 5.33 -acesso pelo serviço.....	112
Imagem 5.34 - espaço para descanso.....	112
Imagem 5.35 - itens de depósito.....	112
Imagem 5.36 - extensão do serviço.....	112
Imagem 5.37 - antigo banheiro reversível.....	112
Imagem 5.38 - acesso pela suíte.....	112
Imagem 5.39 - banheiro reversível.....	113
Imagem 5.40 - hall íntimo.....	113
Imagem 5.41 - acesso ao dormitório reversível.....	113
Imagem 5.42 -espaço p/depósito.....	114
Imagem 5.43 - espaço de descanso.....	114

Imagem 5.44 - antigo banheiro rev.....	115
Imagem 5.45 - acesso p/ suite.....	115
Imagem 5.46 - acesso pelo serviço vedado c/ tapume.....	115
Imagem 5.47 - escritório/depósito/dormitório.....	115
Imagem 5.48 - móveis planejados e cama.....	116
Imagem 5.49 - cômodo multiuso.....	116
Imagem 5.50 - antigo banheiro reversível.....	117
Imagem 5.51 - espaço p/ estudos no hall íntimo.....	117
Imagem 5.52 - acesso pelo serviço vedado c/ tapume.....	117
Imagem 5.53 - escritório/depósito/dormitório.....	117
Imagem 5.54 - espaço pelo hall íntimo.....	118
Imagem 5.55 - acesso pelo serviço fechado.....	118
Imagem 5.56 - espaço p/biblioteca (movel planejado).....	118
Imagem 5.57 - antiga varanda.....	118
Imagem 5.58 - acesso pelo serviço vedado.....	119
Imagem 5.59 - dormitório rev. Morador 14.....	120
Imagem 5.60 - acesso foi extinto.....	120
Imagem 5.61 e 5.62 - banheiro de serviço e depósito.....	120
Imagem 5.63 - acesso através do serviço.....	122
Imagem 5.64 - bancada de trabalho e armarios.....	122
Imagem 5.65 - estante.....	122
Imagem 5.66 - acesso ao ambiente multiuso.....	123
Imagem 5.67 - colchão encostado.....	123
Imagem 5.68 - sapatos, caixas e pacotes.....	123
Imagem 5.69 - setor de serviço.....	123
Imagem 5.70 - acesso pelo hall íntimo ao reversível.....	124

Imagem 5.71 - espaço p/ estudo.....	125
Imagem 5.72 - acesso pelo serviço.....	125
Imagem 5.73 - acesso pelo hall íntimo.....	126
Imagem 5.74 - acesso vedado pelo armário.....	126
Imagem 5.75 - acesso do serviço visto pela cozinha.....	126
Imagem 5.76 - acesso pelo serviço.....	127
Imagem 5.77 - antigo banheiro reversível.....	127
Imagem 5.78 - hall íntimo.....	127
Imagem 5.79 - banheiro.....	128
Imagem 5.80 - banheiro reversível.....	128

LISTA DE MAPAS

Mapa 3.1 - mapa de localização dos edifícios multifamiliares (1980-1985).....61

LISTA DE QUADROS

Quadro 3.1 - instrumentos metodológicos definidos para a pesquisa.....	58
Quadro 3.2 - relação dos edifícios do levantamento em ordem cronológica....	60
Quadro 4.1 - distribuição dos 37 edifícios multifamiliares em grupos.....	69
Quadro 4.2 - dependência que permite conexão com a suíte/dormitório (grupo 2a).....	77
Quadro 4.3 - dependência que permite conexão com a suíte/dormitório (grupo 2 a).....	78
Quadro 4.4 - dependência que permite conexão com a suíte/dormitório (grupo 2a).....	79
Quadro 4.5 – dependência que não permite conexão com suíte/dormitório (grupo 2b).....	81
Quadro 4.6 – apartamentos cuja dependência permite conexão com setor social (grupo 2c.1).....	83
Quadro 4.7 – dependência permite conexão com setor social (continuação grupo 2 c).....	84
Quadro 4.8 – dependência permite conexão com setor social e possui contiguidade ao hall social.....	85
Quadro 4.9 - apartamentos do grupo 2d. Edifício ofir (1980).....	86
Quadro 4.10 - apartamentos do grupo 2d. Edifício humaytá (1984).....	87
Quadro 4.11 - apartamentos do grupo 2d. Edifício village pajuçara (1985).....	87
Quadro 4.12 - apartamentos do grupo 2d. Edifício tarita (1985).....	88
Quadro 4.13 - apartamentos do grupo 2d. Edifício cartago (1984).....	89
Quadro 4.14 - apartamentos do grupo 2d. Edifício escuna (1982).....	90
Quadro 4.15 - apartamentos do grupo 4.....	91
Quadro 5.1 - panorama de informações coletadas.....	97
Quadro 5.2 - apartamento do edf. Costa brava. Modificação do morador 1.....	99

Quadro 5.3 - apartamento do edf. Costa do marfim. Modificação do morador 2.....	100
Quadro 5.4 - edf. Costa do marfim. Modificação do morador 3.....	102
Quadro 5.5 - apartamento do edf. Maria celina. Modificação do morador 4..	103
Quadro 5.6 - apart. Do edf. Morada dos ventos II. Modificação do morador 5.....	105
Quadro 5.7 - apart. Do edf. Morada dos ventos ii. Modificação do morador 6.....	106
Quadro 5.8 - apartamento do edf. Caiçara. Modificação do morador 7.....	108
Quadro 5.9 - apartamento do edf. Caiçara. Modificação do morador 8.....	110
Quadro 5.10 - apartamento do edf. Villa verde. Modificação do morador 9...	111
Quadro 5.11 - apartamento do edf. Villa verde. Modificação do morador 10.	113
Quadro 5.12 - apartamento do edf. Villa verde. Modificação do morador 11.	115
Quadro 5.13 - apartamento do edf. Villa verde. Modificação do morador 12.	116
Quadro 5.14 - apartamento do edf. Maria celina. Modificação do morador 13.	118
Quadro 5.15 - apart. Do edf. Morada dos ventos II. Modificação morador 14.....	120
Quadro 5.16 - apartamento do edf. Paulo vi. Modificação do morador 15.....	121
Quadro 5.17 - apartamento do edf. Caiçara. Modificação do morador 16.....	123
Quadro 5.18 - apartamento do edf. Caiçara. Modificação do morador 17.....	124
Quadro 5.19 - apartamento do edf. Paulo vi. Modificação do morador 18.....	125
Quadro 5.20 - apartamento do edf. Vilia verde. Modificação do morador 19.....	127

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	20
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA	23
1.2 RELEVÂNCIA	25
1.3 OBJETIVO GERAL	27
1.4 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	27
1.5 ESTRUTURA DA DISSERTAÇÃO	28
2 FLEXIBILIDADE NA ARQUITETURA: TIPOS, PRINCÍPIOS E ESTRATÉGIAS	29
2.1 A FLEXIBILIDADE NA ARQUITETURA	29
2.1.1 A FLEXIBILIDADE PENSADA PREVIAMENTE AO PROJETO	29
2.1.2 A FLEXIBILIDADE COMO TOMADA DE DECISÕES PELO USUÁRIO	33
2.2 OS TIPOS, OS PRINCÍPIOS E AS ESTRATÉGIAS DE FLEXIBILIDADE	34
2.2.1 OS TIPOS DE FLEXIBILIDADE	34
2.2.2 OS PRINCÍPIOS DE FLEXIBILIDADE	35
2.2.3 AS ESTRATÉGIAS DE FLEXIBILIDADE	37
2.2.3.1 A Reversibilidade no Projeto Flexível	38
2.3 HISTÓRICO DA FLEXIBILIDADE NA ARQUITETURA	39
2.3.1 O RECURSO DA FLEXIBILIDADE NO BRASIL	46
2.3.2 O PERÍODO ENTRE GUERRAS E OS PRIMEIROS EDIFÍCIOS EM ALTURA	48
2.3.3 A DÉCADA DE 1950 EM DIANTE: ACEITAÇÃO DO MODERNISMO	50
2.3.4 A IMPLANTAÇÃO DO PROJETO FLEXÍVEL: DÉCADA DE 1960 EM DIANTE	53
2.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO 1	54
3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	56
3.1 UNIVERSO DA PESQUISA	56
3.1.1 RECORTE TEMPORAL	56
3.1.2 LEVANTAMENTO CADASTRAL DOS EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES	57
3.2 INSTRUMENTOS METODOLÓGICOS	58
3.3 CARACTERIZAÇÃO DO UNIVERSO DE ESTUDO	59
3.4 ETAPAS DA ANÁLISE	63
3.4.1 ETAPA 1- CLASSIFICAÇÃO E DESCRIÇÃO DOS EDIFÍCIOS	64
3.4.2 ETAPA 2- DESCRIÇÃO DOS APARTAMENTOS COM DORMITÓRIOS REVERSÍVEIS E OS MODOS DE OCUPAÇÃO PELOS USUÁRIOS	64

3.5 AS COMPOSIÇÕES FAMILIARES NOS APARTAMENTOS VISITADOS	66
4 INDÍCIOS DE FLEXIBILIDADE NO PROJETO DOS EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES.....	68
4.1 CLASSIFICAÇÕES DOS EDIFÍCIOS.....	68
4.2 GRUPO 1: APARTAMENTOS COM DORMITÓRIO REVERSÍVEL.....	70
4.3 GRUPO 2: APARTAMENTOS COM DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA.....	77
4.3.1 GRUPO 2A: DEPENDÊNCIA PERMITE CONEXÃO COM A SUÍTE.	77
4.3.2 GRUPO 2B: DEPENDÊNCIA QUE NÃO PERMITE CONEXÃO A SUÍTE/DORMITÓRIO	80
4.3.3 GRUPO 2 C: DEPENDÊNCIA PERMITE CONEXÃO COM SALA DE ESTAR/JANTAR.....	82
4.3.4 GRUPO 2 D: NO MESMO EDIFÍCIO UMA DEPENDÊNCIA PERMITE CONEXÃO COM SUÍTE/DORMITÓRIO E A OUTRA DEPENDÊNCIA NÃO PERMITE A MESMA CONEXÃO	84
4.4 GRUPO 3: PRESENÇA DO BANHEIRO REVERSÍVEL.....	90
4.5 GRUPO 4: APARTAMENTOS SEM DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA	91
4.6 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO 3.....	92
5 O DORMITÓRIO REVERSÍVEL: USO E APROPRIAÇÃO PELOS USUÁRIOS	94
5.1 PERFIL DOS USUÁRIOS.....	94
5.2 FORMAS DE OCUPAÇÃO PELOS USUÁRIOS.....	96
5.3 ANÁLISE DOS APARTAMENTOS: USO E APROPRIAÇÃO.....	98
5.3.1 APARTAMENTOS COM ATIVIDADES DE DORMITÓRIO E ESCRITÓRIO	98
5.3.2 APARTAMENTOS COM ATIVIDADES DE DORMITÓRIO E DEPÓSITO	110
5.3.3 APARTAMENTOS COM ATIVIDADES DE DORMITÓRIO, DEPÓSITO E ESCRITÓRIO	115
5.3.4 APARTAMENTOS COM ATIVIDADES DE DEPÓSITO E ESCRITÓRIO	118
5.3.5 APARTAMENTOS COM ATIVIDADES DE ESCRITÓRIO.....	120
5.3.6 APARTAMENTOS COM ATIVIDADES DE DEPÓSITO.....	123
5.3.7 APARTAMENTOS COM ATIVIDADES DE DORMITÓRIO.....	126
5.4 CONSIDERAÇÕES SOBRE O CAPÍTULO 4.....	129
6 CONSIDERAÇÕES FINAIS	130
6.1 REVISÃO LITERATURA.....	130
6.2 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS	131
6.3 ANÁLISE DA FLEXIBILIDADE NOS PROJETOS CATALOGADOS	132
6.4 ANÁLISE DOS APARTAMENTOS VISITADOS.....	133
6.5 DIRETRIZES PROPOSTAS	135

REFERÊNCIAS	138
APÊNDICE A - MODELO DE QUESTIONÁRIO	144
APÊNDICE B - EDIFÍCIOS RESIDENCIAIS DESCARTADOS DA AMOSTRA.....	145
APÊNDICE C - 37 EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES ANALISADOS DE ACORDO COM O GRUPO DE CLASSIFICAÇÃO.....	147
APÊNDICE D - FICHAS DE REGISTRO DO PROJETO ARQUITETÔNICO, INFORMAÇÕES GERAIS E LOCALIZAÇÃO DOS 37 EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES ANALISADOS EM MACEIÓ NO PERÍODO DE 1980-1985.....	148

1 INTRODUÇÃO

O crescimento das cidades, as mudanças nos hábitos da população urbana, bem assim a velocidade de disseminação de tecnologias e informação são fatos inerentes ao final do século XX.

A arquitetura passa por transformações constantes, estando no epicentro dessas modificações questionamentos sobre, dentre outros, as novas maneiras de se morar, a exemplo dos edifícios multifamiliares em altura, em detrimento das residências unifamiliares.

A verticalização da moradia foi uma solução encontrada a partir da década de 1920 nas grandes cidades brasileiras, para a tendência de diminuição de terrenos livres para construção, visando, ainda, maior lucro do mercado imobiliário, dentre outros, embora os arranjos espaciais nessa época ainda não tenham sofrido profundas alterações (VILLA; TRAMONTANO, 2000, p.2).

Segundo Reis Filho (1973, p. 156), é com a aceleração do processo de industrialização no país, que os edifícios multifamiliares começaram a se multiplicar no Brasil, nas décadas de 1930 e 1940, tendo em vista o aumento da população urbana e a inserção de novos materiais na construção civil, a exemplo do ferro e do concreto.

O adensamento vertical, no que se refere aos edifícios comerciais e residenciais, ao longo do século XX, não visou apenas à otimização dos investimentos imobiliários, mas também à representação simbólica da modernização urbana, por meio da imagem do “arranha-céu” enquanto marco do progresso da cidade e de sua inserção no contexto internacional (SOMEKH, 1997, p. 58).

Inicialmente não eram conhecidos princípios que orientassem essa nova modalidade habitacional, típica da sociedade moderna. Além disso, ao contrário da casa tradicional, no apartamento não existia a possibilidade de expandir-se ao longo do terreno, para seu melhor uso.

Saleiro, Martins e Magalhães (2009, p. 8) em estudo, afirmam:

No início do século XX, mais precisamente na década de 1920, as cidades incharam-se com o crescimento da população urbana, colocando para a família de classe média um dilema. Esse estrato social teria de escolher entre morar numa casa num bairro distante do centro e do trabalho ou sujeitar-se a viver perto deste num edifício de apartamentos.

Com a finalidade de atrair essas famílias de classe média, a partir dos anos 1920, que estavam impedidas economicamente de viver numa residência, Holston (1993)¹, descreve que os agentes imobiliários planejaram uma planta de apartamento, tendo como paradigma a organização do espaço refletindo uma estrutura social da casa brasileira, mantendo-se a inclusão do quarto da empregada nos programas arquitetônicos destinados a essa classe, dando origem à organização tripartite do espaço doméstico em áreas social, íntima e serviço.

Hoje em dia, a compreensão dos modos de projetar edifícios multifamiliares vem sendo explorada por grande número de pesquisas acadêmicas, a fim de investigar soluções projetuais que facilitem o cotidiano do usuário dessa modalidade de moradia.

Segundo Abreu e Heitor (2006, p.1), a diversidade de hábitos e modos de vida da população urbana e a resultante pluralidade de necessidades e de preferências face ao espaço doméstico, conjuntamente com as rápidas alterações e instabilidade do modelo social contemporâneo, questionam os processos convencionais de produção da habitação em série e justificam a exploração de modelos alternativos.

A flexibilidade possui essa natureza multifacetada, que deve ser compreendida e analisada caso a caso, para melhor explorar o ambiente residencial. Para Digiacomo (2004, p. 189), o projeto flexível permite que seus moradores adaptem-no a seus desejos e necessidades sem grandes obras ou investimentos financeiros.

O conhecimento sobre a flexibilidade, pois, é um importante caminho para que os projetos de edifícios em altura possam se adequar às mais diversas composições familiares e suas necessidades ao longo do tempo.

¹ HOLSTON, J. A Cidade Modernista. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

A flexibilidade no ambiente construído é um importante fator para o aumento da vida útil da edificação, por contribuir na redução de alterações fora das normas técnicas construtivas, além de atender a uma diversidade de grupos domésticos com quaisquer necessidades e nas mais diferentes etapas da vida (BRANDÃO; HEINECK, 2003, p. 41).

Villà (2007, p. 7) reforça a ideia do ambiente reversível ao afirmar que o processo de flexibilidade na década de 1970 nos edifícios projetados em São Paulo-SP deu-se pela percepção da tendência ao desaparecimento da empregada residente e que, por outro lado, um apartamento assim concebido poderia alargar sua aceitação no mercado, por permitir o crescimento do núcleo familiar e o uso confortável do apartamento por um tempo maior.

No entanto, os edifícios acima de quatro pavimentos com elevador - aqui considerados como edifícios verticais em altura - destinados ao uso unicamente residencial, só vem aparecer na capital alagoana na década de 1960 (SILVA, 1991, p. 250), consolidando-se no final da década de 1970.

Além disso, Alves (2012, p. 178), em estudo recente acerca das tipologias dos edifícios multifamiliares construídos na capital alagoana no período de 1960-1970, concluiu que do total de trinta e cinco edifícios por ela analisados, todos possuem dependência completa de empregada.

No Brasil, o termo “flexibilidade” começa a ser usado na década de 1980 para designar apartamentos que seriam mais adequados ao perfil do cliente.

A tipologia do “terceiro opcional” ou “ambiente reversível” começava a garantir, no mercado imobiliário, o lugar de destaque absoluto que ocuparia ao longo de toda a década de 1980, em apartamentos para todos os bolsos (VILLA; TRAMONTANO, 2000, p. 4).

A percepção do desaparecimento da empregada doméstica residente junto à família, a tendência de diminuição do número de componentes nos núcleos familiares e a ideia de liberdade quanto ao uso espacial do apartamento contribuíram veementemente para a tentativa de inserção de itens de flexibilidade no mercado imobiliário.

As limitações impostas pelo núcleo espacial definido do apartamento trazem consigo empecilhos ao pleno aproveitamento dos recursos de flexibilidade, a

exemplo da prática do recurso de expansibilidade, fato que na residência unifamiliar não ocorre.

Apenas na primeira metade da década de 1980 que começam a se destacar no mercado imobiliário local projetos de edifícios multifamiliares com os chamados “ambientes reversíveis”: ou seja, espaço com dois acessos, sendo um deles voltado para a área de serviço e outro direcionado ao setor íntimo do apartamento.

Sendo assim, passados 30 anos do início do processo em voga, imprescindível registrar o primeiro momento de inserção do recurso de flexibilidade nos edifícios multifamiliares maceioenses e como alguns moradores utilizam o espaço reversível.

1.1 Problema de Pesquisa

O processo de verticalização acontece em várias cidades brasileiras, não só com a substituição de residências unifamiliares por edifícios multifamiliares em altura. Os projetos, no entanto, tendem a ser padronizados e dificilmente estão de acordo com a composição familiar e os modos de vida das pessoas.

Em nome do progresso e dos benefícios (tudo falácia) os prédios continuam sendo construídos, destruindo a identidade local e alegrando os construtores e prefeitos, crentes que esse tipo de crescimento é sinal de progresso. A lógica do mercado exclui pessoas das boas condições de moradia, padroniza e limita os modos de vida, espreme as pessoas em cubículos sem graça, sem arquitetura, oferecendo apenas o essencial para tocar a vida (STEPHAN, 2009, p.100).

Maceió não possui registros sobre os modos de projetar edifícios de apartamentos na cidade que não sejam por vias de código de urbanismo e código de edificações. O primeiro código da cidade que trata de edifícios verticais entrou em vigor apenas em 1979; sendo reformulado em 1985, quando passou a contemplar os itens específicos sobre edifícios multifamiliares em altura.

O atual código de edificações da cidade de Maceió não aborda, no entanto, o recurso de flexibilidade como item de projeto. Faz-se, pois, necessário um estudo

detalhado acerca do tema, no qual sejam esclarecidos como determinados itens (tais como o ambiente reversível) foram inseridos por construtores.

Além disso, o conhecimento esmiuçado de todo o processo de elaboração de projetos na construção civil, as tomadas de decisões, bem como os erros e acertos da trajetória dos projetos de edifícios de apartamentos construídos na capital alagoana são cruciais para o entendimento da evolução do projeto em si.

A tendência histórica de padronização na construção civil tem alimentado a reprodução contínua de projetos de edifícios sem que haja uma real preocupação com as necessidades de quem vai viver neles. Independente do arranjo familiar que ocupará aquele espaço, de fato, é inquestionável a mutabilidade das necessidades das pessoas ao longo da vida.

A realização de um processo de adaptação de acordo com as necessidades do usuário, quando se ocupa um apartamento, independente de acontecerem reformas físicas ou não, é natural. Porém, eles se arranjam de tal maneira que a realização de modificações em paredes, esquadrias ou no uso de determinados ambientes, já limita o usuário desde o primeiro momento.

Formoso (1999, p. 3) acredita contribuir para estas mudanças no cenário do uso do recurso da flexibilidade nos projetos arquitetônicos, a aplicação da *lean production* como processo produtivo na construção civil, apontando resultados positivos no seu uso:

A *lean production*, que tem origem no sistema Toyota de produção e no *just-in-time*, diz o seguinte: temos que acabar com o *trade-off*, com a gangorra do tipo ou faço um produto com baixo custo ou um produto flexível. A *lean production*, através da aplicação de uma série de princípios – redução de tempo de ciclo, redução do trabalho em progresso, redução da variabilidade, etc. – consegue oferecer um produto eficiente, de baixo custo, elevada produtividade e, ao mesmo tempo, dentro de certos limites, um produto flexível. [...] A coisa mais ineficiente que existe na construção civil são aqueles prédios a preço de custo em que o cliente muda algo na hora que quer (FORMOSO, 1999, p. 3).

Os seres humanos têm uma necessidade inata de adaptação, a fim de readequar-se às suas necessidades, porém esse processo encontra fortes empecilhos diante das inúmeras ofertas que o mercado da construção civil tem disponibilizado nos últimos anos. Uma das aspirações em relação à qualidade do projeto é a flexibilidade dos imóveis.

Diante do contexto acima apresentado, as seguintes perguntas norteiam a pesquisa: O que motivou os construtores alagoanos, na primeira metade da década de 1980, a elaborarem projetos com possíveis indícios do recurso de flexibilidade “ambiente reversível” em substituição da dependência de empregada, padrão que norteava as construções civis até então? Como tais indícios são utilizados pelos moradores desses apartamentos?

A ideia de pesquisar o cenário imobiliário da década de 1980 partiu das atividades realizadas no Grupo de Estudos em Projeto de Arquitetura da Universidade Federal de Alagoas, visando dar continuidade à pesquisa realizada no período de 2010/2011, a qual realizou um levantamento dos edifícios aprovados nas décadas de 1960 e 1970 na capital alagoana, no intuito de avaliar o desempenho funcional dos mesmos.

No início do ano de 2012, realizou-se o levantamento dos edifícios aprovados na primeira metade da década de 1980. Catalogou-se um total de cinquenta e cinco unidades. Esses dados, compostos de plantas digitalizadas, registros fotográficos e mapas com localização do imóvel na cidade serviram de ponto de partida e base de dados para o estudo em questão.

1.2 Relevância

Os projetos de edifícios multifamiliares em Maceió/AL, no início da década de 1980, destacavam novos elementos para diversificar os usos dos espaços. Começam a surgir, pois, projetos nos quais o terceiro reversível posiciona-se como “conexão” entre o setor íntimo e o setor de serviço do ambiente estrutural.

Além disso, na cidade de Maceió de 1985 não havia uma produção de edifícios multifamiliares em ritmo que justificassem uma ampla oferta e diversidade de projetos na construção civil.

Quando surgiram os primeiros apartamentos de edifício para moradia no Brasil, a ideia propagada pelos empreendedores era de que constituir-se-iam em ambientes o mais semelhante possível da residência unifamiliar, estruturado em sala, dormitórios, cozinha e área de serviço “nos fundos”.

Desta forma, os moradores quando adquiriam um apartamento para fins de moradia, buscavam um espaço o mais próximo possível dos modelos residenciais que vigoravam a época; No entanto, as possibilidades de variação imobiliária desses últimos eram notadamente superiores.

Assim como o desempenho funcional analisado anteriormente por Alves (2012), parece interessante avaliar também como diversas composições familiares interagem com o espaço disponível nos apartamentos desse período. *O enfoque deve incorporar o tempo que passa e modifica as pessoas e as situações, não só pelo natural envelhecimento, mas pelo gradiente de imprevisibilidade que também transforma* (MASCARÓ; GIACOMIN; QUADROS, 2007, p. 1).

Cabe ressaltar, ainda, que a realidade econômica brasileira não beneficia o projeto ideal de moradia, isto é, aquele que atenderia à totalidade das necessidades presentes e futuras da família moradora. No entanto, nenhum Estado tem a capacidade de oferecer tal estrutura.

O Brasil, em particular, com sua diversidade e dinamicidade cultural, apresenta características ainda mais complexas uma vez que em um mesmo grupo social podem ser percebidas diferentes formas de utilização dos ambientes da casa (PALERMO, 2007, p. 6).

Quando o edifício é projetado em condições viáveis de ser adaptado às reais necessidades dos seus moradores ao passar dos anos, fica evidenciada uma aproximação do projeto com o perfil de seu usuário. Vale ressaltar que o morador não deve ser um agente passivo dentro de sua moradia.

Assim, a arquitetura que já vem com “manual de uso”, ou seja, que inviabiliza a adequação do imóvel às necessidades do usuário, vem a cada dia sendo superada por uma dinâmica mais adaptável.

Diversos são os motivos que levam os indivíduos a modificarem suas residências ou desejarem fazê-lo. O mero fato dos ocupantes de uma edificação estarem cientes de que existem possibilidades de fácil modificação ou adaptação da mesma, especialmente de *layout*, surte um efeito positivo diretamente sobre a satisfação dos mesmos com relação ao imóvel (BRANDÃO, 2002, p. 195).

Em Maceió, a década de 1980 foi eminentemente marcada por um processo de verticalização em ritmo acelerado. De acordo com Barbosa (2009, p.80), nessa mesma década além da arquitetura residencial, também houve um forte estímulo ao turismo – Maceió foi denominada pelo marketing público de “Paraíso das Águas”, tendo sido divulgadas inúmeras propagandas pelo país.

O resultado dessa divulgação massiva foi a implantação no Estado, de grandes redes hoteleiras, cujas instalações também se davam por meio de edifícios verticais.

Desta forma, é necessário, pois, compreender melhor como as composições familiares lidam com o espaço disponível nos edifícios da década de 1980 na cidade de Maceió, tendo em vista que nesse período o mercado imobiliário ainda não dispunha de uma variedade de “opções” para os clientes em relação à flexibilidade no projeto como nos dias atuais.

1.3 Objetivo Geral

Identificar os indícios de flexibilidade, com ênfase nos ambientes reversíveis, nos projetos de edifícios multifamiliares aprovados no período de 1980-1985 na cidade de Maceió/AL.

1.4 Objetivos Específicos

- Apresentar um breve histórico do recurso de flexibilidade na História;
- Identificar os indícios de flexibilidade espacial nos projetos agrupados a partir do levantamento dos edifícios multifamiliares do período de 1980-1985 registrados pelo GEPA (FAU/UFAL);

- Descrever os modos de uso e apropriação dos moradores de edifícios construídos no período estudado quanto ao dormitório reversível.

1.5 Estrutura da Dissertação

A dissertação estrutura-se em quatro capítulos:

No Capítulo 1, aborda-se de maneira detalhada o conceito de flexibilidade e as diversas interpretações de autores que estudam o tema com ênfase no processo de reversibilidade no projeto. Em seguida, apresenta-se um breve histórico da flexibilidade na arquitetura nos grandes centros brasileiros.

No Capítulo 2, descrevem-se os instrumentos utilizados durante a pesquisa e as etapas percorridas. Apresentam-se os edifícios escolhidos como objeto empírico deste estudo, quantidade de apartamentos visitados e instrumentos para registros dos possíveis indícios de flexibilidade. A Análise dos projetos dos edifícios multifamiliares e seus respectivos resultados realizam-se em duas partes: (i) Descrição dos critérios para considerar um projeto com indícios de flexibilidade baseados em Brandão (2002) e Brandão e Heineck (2003); (ii) Análise dos projetos de edifícios nos quais se encontram, em específico, dormitórios reversíveis. Os autores escolhidos foram Saleiro, Martins e Magalhães (2005) e Saleiro (2009).

No Capítulo 3, os edifícios são descritos e classificados em grupos de acordo com as características encontradas na observação de plantas baixas. (presença de dormitório reversível; de dependência de empregada; de banheiro reversível; ausência de dependência de empregada). A classificação será por meio de esquemas desenhados em planta baixa, fotos dos edifícios na cidade e localização na cidade de Maceió.

No Capítulo 4, apresentam-se os resultados da análise dos ambientes reversíveis encontrados nos sete edifícios em estudo, cujos moradores responderam ao questionário e permitiram o registro fotográfico do ambiente para melhor ilustrar o uso ao qual se destinou.

2 FLEXIBILIDADE NA ARQUITETURA: TIPOS, PRINCÍPIOS E ESTRATÉGIAS

Neste capítulo aborda-se a flexibilidade e alguns exemplos de interpretações com ênfase no projeto flexível. Os principais tipos, princípios e estratégias de flexibilidade, seus conceitos e aplicações. Em seguida, apresenta-se um breve histórico na arquitetura dos grandes centros brasileiros.

2.1 A Flexibilidade na Arquitetura

A flexibilidade na Arquitetura está intrinsecamente relacionada à qualidade do projeto ao longo de tempo. As linhas de interpretação sobre o tema englobam 2 entendimentos principais: (i) algo a ser pensado previamente no projeto do edifício; (ii) fruto de um processo de tomada de decisões pelo próprio usuário ao longo do tempo de ocupação.

2.1.1 A Flexibilidade Pensada Previamente ao Projeto

Elabora-se o projeto de um apartamento com foco no que se oferta ao futuro morador, para permitir que o mesmo decida facilmente quanto a reformas e escolha dos usos que fará nos ambientes disponíveis.

Algumas opções como a variedade de escolha de plantas durante a obra e o acompanhamento de alterações no projeto pela relação futuro morador-construtor auxiliam na possibilidade do projeto previamente personalizado.

Destacam-se nessa linha de interpretação 10 estudos: Galfetti (1997); Brandão e Heineck (2003); Saleiro, Martins e Magalhães (2009); Habraken (2000); Avi Friedman (2002); Mascaró, Giacomini e Quadros (2007); Finch (2009); Schneider e Till (2005); Gibson (2001) e Hofmann(1982).

Para Galfetti (1997) *apud* Brandão (2006, p.133), entende-se por flexibilidade o grau de liberdade estrutural que torna possível a manutenção da diversidade de modos de vida da sociedade moderna.

Brandão e Heineck (1998) reforçam a ideia de que pensar na flexibilidade no momento da construção é imprescindível para encurtar a distância entre o projeto inicial e aquilo que o cliente idealiza.

Nesse mesmo sentido, Saleiro, Martins e Magalhães (2005, p. 5), afirmam que:

(...) A arquitetura não dita normas do desenvolvimento humano, mas contempla, em primeiro lugar, as necessidades dos indivíduos e de grupos sociais, abrigando-os, e sobre estes exerce uma ação, pois constitui parte do ambiente que ela própria organiza, de acordo com os seus gostos específicos, também deve organizar e equipar edifícios que corresponderão corretamente ao seu próprio uso, de modo a tornar os locais criados mais cômodos e produtivos possíveis.

O conceito da flexibilidade espacial é estritamente ligado à ideia de adequação correta de uso do espaço para melhor ajustar-se às necessidades dos usuários.

Habraken (2000, p.50) considera o tema da flexibilidade como um item a ser devidamente planejado. Além disso, investiga as consequências decorrentes das opções escolhidas.

Já para Avi Friedman (2002, p.12), o arquiteto oferta flexibilidade no âmbito do projeto, deixando propositalmente lacunas no mesmo para que o usuário venha a tomar decisões sobre como melhor gerir sua moradia.

Em sua visão, flexibilidade é a capacidade de prover os ocupantes com meios que facilitem o ajuste entre as necessidades espaciais e as restrições das moradias.

Mascaró, Giacomini e Quadros (2007, p.1) destacam a pouca disponibilidade de modificações nos apartamentos em altura, para que haja uma otimização desses projetos. Para eles, a flexibilidade traz o desafio de reinterpretar a arquitetura para além da visão estática que vinha sendo oferecida pelos projetos convencionais.

Edward Finch (2009, p. 12) conceitua a flexibilidade como um processo contínuo, no qual os edifícios não são soluções acabadas, mas sim em desenvolvimento, para melhor se adequar ao estilo de vida de seu usuário.

A durabilidade de um projeto acontece através da realização de modificações fora do âmbito estrutural, o usuário apenas expressa modos de vida.

Nesse sentido, preceitua, *ipsis litteris*:

A habitação flexível tem o potencial para incentivar os usuários a expressarem-se em seu conceito de vida, porque ela aceita que a sociedade – partindo de uma macro escala para uma micro escala - não é um modelo estático, mas entende a mudança como uma condição prévia, promove progressividade em vez de estagnação (FINCH, 2009, p. 9).

O projeto, por meio da flexibilidade, passa a prestigiar não só as necessidades em massa, mas sim as aspirações e desejos individuais que cada usuário apresenta nos edifícios residenciais multifamiliares.

Schneider e Till (2005, p.165) demonstram preocupação com a influência exercida pelo mercado imobiliário na produção padronizada e estática de edifícios. De acordo com os mesmos, este setor empresarial necessita dar um passo atrás do que vêm ofertando para tentar se colocar no lugar de seus clientes e melhor entender os seus desejos a serem traduzidos na forma de morar.

Devem, portanto, observar as pessoas com cuidado e analisar como eles vivem suas vidas durante seu cotidiano, ponto central que deve nortear o processo de confecção do projeto (os estudos acadêmicos têm a oportunidade de fornecer dados ao mercado imobiliário para tal).

Dentro desse contexto, Gibson (2001, p. 40) também argumenta que a flexibilidade é um conceito multidimensional, que requer diferentes tipos para soluções diversas.

O autor enfatiza que a flexibilidade tornou-se cada vez mais importante, por três razões principais:

(a) As organizações têm de operar em ambientes cada vez mais imprevisíveis;

(b) A prática de experimentação e uso de projetos-piloto é mais comum entre os gerentes seniores;

(c) As organizações estão constantemente se reinventando, principalmente com a adoção da reengenharia de processos de negócio e da aplicação de novas tecnologias.

Sugere, então, que os gestores imobiliários precisam entender exatamente o tipo de flexibilidade necessária no projeto, para melhor atender a que se propõe: possibilitar opções diferenciadas ao usuário.

Por fim, Hofmann (1982, p.123) defende a necessidade de um melhor planejamento das habitações modernas. O lar deve corresponder às expectativas e influenciar o comportamento do ser humano.

Para o autor, a variabilidade e a flexibilidade são critérios imprescindíveis, embora continuem restritos a estudos na área acadêmica, sendo timidamente utilizados na prática construtiva brasileira, a qual se manteve atenta apenas às possibilidades economicamente mais rentáveis.

A plena satisfação de todos os ideais aspirados pelo morador é uma ideia utópica da Arquitetura. No entanto, um conceito mais realístico do tema é a abertura de brechas para que se discuta o mais próximo possível do que pode ser idealizado pelo usuário.

A flexibilidade, pois, pode ser considerada como um conceito mutável.

Socialmente, é importante que o usuário tenha o controle de suas escolhas enquanto maneiras de se morar, definindo prioridades no momento da construção ou ao longo do seu uso. O imóvel deve ser capaz de ajustar-se a eventuais modificações, tais como novos moradores, alterações nas composições familiares, dentre outras.

A flexibilidade, portanto, gira em torno da imprevisibilidade que a vida impõe, e a habilidade oferecida por tal recurso exige uma antecipação temporal complexa, a qual não pode se condicionar totalmente.

2.1.2 A Flexibilidade como Tomada de Decisões Pelo Usuário

O projeto do apartamento é pensado e elaborado com foco no usuário, que por si mesmo encontra a fluidez, o seu ritmo do movimento pelos ambientes, sejam separados por portas ou não, apenas fluídos uma vez e/ou nas diversas vezes em que seus desejos e atividades se modificam.

A incerteza contemporânea conduz o indivíduo hiperindividualista a encontrar pontos de referências múltiplos que o arquiteto jamais poderá suprir completamente.

O usuário aqui está livre para adaptar-se ao espaço que lhe foi vendido ou entregue dentro das restrições espaciais que cada edifício naturalmente traz consigo. Destacam-se nessa linha de interpretação 04 estudos: Brandão (2006); Habraken (2000); Hertzberger (1999) e Abreu e Heitor (2006).

Brandão (2006, p.46) utiliza o termo “habitação evolutiva” para definir a edificação em constante modificação ao longo de sua vida útil. A organização do espaço e o projeto arquitetônico devem ser compatíveis com diferentes padrões de vida no decorrer do tempo.

A “Teoria dos Suportes” de Habraken (2000) constitui-se na base da consolidação das ideias sobre flexibilidade. Segundo a mesma, um edifício residencial deve possuir o Suporte, isto é, uma parte principal e comum a todos os moradores, proporcionando a infraestrutura e serviços necessários a todos.

A outra parte seria o Conteúdo, que condiz diretamente a cada unidade habitacional individualmente considerada, cuja vida útil pode ser traduzida em curtos ciclos, já que sofreria modificações a cada troca de moradores ou até mesmo ao longo da vida dos usuários iniciais.

O arquiteto holandês Herman Hertzberger (1999) foi o maior crítico da ideia de que o projeto flexível deveria ser executado por meio de espaços com funções previamente estabelecidas. Para o autor, a flexibilidade só seria efetivamente garantida por meio de projetos, cujos espaços poderiam ser definidos livremente pelos seus usuários.

O excesso de divisão dos espaços por funções prejudica o desenvolvimento da integração e polivalência, tão importantes para o projeto flexível. Para o arquiteto, o ideal seria uma forma que suportasse diversas funções sem que, para isso, ela precisasse ser constantemente modificada. Logo, flexibilidade pressuporia, para o mesmo, uma divisão multifacetada dos espaços do imóvel.

Por fim, flexibilidade para Abreu e Heitor (2006, p.78) é a capacidade do espaço físico se adaptar ao processo dinâmico do habitar. Ressaltam que o uso do espaço doméstico deve ser compreendido como algo dinâmico, que acompanha a evolução da sociedade e não se mantém, pois, fixo no tempo e espaço.

O conceito de flexibilidade pode ser entendido como a capacidade de adaptação do espaço doméstico aos usos praticados pelos moradores, de modo a responder ao longo do tempo com eficácia e em condições de segurança às necessidades e expectativas dos mesmos.

2.2 Os Tipos, os Princípios e as Estratégias de Flexibilidade

2.2.1 Os Tipos de Flexibilidade

O edifício vertical pode apresentar a flexibilidade de maneiras diferentes. Apesar da variedade existente de nomenclaturas, a tentativa dos estudiosos sobre o tema em estabelecer conceitos sobre flexibilidade, elas guardam entre si uma linha de pensamento em comum em relação ao significado da capacidade do espaço físico de se adaptar às necessidades dos usuários.

A cada um aplicam-se tipos específicos, diferenciados entre si apenas por formas de obtenção de flexibilidade como arranjos espaciais ou formas dos ambientes. Em compilado dos estudos de Brandão e Heineck (2003); Brandão (2002); Gibson (2001) e Paiva (2002) existem 5 tipos de flexibilidade:

i. **Flexibilidade Inicial:** Aquela direcionada ao momento de concepção do projeto até a data de sua ocupação. Incluem-se as modificações realizadas durante a obra e as possibilidades oferecidas pelo construtor;

ii. **Flexibilidade Contínua:** Constituem-se em estratégias que são aproveitadas ao longo da vida útil da habitação, portanto posteriormente ao momento do projeto;

iii. **Flexibilidade Mecanicista:** Quando o espaço depende de equipamentos móveis ou tecnologias para que seja realizada;

iv. **Flexibilidade Realista:** Quando são empregados esquemas, como os espaços de uso simultâneo ou múltiplo, espaços com dimensões neutras ou tecnologias simples, a exemplo da substituição de portas para agregar ou dividir ambientes, para que esta se torne possível;

v. **Flexibilidade financeira:** A ideia seria que cada um arcasse financeiramente pelo nível de flexibilidade por ele almejado, evitando-se, assim, a obsolescência dos espaços. Gibson (2001).

2.2.2 Os Princípios de Flexibilidade

A flexibilidade não se resume apenas à escolha de diferentes *layouts*. Inclui, ainda, o potencial de incorporar novas tecnologias ao longo do tempo, adaptar-se às mudanças demográficas ou mesmo transformar completamente o uso do espaço residencial para outro fim qualquer. Alguns autores indicam princípios norteadores para se obter a flexibilidade tão desejada.

Segundo Rosso (1980) apud (RABENECK; SHEPPARD; TOWN, 1974, p. 76), o recurso da flexibilidade se faz possível a partir de princípios como a flexibilidade, a adaptabilidade, a ampliabilidade e a agregação de funções.

Brandão (2002, p.219) define, ainda, o recurso da flexibilidade a partir de 5 princípios fundamentais:

i. **Diversidade Tipológica:** O cliente escolhe o *layout* do apartamento *a priori* ou quando existe mais de uma opção de planta no projeto;

ii. **Flexibilidade Propriamente Dita:** Como a liberdade de realizar alterações dentro de um perímetro espacial rígido. O edifício residencial por si só possui um vedo perimetral que precisa ser respeitado por conta de limitações espaciais;

iii. **Adaptabilidade:** O mesmo espaço exerce funções simultâneas ou existe a possibilidade de troca de função. Assegura a polivalência ao dar a um determinado ambiente do edifício, alternativas para seu uso;

iv. **Ampliabilidade:** É a forma de flexibilidade mais conhecida, porém acontece de maneira limitada na tipologia de apartamentos. Existe a possibilidade de unir uma peça de uma habitação à outra adjacente em apartamentos contíguos, aumentando o espaço disponível em um deles. Outra possibilidade seria a junção de ambientes de forma interna, por exemplo, para a ampliação de uma suíte, utiliza-se o dormitório vizinho;

v. **Possibilidades de Junção/Desmembramento:** Tem lugar quando ocorre a junção de duas unidades formando uma só, ou quando, porventura, uma unidade se separa em duas células. Não é frequentemente observado em tipologia de apartamentos.

Abreu e Heitor (2006, p.198) têm um pensamento semelhante em relação à adoção de estratégias para se obter um projeto flexível tanto em relação à organização espacial, como aos processos construtivos, sendo possível identificar, nesse esteio, 5 tipos distintos de flexibilidade:

i. **Conversão:** se dá por meio da alteração na configuração espacial, a exemplo de um determinado dormitório reversível que seja transformado em um escritório;

ii. **Polivalência:** neste caso não haverá alteração na configuração espacial, mas tão somente a adoção de vários usos no mesmo espaço;

iii. **Expansão:** traduzida por alteração dos limites, seja no sentido vertical ou horizontal, proporcionando um aumento da área;

iv. **Multifuncionalidade:** por adaptação do espaço a várias usos (habitação, comércio, escritórios), podendo ocorrer ou não alterações na configuração espacial;

v. **Diversidade:** concretizada por meio da adoção da variedade tipológica conjugada num edifício.

2.2.3 As Estratégias de Flexibilidade

As estratégias definidas por Brandão (2002, p.458) visam prover a flexibilidade de maneira mais simples para o morador. São 6 estratégias:

i.Cômodos ou ambientes reversíveis: A inclusão de dois ou mais acessos para o ambiente pode torná-lo mais versátil. Pode-se, assim, criar situações variadas para sala, quartos e também para banheiros. Com dois acessos, por exemplo, um banheiro pode ser social e ao mesmo tempo, pode funcionar como banheiro da suíte;

ii.Cômodo multiuso: É importante que um apartamento possua pelo menos um espaço ou ambiente considerado como de uso múltiplo. Esse cômodo deve estar situado em posição estratégica na planta, geralmente mais centralizado, propiciando uma contribuição para a flexibilidade do projeto. Os quartos multiusos são mais comuns da seguinte forma: além de dormitório, funcionam também como escritório e sala de TV e som;

iii.Alternância entre isolar e integrar: Esta característica pode ser obtida por meio de portas e painéis de correr, de dobrar, pivotar, ou, ainda, com diferentes tipos de divisórias e biombos, substituindo, assim, as paredes tradicionais, onde o usuário poderá optar por isolar o ambiente ou integrá-lo a algum outro, a depender da sua necessidade. Em geral, esses dispositivos são utilizados em sua maioria como forma de ampliar a sensação de espaciosidade, quando dois ou mais ambientes contíguos são integrados;

iv.Baixa hierarquia: Obtêm-se quando cômodos como quartos e banheiros são equivalentes ou mais próximos em tamanho e forma, o que acaba gerando maiores possibilidades de alternância de função dos mesmos. Em geral, os projetos brasileiros costumam visar à alta hierarquia, destinando-os para a família nuclear tradicional, mas precisam adequar-se à diversidade de composições familiares existentes;

v.Comunicações e acessos adicionais: Característica ligada ao conceito de planta do tipo circuito, a qual é marcada pela facilidade de ligação entre os ambientes. Podem não afetar diretamente as conversões ou reversões dos

ambientes, mas adicionam mais versatilidade de usos aos mesmos. A maior acessibilidade também se constitui em fator de baixa hierarquia das plantas;

vi. Mobiliário planejado: Estantes, armários e outros móveis de fácil deslocamento ou movimentação são usados para dividir ambientes. Além de gerar flexibilidade, sua utilização pode reduzir a construção de paredes tradicionais. As alternativas são ilimitadas e podem ser criativas, como, por exemplo, mesas corrediças ou dobráveis, camas escamoteáveis, estantes giratórias, ou seja, dispositivos que visam à alternância de usos de um mesmo ambiente ou de ambientes contíguos. Além disso, pode ser considerado o uso dos móveis planejados, utilizados em apartamentos para possibilitar um melhor aproveitamento do espaço disponível.

2.2.3.1 A Reversibilidade no Projeto Flexível

Saleiro (2009, p.250), em sua tese de doutorado, define a “flexibilidade e suas variações nas plantas”. Na análise do processo de reversibilidade, os critérios destacam as demais possibilidades de modificações em plantas que o projeto permite.

a) Reversibilidade: um grau de adaptabilidade para funções futuras;

b) Permeabilidade: permite transpassar, espaços que integram. Existem acessos;

c) Contiguidade: apresenta um viés geométrico, sem portas.

Para o autor, **reversibilidade** é a possibilidade de fazer a junção entre setores. A **permeabilidade** permite transpassar, os espaços interagem por meio de acessos ou complementam-se os usos. Por fim, a **contiguidade** é a flexibilidade com viés geométrico, sem o acréscimo de acessos.

Saleiro, Martins e Magalhães (2005, p.8) que dividem os ambientes reversíveis em 2 tipos:

1) ação protagonista: o ambiente assume um desempenho diferenciado do uso original, requalificando-o espacialmente;

2) ação coadjuvante: ambiente cuja nomenclatura será a mesma do compartimento que passou a ser incorporado.

2.3 Histórico da Flexibilidade na Arquitetura

O uso do recurso da flexibilidade não é algo recente na construção civil. De acordo com Brandão (2002, p.290), desde a Revolução Industrial as habitações já apresentavam um caráter multiuso.

Dorfman (2002, p.87) afirma que a Revolução Industrial conjugou demandas à conversão dos edifícios tradicionais em utensílios com mais flexibilidade de usos. Os avanços das técnicas construtivas foram progressivamente viabilizando o atendimento das novas necessidades.

Exemplos de técnicas construtivas são materiais como o aço, o ferro e, por fim, o concreto armado, que contribuíram para a construção de edifícios em altura.

Vale ressaltar que a flexibilidade já existia antes de tal marco histórico mundial, mas foi com ele que a mesma fora mais difundida, graças à inserção de novos materiais na construção civil, bem assim o surgimento de novas técnicas construtivas.

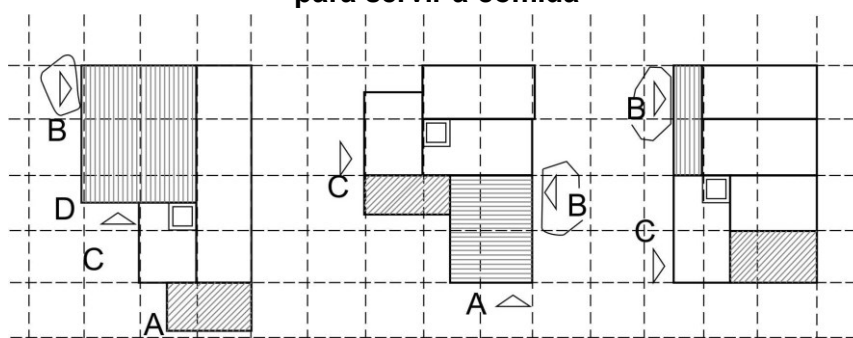
Nesse sentido, *in verbis*:

A gênese da residência flexível no âmbito da morfologia, no que compete a arranjos espaciais, não remete ao século XX. Flexibilidade é um conceito antigo, pois se encontra nas origens da habitação a ideia de um habitat que se amolde facilmente às mudanças da vida humana. A habitação, era idealizada e construída pelas próprias pessoas, o que acarretava numa materialização do espaço personalizado, muitas vezes adaptável e evolutivo, havendo um equilíbrio entre aquilo que necessitavam com os meios que dispunham para construir. (SALEIRO FILHO, 2009, p.230).

WERNER (1993, p.13) faz um estudo sobre os fundamentos da tradição construtiva no Japão, cujos séculos VII e VIII encontram-se elementos de compartimentação espacial e de revestimento de madeira naquela arquitetura, indícios que apontam claramente uma flexibilidade (figura 2.1).

Para justificar tal apontamento, o autor fala sobre as casas de chá, cujas coberturas eram compostas de elementos fixos e móveis, tais como divisórias finas de papel, conduzidas pela égide modular do tatame (considerado unidade de medida para determinar o tamanho de um cômodo (90 cm x180cm) a partir do século XV).

Figura 2.1- Plantas Esquemáticas de Casa de Chá Tipo. Onde “a>” é reservado para a pintura; “b>” entrada de convidados; “c>” entrada para servir o chá; “d>” entrada para servir a comida



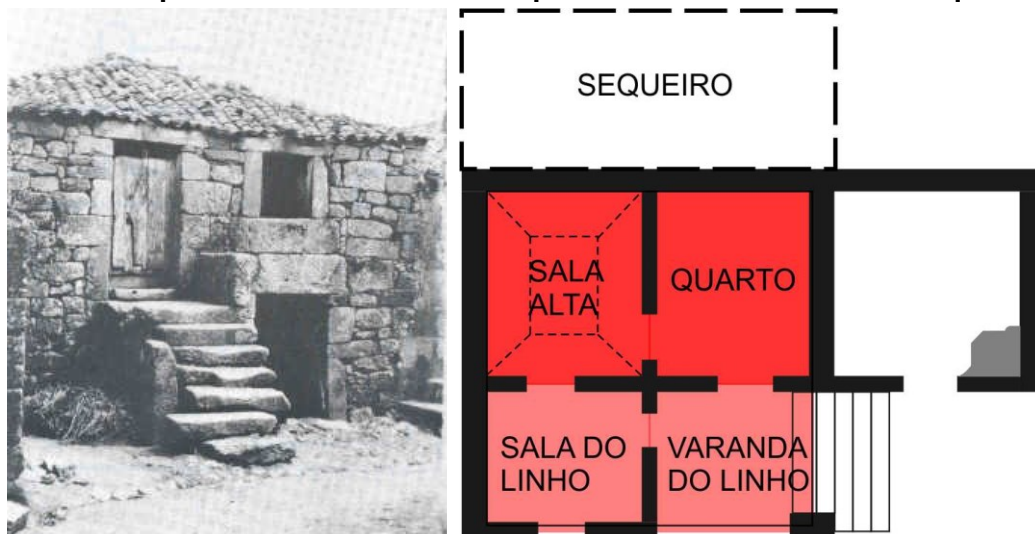
Fonte: Revista “A+T, Vivienda y Flexibilidad, nº 12, 1998. Adaptado pela autora, 2016.

MOUTINHO (1979) *apud* SALEIRO (2009, p.125) revela que no período compreendido entre os séculos XVII e XIX, pré-Revolução Industrial, já se podia observar habitações vernaculares conformadas em Portugal, sob a égide da flexibilidade espacial. Lança uma divisão entre as habitações pertencentes ao Norte Litoral e do Norte Interior, respectivamente “casas minhotas” e “casas serranas” (Figuras 2.2 e 2.3).

Na “casa minhota” apresenta arquitetura de baixa hierarquia espacial dos compartimentos, facilitando os arranjos no que compete aos atributos funcionais.

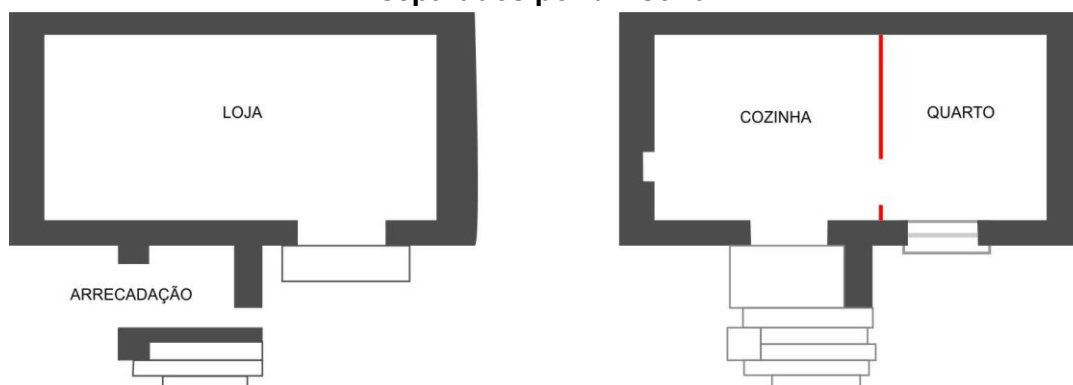
Já na “casa serrana” a flexibilidade é norteada pelo emprego de materiais construtivos, a divisão espacial é materializada por partições leves de madeira caiadas de branco, proporcionando uma maior adaptabilidade.

Figura 2.2- Exemplo de casa minhota e sua planta baixa com baixa hierarquia espacial



Fonte: MOUTINHO, Mário. A Arquitectura Popular Portuguesa. Lisboa: Imprensa Universitária Editorial Estampa, 1979, p. 55. Adaptado pela autora, 2016.

Figura 2.3- Casa serrana e sua planta baixa com loja térrea. Cozinha e quarto separados por divisória.



Fonte: MOUTINHO, Mário (1979). Adaptado pela autora, 2016.

CLARK (1986) *apud* DIGIACOMO (2004, p.222) aborda a versatilidade dos espaços, característica da residência burguesa americana do século XIX. Os vãos de acesso, portas, eram estrategicamente posicionados, permitindo que o usuário se adaptasse aos espaços conforme suas necessidades ao longo do dia. Essa tipologia de planta estandardizou pela América do Norte, com boa aceitação em diferentes estruturas familiares (figura 2.4).

Figura 2.4 - Planta Esquemática Residência Urbana, Estados Unidos da América. (Baixa Hierarquia dos ambientes roxos e rosas; Circulações em vermelho).



Fonte: DIGIACOMO, Mariuzza Carla. Estratégias para Projeto de Habitação Social Flexível. Dissertação, POSARQ / UFSC, 2004, p. 23. Adaptado pela autora, 2016.

No entanto, é inegável que a Revolução Industrial funcionou como mola propulsora na difusão da flexibilidade no setor imobiliário. Ela demarca um período em que a habitação estaria voltada para atender ao operariado, ressaltando-se aqui o processo produtivo em série, isto é, a padronização de tudo que fosse produzido.

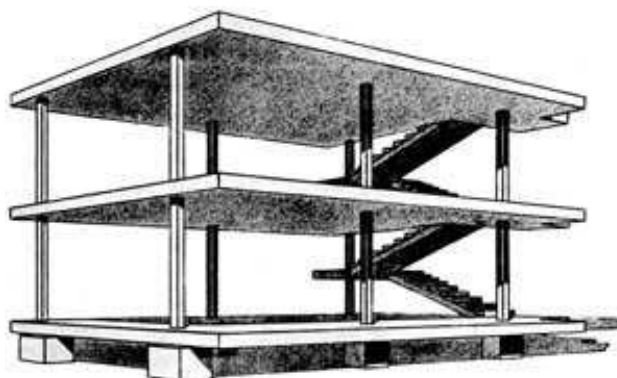
Neste momento, a industrialização se baseava na pré-fabricação pesada e em sistemas fechados. Com o término da Segunda Guerra, que devassou inúmeras construções, a industrialização e a repetição de modelos serviu plenamente à reconstrução de moradias (SERAPIÃO, 2001, p.34).

O uso das estruturas metálicas e do concreto armado permitiu a execução de grandes vãos livres, além de permitir que a verticalização dos edifícios em altura fosse tecnicamente possível.

Os programas funcionais típicos da sociedade industrial passaram a exigir espaços fechados em que pessoas, mercadorias e equipamentos pudessem ser abrigados e movimentados em escalas e dimensões até então inéditas na evolução da arquitetura e das construções; esta ampliação de escala foi fator de estímulo ao desenvolvimento de soluções técnico-construtivas capazes de viabilizar a multiplicação dos edifícios dotados de grandes vãos-livres (DORFMAN, 2002, 90).

Ainda segundo Zevi (1970, p.115), a liberação do conjunto de paredes (internas) da sua função portante foi um passo fundamental em termos de ganho de flexibilidade funcional dos edifícios; isto ficou claramente expresso no conceito da “planta-livre”, de Le Corbusier — traduzida em zoneamentos, divisões e dimensionamentos dos espaços internos definidas, a partir dali, em resposta às exigências colocadas pelas atividades a abrigar, livres das limitações impostas pela sustentação do edifício¹ (figura 2.5).

Figura 2.5- Sistema Domino



Fonte: BESSET, Maurice. Le Corbusier. Genève: Editions d'Art Albert Skira S.A., 1968, p. 69.

A noção de sistema aberto formulou-se neste momento, como resposta à exigência por flexibilidade que os sistemas fechados não haviam logrado êxito em atender. Multiplicaram-se, a partir daí, os sistemas de divisórias, de instalações hidrossanitárias, de iluminação, de pisos e de fechamentos oriundos de fabricantes diversos, capazes de adaptarem-se a diferentes estruturas portantes. (DORFMAN, 2002, p.78).

Somente a partir do século XX é que se pôde observar de maneira mais nítida uma flexibilidade arquitetônica que se preocupa com o espaço doméstico. Tal recurso recebe variações na nomenclatura, como expansibilidade, reversibilidade,

¹ Le Corbusier encanta-se com os atributos da produção em série dos automóveis, aviões, locomotivas (vagões Pullman) e transatlânticos, expressando através de seu livro “Por uma Arquitetura”, uma ode à era das máquinas, fundamentando também uma produção em série de habitações para todos – a máquina de viver. In: LE CORBUSIER. Por Uma Arquitetura. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004, p.57 a 87.

dentre outros. A terminologia para apontar as possibilidades de alterações na planta baixa passa a ser denominada pelo termo “personalização” dos usos.

Nesse entremeio, houve uma tendência à redução do espaço útil da habitação como necessidade sócio-cultural, concebendo-se zonas comuns de sobreposição de atividades cotidianas diferentes, com um espaço mínimo necessário. Enquanto isso na Alemanha em 1927, o projeto de Mies van der Rohe, apresenta blocos de apartamentos planejados para aluguel, consolidando uma tipologia específica para o segmento no século XX (imagem 2.1; figuras 2.6; 2.7 e 2.8).

Imagem 2.1 - Habitação Multifamiliar : Arquiteto Mies Van der Rohe – Weisenhofsiedlung Stuttgart, 1927.



Fonte: <http://www.afewthoughts.co.uk>, acesso em 10 de Maio de 2016.

Figura 2.6- Plantas com Flexibilidades Espaciais Estudos do Arquiteto Mies Van der Rohe: Weisenhofsiedlung- Stuttgart, 1927.



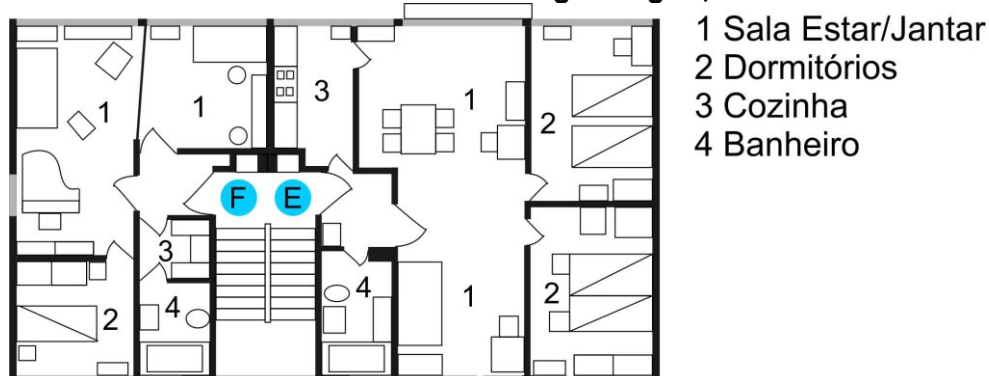
Fonte: <http://www.afewthoughts.co.uk>, acesso em Maio, 2016. Adaptado pela autora, 2016

Figura 2.7- Plantas com Flexibilidades Espaciais Estudos do Arquiteto Mies Van der Rohe: Weisenhofsiedlung- Stuttgart, 1927.



Fonte: <http://www.afewthoughts.co.uk>, acesso em Maio, 2016. Adaptado pela autora, 2016.

Figura 2.8- Plantas com Flexibilidades Espaciais Estudos do Arquiteto Mies Van der Rohe: Weisenhofsiedlung- Stuttgart, 1927.



Fonte: <http://www.afewthoughts.co.uk>, acesso em Maio, 2016. Adaptado pela autora, 2016.

Segundo Saleiro (2009, p.180), os volumes habitáveis de dimensões mínimas se converteriam em habitáculos que poderiam ser manejados de inúmeras formas, de acordo com as necessidades existentes. A economia do espaço se converte, assim, na razão fundamental para a adoção da reversibilidade dos projetos, destacando a sobreposição de funções que fica evidência no *layout* dos mesmos.

Inicialmente, a família burguesa estaria correlacionada a uma concepção de habitação extremamente compartimentada e setorizada: tal morada definiria zonas de prestígio – as salas; zonas de exclusão – como cozinhas, banheiros e quartos de empregados –, e zonas íntimas – os quartos de dormir da família. E é esta

tripartição, social/serviço/íntimo, que persiste até os dias de hoje nos projetos habitacionais (BRANDÃO, 2002, p.378).

Vale ressaltar que, de acordo com Zabalbeascoa (2013), em “Tudo sobre a Casa” a evolução da moradia acontece em conjunto com as mudanças de hábitos e características culturais das famílias. Descreve com nitidez a história de 6 espaços-banheiro, cozinha, dormitório, jardim, sala, sala de jantar.

De acordo com Galfetti (1997, p.23), durante a década de 1960, a flexibilidade era colocada como uma solução universal utilizada pelos arquitetos para promover a pluralidade, tolerância e informalidade na questão de estilos de vida. A tendência, pois, seria uma personalização que diminuísse a distância entre a expectativa do futuro morador e as reais possibilidades oferecidas pelo imóvel.

2.3.1 O Recurso da Flexibilidade no Brasil

As transformações na Arquitetura em relação ao recurso da flexibilidade aconteceram de maneira tardia no Brasil. Dentre alguns fatores, destaca-se a rejeição inicial dos preceitos modernistas na produção da habitação.

Se na Europa, a nova arquitetura apoiava-se nos pressupostos da produção industrial, inscrevendo as moradias numa proposta mais ampla de transformação social, no Brasil, a evolução dos desenhos da moradia segue um ritmo próprio muito longe da ênfase europeia, sobretudo a alemã, de acompanhar os conceitos de produção industrial, até porque esta última se desenvolve de forma tímida na primeira metade do século XX, dificultada tanto quanto possível por uma classe dominante defensora das exportações de café e importação de produtos manufaturados (BRANDÃO, 2002, p. 310).

Segundo Veríssimo e Bittar (1999, p.109), a casa burguesa, desde os tempos coloniais, quando o modelo familiar original era o patriarcalismo latifundiário, procura manter a permanência na setorização, carregando em si valores segregacionistas. A casa desta burguesia brasileira que adentra o século XX espelhava-se nitidamente em suas congêneres do final do século XIX.

São bem definidas as dependências de prestígio, as áreas íntimas e os espaços de rejeição – cozinha e quartos de empregados. Portanto, a flexibilidade ainda não era um item considerado na moradia, já que as definições dos usos dos espaços seguiam de acordo com predicados sócio-culturais bem definidos. As descrições das residências cariocas e paulistanas da época eram totalmente semelhantes aos interiores burgueses europeus:

A grande vitrine do êxito social é a habitação, lugar de existência da família, elemento de fixação do homem, objeto de investimento financeiro. A presença de empregados domésticos é indispensável, ainda que relegados aos fundos e aos cantos sombrios. As dependências de prestígio - salas e, eventualmente, quartos - voltam-se para a fachada principal. (...) As exigências de privacidade escondem dos olhos do visitante e do público os espaços íntimos. Banheiros (...) cozinhas e quartos de empregados são considerados espaços de rejeição. (...) Os espaços de higiene são, via de regra, cômodos pequenos e mal ventilados; a cozinha vai progressivamente equipar-se com utensílios e móveis tornando-se o centro nervoso da habitação, sem, contudo, fazer parte de seus cômodos representativos. (...) Está consolidada a tripartição burguesa da habitação. (TRAMONTANO, 1993, p.15).

Além disso, de acordo com Brandão (2002, p.179), no início do século XX era necessária a habitação destinada a um contingente de imigrantes ou trabalhadores rurais que seguiam para as cidades atraídas por melhores condições de trabalho.

Com a falta de moradias frente ao rápido crescimento populacional na virada do século, estes alojamentos eram precários, pois abrigavam famílias inteiras, em sua maioria.

Além disso, as divisões internas eram feitas por cortinas, armários ou eventualmente painéis de madeira improvisados. É provável que esta imagem de precariedade associada à miséria material, represente características que as casas duráveis das pessoas com algum êxito social jamais deveriam expressar. Isso pode explicar o insucesso de propostas posteriores, por exemplo, de utilização de painéis leves, divisão de ambientes com mobiliário, ou seja, propostas de flexibilidade que comumente são rejeitadas até os nossos dias (BRANDÃO, 2002, p.320).

O reconhecimento do recurso de flexibilidade não estava associado ao status social ou melhoria no padrão financeiro do morador. Portanto, a motivação estética e a repetição da casa burguesa nos apartamentos foram os únicos indicadores de mudanças na residência vertical no início do século XX.

2.3.2 O Período entre Guerras e os Primeiros Edifícios em Altura

Após a Primeira Guerra Mundial aparecem os primeiros registros do processo de verticalização no país, segundo Reis Filho (1973, p.140), “aproveitando a grande valorização dos terrenos das áreas centrais, as novas possibilidades das estruturas metálicas, mas, sobretudo, do concreto, e o aparecimento dos elevadores”.

A ideia de empilhar várias casas, todas iguais entre si, mas confortáveis e isentas de promiscuidades que pudessem sugerir a pecha de encortiçamentos. (LEMOS, 1996, p.104).

Devido à resistência, expressa pela população, a uma maneira de morar tão diversa da costumeira casa térrea, eventualmente sobrado, as unidades eram concebidas de modo a recriarem, tanto quanto possível, o ambiente de origem de seus habitantes. A divisão interna, com sua sucessão de salas e saletas, bem como a indefectível tripartição social/íntimo/serviço, espelhava-se, voluntariamente, na casa burguesa da época, com evidentes e inevitáveis reduções de área e a supressão de espaços externos privativos de cada unidade (TRAMONTANO, 1993, p.12).

Veríssimo e Bittar (1999, p.26) explicam que a popularização só vem a se dar nos anos 40 para a classe média e segmentos mais baixos, com a construção dos conjuntos habitacionais.

A noção de flexibilidade dos espaços por meio da planta livre e a aceitação do uso de divisórias móveis ganharia força com a consagração da “nova arquitetura brasileira” pela crítica internacional, o que, segundo Bruand (1991, p.56) “sacudia firmemente o sentimento nacional brasileiro”.

O Edifício Esther, construído entre 1935 e 1938 em frente à Praça da República em São Paulo, é o primeiro edifício com estrutura independente de concreto produzido no Brasil, destinado ao uso de escritórios e habitações (imagem 2.2).

As zonas úmidas dos apartamentos bem como as circulações verticais e horizontais situam-se ao longo do seu eixo longitudinal, liberando extensa superfície para espaços de dormir e convívio, iluminados por longas faixas horizontais de janelas. A ampla flexibilidade assim obtida na concepção do Edifício Esther limita-se, porém, aos estágios de projeto e construção, visto que as vedações internas acabaram sendo realizadas em alvenaria de tijolos (BRANDÃO, 2002, p. 230).

Imagem 2.2- Edifício Esther.



Fonte: Bruand, 1991. "Edifício Esther, July 2012" por Vincent Bevins - Obra do próprio. Licenciado sob CC BY-SA 3.0, via Wikimedia Commons <https://commons.wikimedia.org/>. Acesso em maio, 2016.

Em paralelo ao processo de verticalização, continuava em andamento a industrialização, que trazia para a construção civil materiais produzidos nacionalmente e ajudavam a transformar o pensamento negativo em relação ao viver em apartamentos.

Inicialmente, a flexibilidade começa a parecer como uma “opção” na obtenção de versatilidade de usos e, por fim, uma extrema funcionalidade da moradia. Além disso, os edifícios facilitavam o processo construtivo por meio da inserção de materiais pré-fabricados.

A aceitação do Modernismo foi reforçada pelos acontecimentos da década de 1960, como a construção de Brasília. A tripartidação espacial, pois, é um conceito totalmente arraigado no Brasil, adotado pela maioria das habitações, sejam elas executadas por mão-de-obra especializada ou não.

2.3.3 A Década de 1950 em Diante: Aceitação do Modernismo

A construção de Brasília no final da década de 1950 apresentou a construção de muitos edifícios de apartamentos, cujos projetos padronizados e funcionais trazem consigo uma zona íntima compacta com quartos, banheiros e, às vezes, uma pequena sala, com relativa independência do setor social.

Note-se que, a partir da década de 1960, é que se começa a utilizar mais de um banheiro. Antes disso, as suítes não tinham muita aceitação, mas a partir dessa década torna-se um modelo permanente (BRANDÃO, 2002, p.350). Portanto, a partir da introdução da suíte, dá-se partida para outras modificações, como o dormitório reversível, na década de 1980.

As famílias passam a aceitar e identificar a nova casa funcional (VERÍSSIMO; BITTAR, 1999, p.120). De acordo com Brandão (2002, p.480), muitas ideias de flexibilidade surgiram com o Modernismo em sua primeira fase, o que explica o porquê deste conceito tenha sido tão pouco explorado no Brasil. Poucas obras são citadas ao se revisar a literatura sobre o tema.

Com base no estudo de Tramontano (1993) “Espaços domésticos flexíveis: notas sobre a primeira geração de modernistas brasileiros” e o trabalho de Douglas Brandão (2002), podem-se observar alguns exemplos importantes:

1. Rino Levi projeta em 1944 o Edifício Prudência, em São Paulo, com apartamentos de 400 m² destinados a famílias de maior nível econômico (imagens 2.3 e 2.4).

Nesta obra, o conceito de espaço habitacional flexível é desenvolvido de forma inédita no país. Cada apartamento é dividido em duas grandes zonas: em uma concentram-se os espaços úmidos e os quartos de empregada; em outra, pontuada pelos pilares de sustentação, destina-se aos espaços de convívio e aos quartos principais, delimitados por divisórias leves e armários, opção inédita no país (BRANDÃO, 2002, p.180).

Apesar de menos radical que o projeto de Vital-Brasil – apenas pouco mais da metade da área total da unidade é possível de ser rearranjado – o uso de armários e de divisórias leves é inovador por permitir flexibilidade permanente no

uso de alguns espaços, configuração que seria usada pelo arquiteto em várias residências construídas posteriormente em São Paulo (Figura 2.9).

Imagem 2.3 - Edifício Prudência, São Paulo.



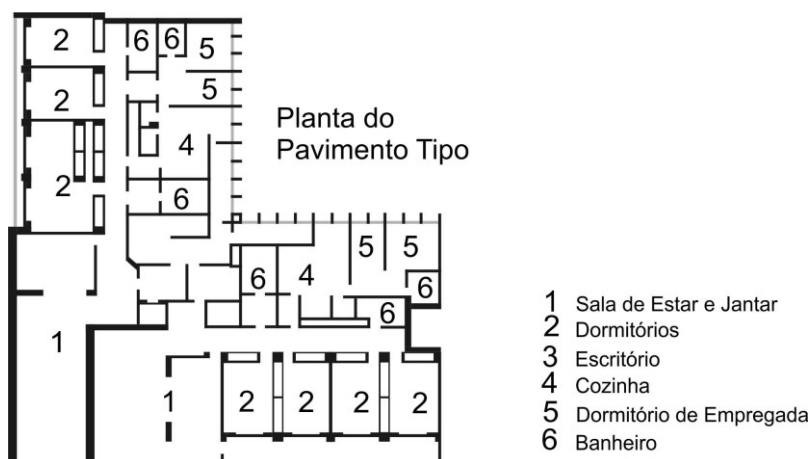
Fonte: <http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/arquitextos/10.120/3437>, acesso em maio, 2016.

Imagem 2.4 - Edifício Prudência, Sala de Estar em vão livre.



Fonte: <https://blogcasasbacanas.wordpress.com/>, acesso em Maio, 2016.

Figura 2.9 - Planta baixa do Edifício Prudência.



Fonte: Adaptado de Brandão, 2002. Readaptado pela autora, 2016.

2. Outro exemplo a ser considerado é o conjunto habitacional do Pedregulho, projetado por Affonso Reidy e construído entre 1950 e 1965 (Figuras 2.10 e 2.11). Há aqui certa aplicação de flexibilidade ao desenho dos espaços. As

áreas úteis são reduzidas e as disposições internas são guiadas muito mais pelas limitações econômicas. (imagem 2.5).

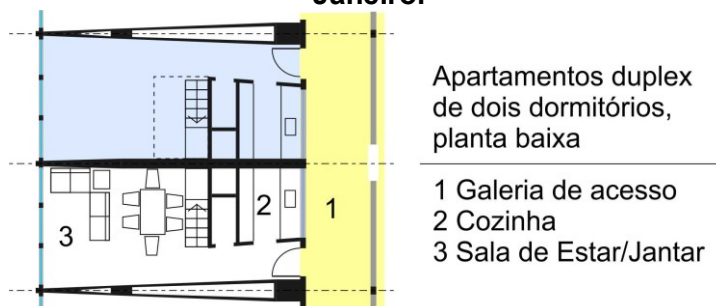
Imagem 2.5 - Conjunto habitacional do Pedregulho, Rio de Janeiro.



Fonte: <http://au.pini.com.br/arquitetura-urbanismo/235>, acesso em Maio, 2016.

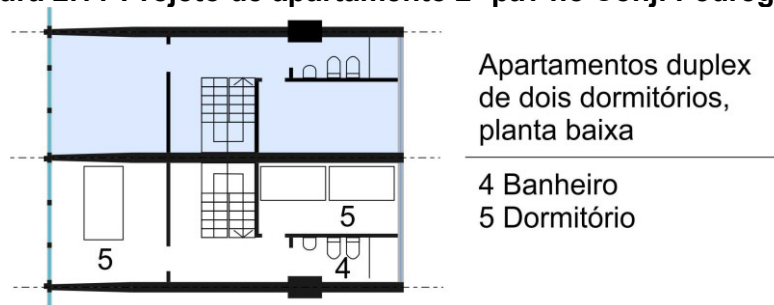
A flexibilidade, embora acanhada, aparece nos apartamentos de um só nível, nos quais divisórias leves e um armário limitam o espaço de dormir, situada na área liberada pela colocação da zona úmida junto ao acesso à circulação coletiva externa (BRANDÃO, 2002, p.279).

Figura 2.10- Projeto de apartamento no Conjunto habitacional do Pedregulho, Rio de Janeiro.



Fonte: <http://pt.slideshare.net/mdtrindade/conjunto-habitacional-do-pedregulho1947affonso-reidy>, acesso em Maio, 2016. Adaptado pela autora, 2016.

Figura 2.11-Projeto de apartamento 2º pav no Conj. Pedregulho.



Fonte: <http://pt.slideshare.net/mdtrindade/conjunto-habitacional-do-pedregulho1947affonso-reidy>, acesso em Maio, 2016. Adaptado pela autora, 2016.

2.3.4 A Implantação do Projeto Flexível: Década de 1960 em Diante

Segundo Tramontano (1993, p.18), o uso de painéis divisórios leves e módulos pré-fabricados de armários compondo as vedações externas só será utilizado no final da década de 1960, quando a pré-fabricação no Brasil já estava mais consolidada.

O autor ainda ressalta que este aspecto particular do estudo da habitação brasileira – a flexibilidade - possui bibliografia escassa. Além disso, os espaços domésticos flexíveis com vedações verticais móveis deixaram de ser cogitados nas realizações das décadas posteriores (ou seja, depois dos anos 60).

Após a implantação da suíte como opção nos edifícios multifamiliares, a busca por soluções que atraíssem um maior mercado consumidor foi incessante. O termo “flexibilidade” na década de 1980 começa a ser usado para designar apartamentos que seriam mais adequados ao perfil do cliente e sua composição familiar. A tipologia do “terceiro opcional”, como ficou conhecida, começava a garantir, no mercado imobiliário, o lugar de destaque absoluto que ocuparia ao longo de toda a década de 1980, em apartamentos para todos os bolsos (VILLA; TRAMONTANO, 2000, p.34).

Um bom exemplo não tão distante foi a introdução no mercado imobiliário, de um apartamento mais compacto de dois dormitórios, com um terceiro “reversível”. E o que era o “reversível”? O pequeno dormitório da empregada doméstica situado de forma anexa à área de serviço e disposto de modo tal, na organização geral da planta, que a retirada de pequeno armário, permitia a ligação do ex-dormitório com o corredor da área íntima. O “novo” espaço assim conquistado, poderia servir como dormitório de solteiro, escritório, espaço de brincar, etc. Foi um êxito imobiliário nos lançamentos dos anos 1970 e se mantém até hoje com bom nível de revenda (VILLÀ, 2008, p. 156).

Segundo Villà (2008, p.109), o que conduziu esta operação de reversibilidade foi a percepção de que havia já no momento uma tendência ao desaparecimento da figura da empregada residente e que, por outro lado, um

apartamento assim concebido podia alargar sua aceitação no mercado por permitir o crescimento do núcleo familiar e o uso confortável do apartamento por um tempo maior.

O fator mercadológico se tornou marcante no tocante às opções de projetos disponibilizados pelo mercado imobiliário. A flexibilidade ganha destaque na década de 1990, por meio dos edifícios projetados com várias opções de planta, com tipologias diferentes em um mesmo edifício e a oferta de personalização do projeto no momento da aquisição do imóvel ou durante a obra.

A flexibilidade, portanto, tornou-se um fator mercadológico e, provavelmente, foge do seu sentido inicial de adaptação do espaço às necessidades dos usuários. Além disso, os desejos de modificação dos moradores ao longo do tempo de ocupação são variáveis ao longo da vida de cada um e das mudanças no ciclo de vida familiar.

Numa tentativa de tornar produtos semelhantes mais interessantes para usuários com demandas heterogêneas, tornou-se comum a oferta de plantas que permitem alguma possibilidade de flexibilidade no arranjo inicial de seus espaços, mas com limitações no que se refere aos usos. Essa opção aproveita-se de um crescente desejo de personalização por parte de consumidores – mais um fruto do individualismo – exercitando uma visão mercadológica, já que o objetivo seria tornar mais vendáveis produtos espacialmente semelhantes e limitados, associando-os a uma idéia de flexibilidade, que nem sempre será verificada na prática (QUEIROZ; TRAMONTANO, 2009, p.145).

2.4 Considerações sobre o capítulo 1

O presente capítulo tem como foco o cenário arquitetônico: especificamente como o projeto flexível começou a ser debatido e aplicado nos projetos de edifícios no mundo. Em seguida, discute-se o conceito de flexibilidade na arquitetura e as diversas interpretações que o termo assume na literatura científica.

Através da compreensão dos inúmeros conceitos tecidos sobre o tema, bem como das interpretações e formas de pensar no que tange ao “projeto flexível”, definem-se os tipos, os princípios e as estratégias que norteiam o estudo.

Neste capítulo foram apontados exemplos de indícios desse critério que já podiam ser visualizados nos primórdios da história arquitetônica do século VII e VIII, no Japão, até os séculos XIX e XX, na Europa e Estados Unidos.

No Brasil, a estrutura arquitetônica reflete diretamente o processo de construção tradicional das famílias brasileiras, no entanto, a evolução do ambiente de moradia e das condições de vida da sociedade, acabou por modificar sensivelmente a distribuição de tarefas domésticas.

A ideia de flexibilidade surge, assim, como uma solução para as novas necessidades dos indivíduos, sem que, para isso, necessite-se de grandes mudanças: a reversão do alojamento da mão de obra doméstica surge como uma opção de adaptabilidade espacial dos apartamentos de moradia, onde as edificações contam com um ambiente que pode se prestar a vários usos.

Comparando estes princípios em dois períodos distintos, o pós-guerra (1945-1959) e o período a partir de 1980 até o momento, a moradia passou por transformações em paralelo às mudanças dos modos de viver das famílias burguesas.

Assim, o recurso da flexibilidade tem a capacidade de liberar o usuário de uma habitação que o mercado imobiliário trata como produto de venda e possui tendência a potencializar a realização dos interesses individuais.

Ao longo do tempo o projeto construído passa pela dicotomia: tempo de uso x vida útil do imóvel. A flexibilidade encontra-se nesse meio termo. É impossível que o projeto de um apartamento ofereça “liberdade total” para modificações.

O morador escolhe viver em apartamento por diversos motivos: emocionais, econômicos, status social, estilo de vida etc. No entanto, a cada período histórico a flexibilidade espacial atende ao morador e ao construtor de modos distintos. Portanto, cabe ressaltar que nem todas as decisões optadas durante o desenvolvimento do projeto tem a mesma longevidade, uma vez que as transformações que acontecem ao longo da vida dos usuários são impossíveis de serem previamente previstas.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Neste capítulo, apresentam-se os procedimentos metodológicos utilizados na pesquisa. Explicita-se o levantamento dos edifícios multifamiliares do período de 1980-1985 sistematizado pelo Grupo de Estudos de Projetos de Arquitetura (GEP-FAU/UFAL). Apresentam-se os 37 edifícios na cidade de Maceió. Detalham-se as análises dos 7 edifícios que apresentam o terceiro dormitório reversível, quanto ao padrão de ocupação pelos usuários e quanto às 4 características que indicam flexibilidade nos projetos.

3.1 Universo da Pesquisa

O universo da pesquisa são os projetos de edifícios multifamiliares em altura aprovados pela Prefeitura de Maceió na primeira metade da década de 1980. Consideram-se, neste estudo, edifícios multifamiliares aqueles que possuem mais de quatro pavimentos e utilizam-se do elevador para deslocamento vertical.

3.1.1 Recorte Temporal

Definiu-se o recorte temporal pela produção de edifícios multifamiliares do período de 1980 a 1985 pelos motivos seguintes:

a) O código de obras do município de Maceió que trata dos edifícios verticais foi implantado no final de 1979¹, regulamentando edifícios de até 12 pavimentos e outras condições especiais como poços para iluminação e ventilação. Esse código foi reformulado em 1985², quando passou a contemplar os itens específicos sobre edifícios multifamiliares em altura. Portanto, aqueles edifícios aprovados no período

¹ MACEIÓ, Alagoas. **Lei Municipal nº 2.585 de 1979**. Institui o Código de Posturas do Município de Maceió e dá Outras Providências.

² MACEIÓ, Alagoas. **Lei Municipal nº 3.538 de 1985**. Define o Código de Edificação do Município de Maceió e dá Outras Providências.

de 1980 a 1985 foram projetados no intervalo entre esses dois códigos, representando um período de transição.

b) Os indícios de flexibilidade em apartamentos aparecem a partir da década de 1980 com o surgimento do item “terceiro reversível” nos edifícios multifamiliares, momento em que o mercado imobiliário brasileiro procura novas opções para atrair clientes. Seria pertinente, pois, conhecer o comportamento do mercado imobiliário maceioense em relação a esse evento.

c) O levantamento de edifícios multifamiliares do período de 1980-1985 realizado pelo Grupo de Estudos de Projetos de Arquitetura (GEPA-FAU/UFAL) junto à Secretaria Municipal de Controle e Convívio Urbano (SMCCU) da Prefeitura de Maceió/AL que consideram um universo de 55 edifícios aprovados pela Prefeitura no período e sistematizou 37 edifícios com informações completas (projeto, endereço e localização).

3.1.2 Levantamento Cadastral dos Edifícios Multifamiliares

Inicialmente realizou-se o levantamento de dados cadastrais de todos os registros referentes aos projetos de edifícios multifamiliares aprovados pela Prefeitura de Maceió no período de 1980 a 1985.

Por meio da Coordenação de Informação de Cartografia (CIC) da Secretaria Municipal de Controle e Convívio Urbano (SMCCU) da cidade de Maceió, coletaram-se informações gráficas dos edifícios (planta baixa do pavimento tipo) e registro das características gerais dos mesmos.

Esta etapa do levantamento cadastral foi realizada em conjunto com o Grupo de Estudos em Projeto de Arquitetura (GEPA) da Universidade Federal de Alagoas, cuja pesquisa de iniciação científica (PIBIC) intitulada “Avaliação do desempenho ambiental e funcional de edifícios multifamiliares construídos na década de 1980-1985 na cidade de Maceió”, no período de agosto de 2011 a julho de 2012.

O levantamento cadastral foi finalizado com visitas *in loco* aos edifícios catalogados para realizar o registro fotográfico de suas fachadas, além de confirmar a existência dos edifícios e dos endereços dos mesmos. Os dados finais obtidos

estão dispostos em fichas, sob formato digital, separadas por edifício e ano de construção (Apêndice C).

3.2 Instrumentos Metodológicos

Quadro 3.1- Instrumentos metodológicos definidos para a pesquisa

OBJETIVOS ESPECÍFICOS	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS
	INSTRUMENTOS/ATIVIDADES
Identificar os indícios de flexibilidade nos projetos de edifícios multifamiliares aprovados no período de 1980-1985 em Maceió/AL;	<ul style="list-style-type: none"> a. Banco de dados realizado pelo GEPA; b. Análise dos projetos; c. Identificação dos indícios de flexibilidade;
Analisar o projeto dos edifícios multifamiliares com indícios de flexibilidade;	<ul style="list-style-type: none"> d. Contato com síndicos e moradores dos edifícios (visita técnica); e. Aplicação de questionários ;
Identificar as formas de ocupação dos apartamentos pelos moradores quanto aos itens de flexibilidade.	<ul style="list-style-type: none"> f. Gráficos, esquemas em planta; g. Registro fotográfico.

Fonte: Autora, 2016.

A identificação dos indícios da presença do recurso de flexibilidade nos edifícios em estudo foi resultado da revisão de literatura. As visitas técnicas para aplicação dos questionários deram-se por meio de prévia autorização dos síndicos dos edifícios. Inicialmente realizou-se um estudo piloto em dois edifícios para testar a adequação do instrumento metodológico e ajustar o instrumento.

Na aplicação dos questionários os moradores foram escolhidos aleatoriamente para responder aos questionários, de acordo com a aceitação dos mesmos. No estudo piloto ele foi testado e os moradores responderam a perguntas previamente estruturadas.

O usuário teve oportunidade de verbalizar a descrição de reformas, motivações, satisfações ou qualquer outra opinião relativa à moradia em que vive. As descrições de algumas observações feitas pelos voluntários foram transcritas por

meio de esquemas na planta baixa do edifício. As perguntas dos questionários foram agrupadas em 3 blocos temáticos:

- a) Características dos moradores;
- b) Características do imóvel;
- c) Características da composição familiar.

Na busca da compreensão do comportamento do morador e suas motivações para a intervenção na moradia na fase de uso, a escolha dos instrumentos baseou-se na teoria das representações sociais³, que permite a expressão individualizada e aproxima os dados registrados por meio de entrevistas e fotos com o que é verbalizado pelo morador através do sentimento de apropriação inerente ao mesmo.

Os esquemas em planta baixa são utilizados na TRS para confrontar o que foi dito em entrevista e o que é analisado pelo pesquisador após as visitas, auxilia o entendimento da atitude do morador diante do espaço que habita. Apresentam-se por meio de croquis as intervenções físicas em conjunto com o referencial teórico obtido na revisão de literatura, contextualizando, pois, a pesquisa.

3.3 Caracterização do Universo de Estudo

O levantamento cadastral dos edifícios verticais multifamiliares totalizou um 37 edifícios com projetos aprovados no período de 1980 a 1985 (Quadro 3.2 e Apêndice D). Consideram-se apenas os edifícios com dados completos junto à Secretaria Municipal de Controle e Convívio Urbano da cidade de Maceió (SMCCU) e informações, localização e registro fotográfico confirmadas “in loco”.

³ ARAUJO, Marivânia Conceição de. A teoria das representações sociais e a pesquisa antropológica. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, ano V, n. 2, p. 98-119, jul.- dez. 2008.

Quadro 3.2-Relação dos edifícios do levantamento em ordem cronológica

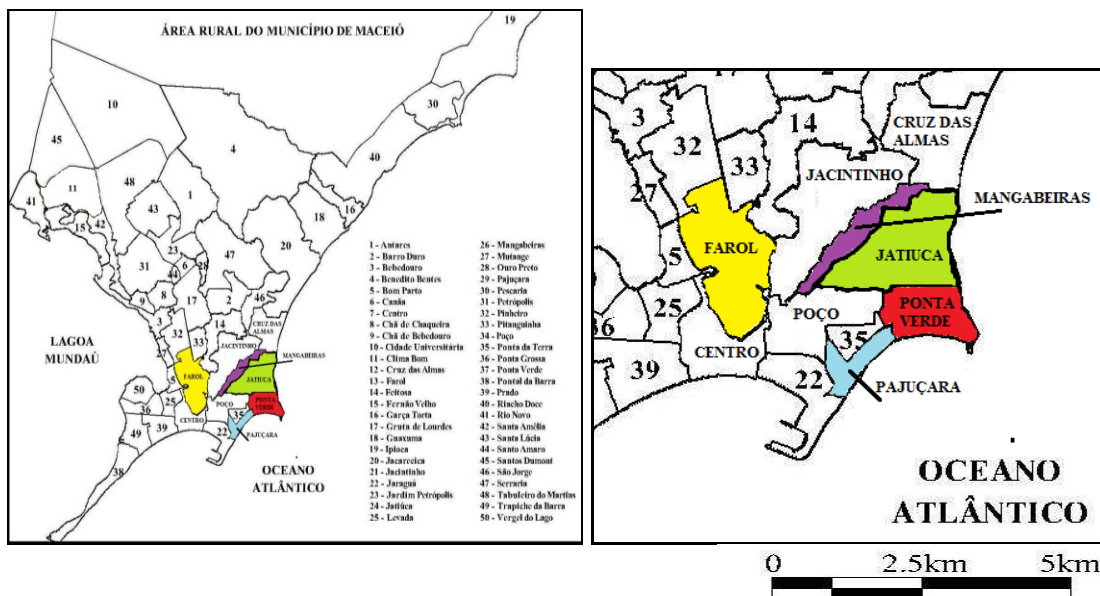
ANO	REG *	EDIFÍCIO	BAIRRO	NºAPT/ ANDAR	Nº QTOS	ÁREA APT (m²)
1980	269A	Ofir	Ponta Verde	6	3 (2 SU)	92,97
	554	Caiaque	Pajuçara	2	3(1SU)	89,43
1982	5	Angra	Mangabeiras	3	3 (1SU)	136,19
	276	Escuna	Ponta verde	3	4(2SU)	--
	80	Dom Afonso Henriques	Ponta verde	2	3 (1SU)	133,98
	146	Jamaica	Mangabeiras	4	3 (1 SU)	117,00
	147	Martinica	Mangabeiras	4	2	97,08
	188	Cond. Costa Brava/Costa do Marfim	Jatiúca	4	3 (1rev)	99,14
	261	Morada Tropical	Ponta Verde	3	2/3(1SU)	104,30
	288	Alessandra	Jatiúca	1	3 (1 SU)	222,89
	341	Saint Thomaz	Mangabeiras	3	3 (1SU) /4 (1 SU)	117,59
	345	Morada dos Ventos II	Farol	2	3 (1rev)	85,71
	482	Gisele	Farol	4	3 (1SU)	101,19
	1983	495	Rocas	Ponta Verde	2	4 (1SU)
115		Catamarã	Ponta Verde	4	5 (2SU)	--
128		Atenas	Jatiúca	4	3 (1 SU)	102,0; 186,0
134		Junco	Farol	2	3 (1SU)	167,66
174		Soledade	Mangabeiras	2	3 (1 rev)	88,38
187		Cond. Mahatma Ghandi	Jatiúca	4	3 (1SU)	108,50
266		Cond. Abrolhos/Açores	Ponta Verde	4	3 (1SU)	149,99
1984	354	Fabiano I	Ponta Verde	5	2	80
	256	Jacques Lacan	Ponta Verde	4	3 (1SU)	145,80
	317	Cártago	Ponta Verde	2	3 (1SU) /4 (2SUs)	----- ---
	323	Caiçara	Mangabeiras	4	3 (1rev)	76,31
	380	Maria Celina	Mangabeiras	2	3 (1rev)	112,52
1985	64	Humaytá	Jatiúca	4	3 (1 SU)	106,00
	40	Tamurã	Ponta Verde	2	3 (1SU)	116,90
	77	Taritá	Jatiúca	2	3 (1SU)	112,55
	177	Villa Verde	Ponta Verde	4	4 (1SU e 1rev)	133,32
	247	Charles Chaplin	Ponta Verde	4	1 /2(1SU)	52,64;4 2,50;
	252	Village Pajuçara	Pajuçara	6	2	84,30;7 5,50;
	253	Passargada	Ponta Verde	3	3 (1SU)	112,66
	272	Mandala	Ponta Verde	2	3 (1SU)	124,66
	300d	Aurélio Buarque de Holanda	Ponta Verde	1	3 (1SU)/4 (2 SU)	227,00
	307	Cote d'Azur	Ponta verde	14	1	46,30
	321	Lajedo	Ponta Verde	4	3 (1SU)	115,75
327a	Paulo VI	Ponta Verde	4	3 (1rev)	98,50	

REG-Número de registro do imóvel na SMCCU *S/N- Sem número de registro.

Fonte: arquivos de projetos fornecidos pela SMCCU, 2014. Adaptado pela autora, 2016.

Os edifícios listados localizam-se em 5 bairros da capital Alagoana: Farol, Mangabeiras, Jatiúca, Pajuçara e Ponta Verde (Mapa 3.1).

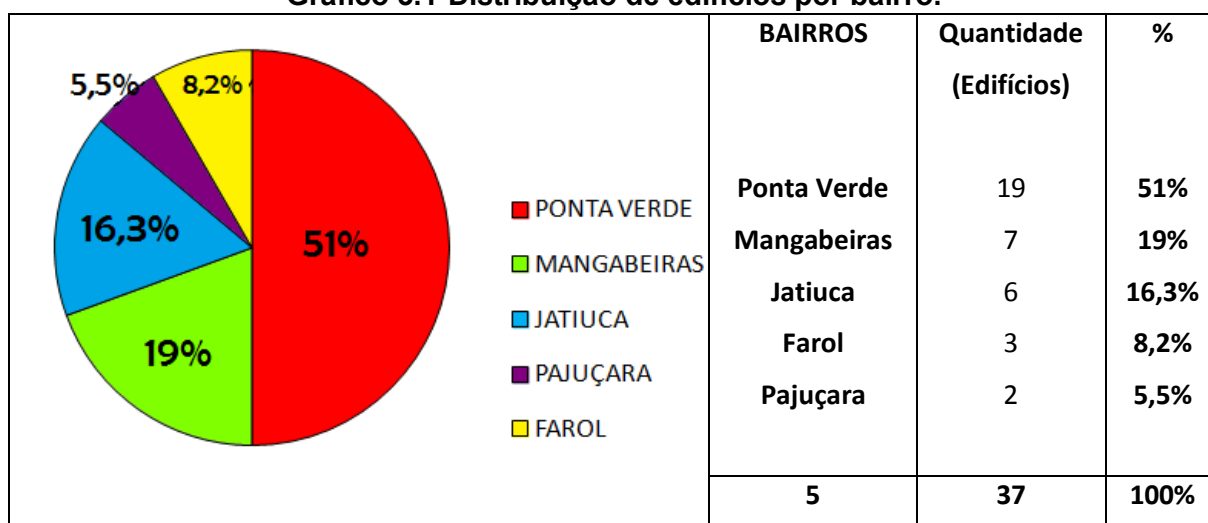
Mapa 3.1-Mapa de localização dos edifícios multifamiliares (1980-1985)



Fonte: Adaptado de SILVA, 2011.

A maioria dos edifícios do universo de estudo localiza-se no Bairro Ponta Verde: dos 37 edifícios, a Ponta Verde apresenta 19 edifícios, totalizando 51% dos edifícios catalogados (gráfico 3.1).

Gráfico 3.1-Distribuição de edifícios por bairro.



Fonte: Autora, 2016.

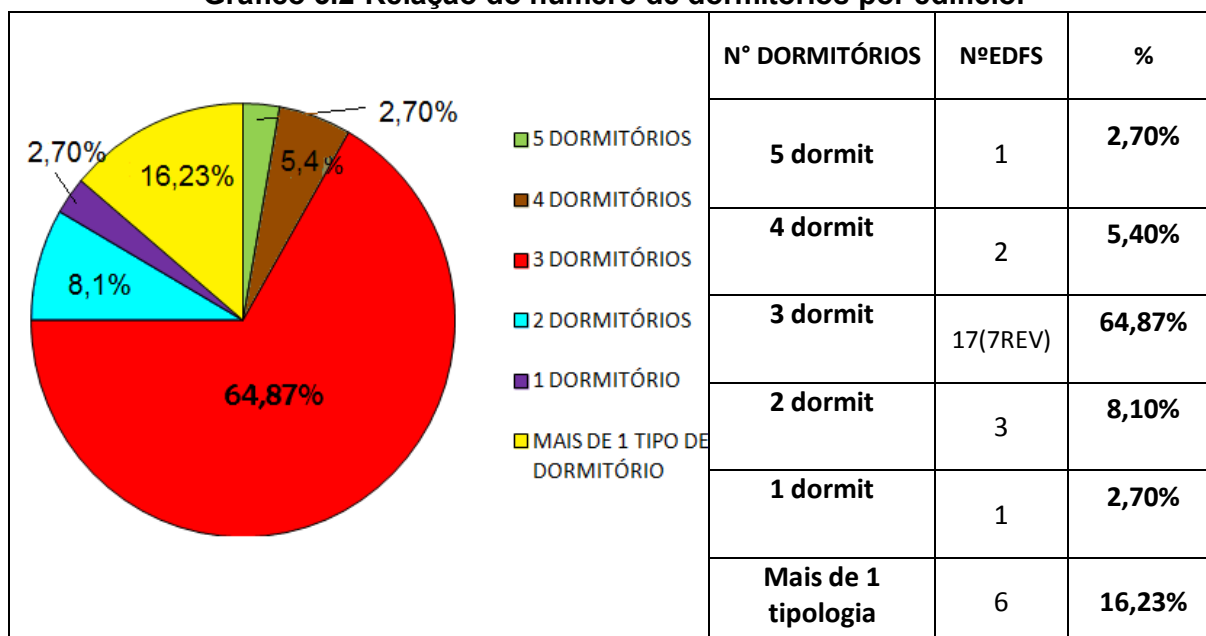
De acordo com o gráfico 2.2, 24 edifícios possuem tipologia de 3 dormitórios. Em contrapartida, apenas o edifício Catamarã apresenta tipologia de 5 dormitórios,

sendo 2 suítes, o que denota configuração espacial ainda não ofertada em grande quantidade pelo mercado imobiliário da cidade.

Outros 5 apresentam mais de uma tipologia: 1 edifício possui ida apartamentos com 2 e 3 dormitórios e 3 edifícios com apartamentos de 3 e 4 dormitórios, além de mais 1 edifício com tipologia de 1 e 2 dormitórios. Isso mostra que, a variação de tipologias já estava começando a ser implantada para oferecer mais variedade de opções (Gráfico 3.2).

A maioria absoluta dos edifícios do universo de estudo possui 3 dormitórios (66,83%). De fato, são aqueles que possuem características como a dependência de empregada e o dormitório reversível.

Gráfico 3.2-Relação do número de dormitórios por edifício.



Fonte: Autora, 2016.

A presença da dependência de empregada é uma característica de flexibilidade marcante no período estudado, pois apenas 3 edifícios da amostra não possuem dependência (8,10%). Dos 24 edifícios com tipologia de 3 dormitórios, nota-se que em 7 deles encontra-se o modelo terceiro reversível e banheiro reversível.

Percebe-se que a década de 1980 é uma época de transição, pois já despontam os primeiros edifícios com o “terceiro reversível”, que representam 7 edifícios do total (18,91%). Somente um único edifício oferece o banheiro reversível

pela primeira vez na cidade de Maceió, Edf. Villa Verde (Projeto de 1985), que também possui o dormitório reversível.

3.4 Etapas da Análise

A Análise dos projetos dos edifícios multifamiliares e seus respectivos resultados realizam-se em duas etapas: **(1)** Descrição dos princípios e tipos de flexibilidade no projeto baseados em Brandão (2002) e Brandão e Heineck (2003) e classificação e descrição dos projetos de edifícios. **(2)** Análise dos projetos de edifícios nos quais se encontram, em específico, dormitórios reversíveis com base nas estratégias de reversibilidade dos autores: Saleiro, Martins e Magalhães (2005) e Saleiro (2009).

3.4.1 Etapa 1- Classificação e Descrição dos Edifícios

Os edifícios serão analisados através de possíveis indícios de flexibilidade identificados com base na revisão de literatura e baseados nos princípios de flexibilidade definidos por Brandão (2002) e Brandão e Heineck (2003)⁴. Consideram-se quatro tipos de flexibilidade na classificação dos edifícios:

1. Dormitório Reversível: ambiente que possui dois acessos, sendo um deles voltado para o setor de serviço e o outro para o setor íntimo;

⁴ De acordo com Brandão (2002) e Brandão e Heineck (2003), 5 tipos de flexibilidade são possíveis na concepção do projeto: **1- Flexibilidade Inicial; 2-Flexibilidade Contínua; 3-Flexibilidade Mecanicista; 4- Flexibilidade Realista; 5-Flexibilidade financeira.** Através da observação dos projetos catalogados no GEPA, identificam-se indicadores de flexibilidade no projeto, conforme citado no texto acima. A partir daí são feitas as análises da primeira etapa do estudo.

2. Dependência de empregada: ambiente inserido no setor de serviço, composto por dormitório e banheiro.

3. Banheiro Reversível: O banheiro que possui mais de um acesso, um deles para um dormitório e o outro acesso para o hall do setor social.

4. Ausência de dependência de empregada: Esta característica implica no processo de transição que exclui a dependência de empregada de alguns edifícios residenciais após o surgimento do dormitório reversível.

Os projetos catalogados serão agrupados conforme os 4 itens acima. Em seguida analisam-se as possibilidades de relocação de ambientes, aproveitamento de ambiente reversível e/ou dependência de empregada, além das possibilidades ou impedimentos que tais ambientes apresentam entre si⁵.

3.4.2 Etapa 2- Descrição dos Apartamentos com Dormitórios Reversíveis e os Modos de Ocupação pelos Usuários

Apenas 7 edifícios possuem o terceiro reversível. Entrevistaram-se 20 moradores em 6 edifícios, exceto o Edifício Soledade, onde não houve permissão para realizar o trabalho.

O método estatístico escolhido foi a participação aleatória, de acordo com a aceitação do morador em participar da pesquisa.

Expõem-se os apartamentos que possuem o registro fotográfico do espaço reversível em situação atual. Os moradores são identificados por números, em respeito ao código de ética em pesquisa emitido em 12 de março de 2013 pelo Centro de Ensino Superior de Maceió, com número de protocolo 1613/12⁶. Acrescentam-se à análise, nesta etapa 2, os modos de reversibilidade realizados

⁵ Nesse primeiro momento também serão utilizadas as nomenclaturas referentes aos possíveis modos de reversibilidade prescritos por Saleiro, Martins e Magalhães (2005).

⁶ O Comitê de ética em pesquisa do CESMAC autorizou a realização de pesquisa envolvendo seres humanos, pois à época o comitê da Universidade Federal de Alagoas não estava recebendo requerimentos em tempo hábil para finalizar a pesquisa de campo. Ao final do estudo, um relatório deverá ser entregue ao CESMAC, onde ficará arquivado.

pelos moradores no apartamento baseados no estudo de Saleiro, Martins e Magalhães (2005) que divide os dormitórios reversíveis em 2 tipos de flexibilidade:

1) ação protagonista: o ambiente assume um desempenho diferenciado do uso original, requalificando-o espacialmente;

2) ação coadjuvante: ambiente cuja nomenclatura será a mesma do compartimento que passou a ser incorporado.

Além disso, o autor classifica em **reversibilidade, permeabilidade e contiguidade**, relativos ao dormitório reversível e seu posicionamento no projeto do apartamento. A reversibilidade subdivide-se em **permeabilidade e contiguidade**.

a) Reversibilidade: um grau de adaptabilidade para funções futuras;

b) Permeabilidade: permite transpassar espaços que se integram;

c) Contiguidade: apresenta um viés geométrico, sem portas.

Considera-se reversível o ambiente cuja presença de dois acessos por meio de “portas” consta no projeto registrado. Aborda-se o ambiente reversível como um indicativo de flexibilização e, conseqüentemente, nas diversas formas de adaptação adotada por alguns moradores.

Analisa-se, inicialmente, a posição do dormitório reversível em relação aos demais ambientes do apartamento (ação protagonista ou coadjuvante), juntamente com a relação entre área do apartamento x área do ambiente reversível.

Por fim, apresentam-se exemplos de adaptação do espaço, como os moradores utilizam o mesmo atualmente por meios de fotos e esquemas em planta baixa.

3.5 As Composições Familiares nos Apartamentos Visitados

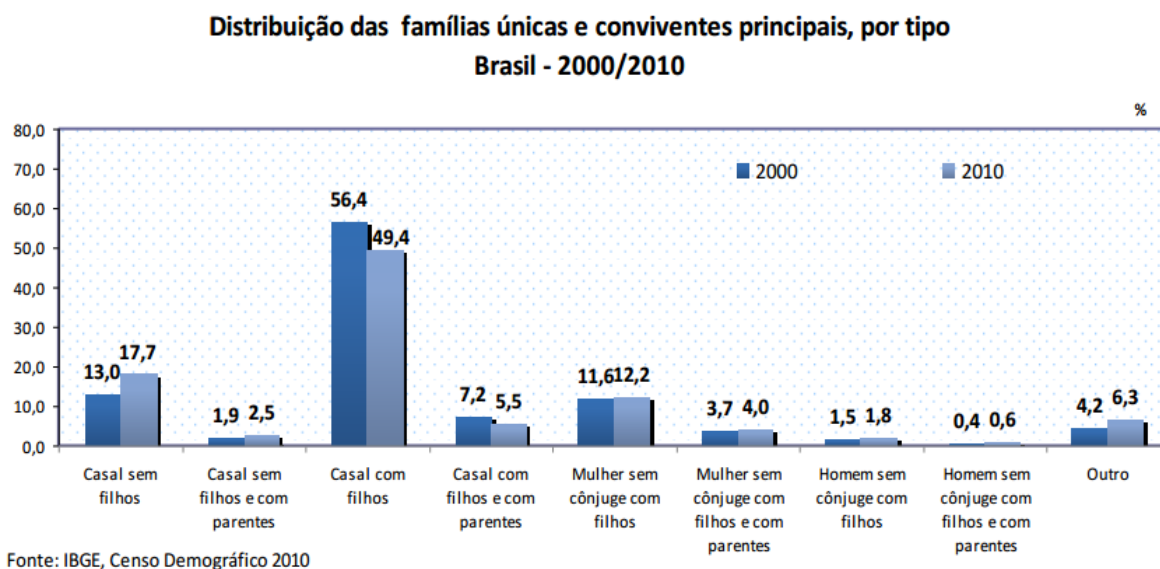
Durante visitas aos moradores foram realizadas perguntas relativas à quantidade de moradores no início da ocupação e a quantidade no momento da abordagem⁷.

Além disso, questiona-se o grau de parentesco entre os ocupantes dos apartamentos com o objetivo de analisar as composições familiares residentes em imóveis com ambientes reversíveis.

De acordo com estudo derivado do censo do ano 2010, quando se modificou o conceito de família, para operacionalizar o conceito de família, os institutos de pesquisa restringem o escopo da família ao grupo domiciliar.

Assim, nos censos demográficos e outras pesquisas domiciliares (tipo PNAD), o alcance máximo de uma família vai até os limites físicos da moradia. Uma mesma família (definida pelos laços de parentesco e de ajuda mútua) que ocupe dois domicílios é contabilizada como duas famílias⁸ (Imagem 3.1).

Imagem 3.1- Dados sobre famílias segundo IBGE.



⁷ A Pesquisa de campo realizou-se apenas nos edifícios cujos projetos possuem dormitório reversível.

⁸ http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/censo2010/familias_e_domicilios/default_familias_e_domicilios.shtm, acesso em 13 de maio de 2016.

A novidade que emerge do estudo vem da preocupação do IBGE de, pela primeira vez, analisar as famílias reconstituídas. Ou seja, "os núcleos constituídos depois da separação ou morte de um dos cônjuges".

Esses grupos representam 16,3% do total de casais que vivem com filhos, sendo eles de apenas um dos companheiros ou de ambos. São mais de 4,4 milhões as famílias com essas características atualmente - o restante, quase 84%, é formado por casais com filhos do marido e da mulher vivendo juntos no momento da entrevista.

A composição de casais com filhos ainda representa a maioria das famílias brasileiras, apesar da queda significativa nessa fatia da população: foi registrada redução de 63,6%, em 2000, para 54,9% em 2010.

O Censo também mostra que, apesar de os solteiros ainda responderem por mais de metade da população, 55,3%, entre as pessoas com 10 anos de idade ou mais, foi entre os divorciados o maior aumento observado de uma década para outra: o índice quase dobrou do levantamento feito em 2000 para o atual, passando de 1,7% para 3,1%. Se somados com o número de desquitados e separados judicialmente, esse grupo chega a quase 5% dos brasileiros⁹.

⁹ <http://veja.abril.com.br/noticia/brasil/a-nova-familia-brasileira-ibge>, acesso em 13 de maio de 2016.

4 INDÍCIOS DE FLEXIBILIDADE NO PROJETO DOS EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES

Neste capítulo descrevem-se os projetos dos edifícios cujos indícios de flexibilidade observam-se nas plantas baixas. A classificação divide-se em quatro grupos: (1) com dormitório reversível; (2) com dependência de empregada; (3) com banheiro reversível; (4) sem dependência de empregada. Destacam-se os projetos por meio de esquemas em planta baixa. Considera-se a setorização e possibilidades de conexões entre cômodos suportadas pela configuração espacial do apartamento.

4.1 Classificações dos Edifícios

A observação dos projetos dos edifícios catalogados permitiu identificar algumas características entre eles. Na amostra de 37 edifícios, foi possível identificar e dividi-los pela presença de indícios de flexibilidade em 4 grupos (quadro 4.1). Cada grupo, por sua vez, foi subdividido de acordo com características distintas observadas, como o posicionamento do elemento de flexibilidade e as possibilidades ou impedimentos em realizar conexões com os demais setores do apartamento.

Grupo 1: Apartamentos com dormitório reversível

- a) Permitem conexão com a suíte/dormitório;
- b) Não permitem conexão com a suíte/dormitório;

Grupo 2: Apartamentos com dependência de empregada

- a) Permite conexão com a suíte/dormitório;
- b) Não permite conexão a suíte/dormitório;
- c) Permite conexão a sala de estar/jantar;
- d) Em uma tipologia a dependência permite conexão com suíte/dormitório e na outra do mesmo edifício, a dependência não permite a mesma conexão;

Grupo 3: Presença do banheiro reversível.

Grupo 4: Ausência de dependência de empregada

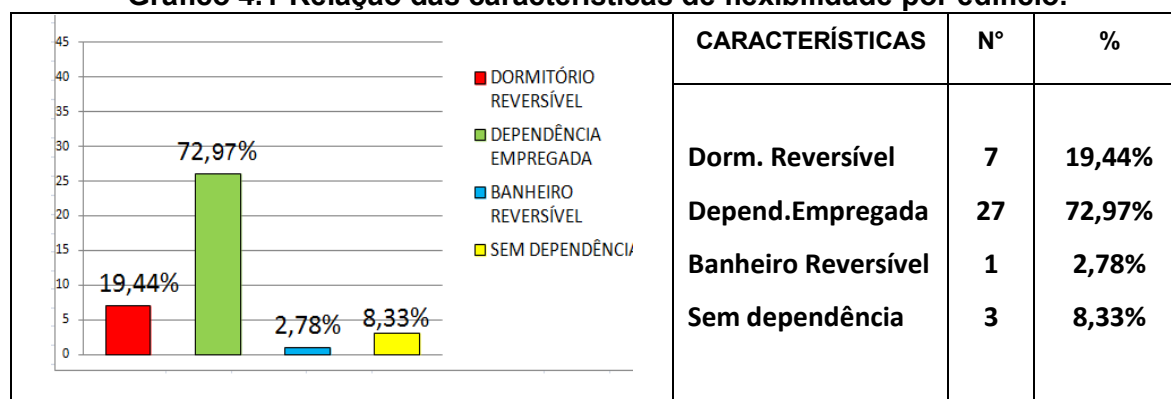
Quadro 4.1 - Distribuição dos 37 Edifícios multifamiliares em grupos

INDÍCIOS	GRUPOS	Nº	REG*	EDIFÍCIO	BAIRRO	Nº QUARTOS		
DORMITÓRIO REVERSÍVEL	Grupo1	A	1	188	Cond. Costa Brava/Costa do Marfim	Jatiúca	3 (1rev)	
			2	345	Morada dos Ventos II	Farol	3 (1rev)	
			3	323	Caiçara	Mangabeiras	3 (1rev)	
			4	380	Maria Celina	Mangabeiras	3 (1rev)	
		B	5	174	Soledade	Mangabeiras	3 (1 rev)	
			6	327a	Paulo VI	Ponta Verde	3 (1rev)	
DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA	Grupo2	A	7	554	Caiaque	Pajuçara	3(1su)	
			8	495	Rocas	Ponta Verde	4 (1su)	
			9	187	Cond. Mahatma Ghandi	Jatiúca	3 (1su)	
			10	128	Atenas	Jatiúca	3 (1 su)	
			11	272	Mandala	Ponta Verde	3 (1su)	
			12	300d	Aurélio Buarque de Holanda	Ponta Verde	3(1su)/4(2su)	
			13	40	Tarumã	Ponta Verde	3 (1su)	
			14	321	Lajedo	Ponta Verde	3 (1su)	
		B	15	80	Dom Afonso Henriques	Ponta verde	3 (1su)	
			16	261	Morada Tropical	Ponta Verde	2/3(1su)	
			17	134	Junco	Farol	3 (1su)	
			18	266	Cond. Abrolhos/Açores	Ponta Verde	3 (1su)	
			19	115	Catamarã	Ponta Verde	5 (2su)	
		C	20	5	Angra	Mangabeiras	3 (1su)	
			21	288	Alessandra	Jatiúca	3 (1 su)	
			22	147	Martinica	Mangabeiras	2dorm.	
			23	482	Gisele	Farol	3 (1su)	
			24	341	Saint Thomaz	Mangabeiras	3 e 4(1su)	
			25	146	Jamaica	Mangabeiras	3 (1 su)	
			26	256	Jacques Lacan	Ponta Verde	3 (1su)	
			27	253	Passargada	Ponta Verde	3 (1su)	
		D	28	269A	Ofir	Ponta Verde	3 (2 sus)	
			29	64	Humaytá	Jatiúca	3 (1 su)	
			30	317	Cártago	Ponta Verde	3(1su)/4(2su)	
			31	252	Village Pajuçara	Pajuçara	2qtos	
			32	77	Taritá	Jatiúca	3 (1su)	
			33	276	Escuna	Ponta verde	4(2SU)	
		BANHEIRO REV.	Grupo 3	34	177	Villa Verde	Ponta Verde	3 (1su./1rev.)
		AUSÊNCIA DEPENDÊNCIA EMPREGADA	Grupo 4	35	307	Cote d'Azur	Ponta verde	1qto.
				36	247	Charles Chaplin	Ponta Verde	1 (1su.)
				37	354	Fabiano I	Ponta Verde	2 qtos.

Fonte: Autora, 2016.

Os apartamentos analisados serão demonstrados por meio de desenhos esquemáticos e as plantas baixas dos respectivos edifícios (gráfico 4.1).

As maiorias dos edifícios possuem dependência de empregada (72,97%), os demais aparecem com dormitório reversível (em substituição à dependência de empregada - 19,44% do total). Dentre aqueles equipados com dormitório reversível, um edifício apresenta o banheiro reversível no mesmo projeto.

Gráfico 4.1-Relação das características de flexibilidade por edifício.

Fonte: Autora, 2016.

Já os edifícios cuja ausência da dependência de empregada é percebida (8,33%) não se destaca o valor quantitativo, porém serve para complementar o panorama do período em estudo de maneira relevante.

Apesar dos resultados majoritários indicarem destaque para a dependência de empregada predominando nos projetos do período, o aparecimento de novos itens, como dormitório reversível, é levado adiante para análise mais detalhada.

4.2 Grupo 1: Apartamentos com Dormitório Reversível

Composto por 7 edifícios: Condomínio dos edifícios Costa Brava e Costa do Marfim (2 edifícios com o mesmo projeto); Morada dos Ventos II; Caiçara; Maria Celina; Soledade e Paulo VI . O grupo subdivide-se em 2 subgrupos, de acordo com as possibilidades:

1(A) 5 edifícios com conexão do dormitório reversível com suíte/dormitórios.

1(B) 2 edifícios cujo dormitório reversível não permite conexão com suíte contígua.

Pode-se observar que todos os edifícios do grupo 1 possuem dormitórios reversíveis (cor amarela), cujos acessos são dados tanto pela área de serviço quanto pela circulação íntima.

Nota-se a possibilidade do espaço ser utilizado como uma dependência de empregada ou para outras finalidades, como escritório, quarto de hóspedes etc.

A presença do dormitório reversível é um forte indício de flexibilidade, pois permite um ambiente multiuso agregado em sua maioria ao dormitório principal,

além de maior variação de usos no ambiente cujas modificações não demandam grandes esforços.

Nota-se que no projeto do Condomínio dos Edifícios Costa Brava e Costa do Marfim, o dormitório reversível está contíguo à suíte principal (Figura 4.1).

Tal característica confere a possibilidade de reversibilidade com ação coadjuvante, pois permite a conexão com um ambiente importante no apartamento, mas mantendo-o em situação de “apoio” ou ambiente a ser agregada a suíte. O tipo de flexibilidade encontrado é inicial, pois o projeto permite pequenas modificações pelos usuários.

Além disso, segue os princípios de adaptabilidade e ampliabilidade na junção de dormitórios para atividades semelhantes. O projeto dos edifícios deste condomínio apresentam estratégias de ambiente reversível (que seria um cômodo multiuso) e a baixa hierarquia do projeto, com ambientes em tamanho de área total semelhantes.

Figura 4.1- Dormitórios reversíveis que permitem conexão com a SUÍTE (Subgrupo 1 A). Condomínio: Edf. Costa Brava/ Costa do Marfim (1982).



Fonte: Autora, 2016.

No Edifício Villa Verde observa-se a presença da suíte não contígua ao ambiente reversível, que possui uma estratégia de reversibilidade de ação protagonista. (Figura 4.2).

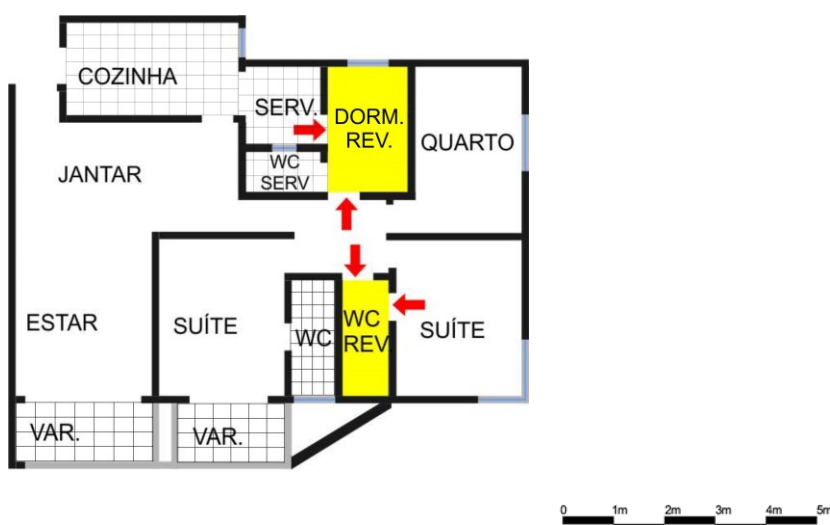
Caso seja desejo do morador, as possibilidades trazidas pelo posicionamento do reversível permite que o mesmo adquira novas funções e possa pertencer ao setor íntimo.

O Tipo de flexibilidade em destaque é a inicial e realista, pois a presença das duas suítes, além do quarto reversível demonstra a intenção de permitir ao usuário realizar conexões entre os setores e utilizar com maior desenvoltura os espaços múltiplos que se formam.

O projeto é norteado pelos princípios de flexibilidade de adaptabilidade, pela presença de espaços reversíveis no projeto entregue ao morador. A presença de varandas generosas em espaço auxilia a agregar funções.

O princípio de adaptabilidade apresenta-se lado a lado com as estratégias flexíveis de cômodos multiusos, ambiente reversível e alternância entre isolar e integrar.

Figura 4.2- Dormitórios reversíveis que permitem conexão com quarto e possuem SUITE (Subgrupo 1 A). Edifício Villa Verde (1985).



Fonte: Autora, 2016.

O Edifício Morada dos Ventos II possui uma espaçosa suíte e o ambiente reversível não contíguo a ela. A reversibilidade neste projeto tem ação protagonista, pois permite que o reversível possa requalificar-se e agregar-se a outro setor.

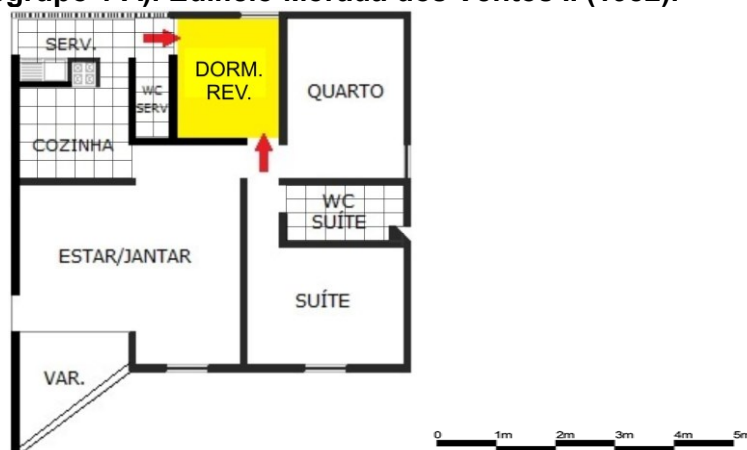
Além disso, destaca-se que o posicionamento do mesmo como circulação entre os setores de serviço e íntimo (Figura 4.3).

Observa-se o tipo de flexibilidade inicial, pela presença do quarto reversível. O princípio de adaptabilidade é nítido pela escolha do uso a se feito pelo morador permitido pelo espaço reversível.

A contiguidade ao quarto vizinho possibilita o princípio de ampliabilidade, possibilitando maior diversidade de uso em espaço maior.

Portanto, a estratégia do quarto reversível próximo ao setor de serviço destaca-se a princípio. Segue-se a varanda com espaço de multiuso e extensão do setor social. Além disso, a estratégia de planta com baixa hierarquia permite mais reformulações pelos moradores.

Figura 4.3- Dormitórios reversíveis que permitem conexão com quarto-com suíte (Subgrupo 1 A). Edifício Morada dos Ventos II (1982).



Fonte: Autora, 2016.

Nos Edifícios Caiçara e Maria Celina os projetos dos apartamentos não possuem suíte. O quarto reversível está contíguo a outro dormitório, o que conota reversibilidade com ação coadjuvante em ambos os casos.

No Edifício Caiçara (Figura 4.4) existe um lavabo próximo ao banheiro social, o que denota o princípio de ampliabilidade, por permitir a expansão do banheiro social ou outra modificação que utilize o lavabo.

A flexibilidade do projeto é inicial pela inserção do quarto reversível desde o projeto entregue ao morador. Além disso, o princípio de adaptabilidade, quando o espaço permite agregar funções está presente no apartamento. Destaca-se, por fim, a baixa hierarquia do projeto, quartos com dimensões proporcionais.

Figura 4.4- Dormitório rev. que permite conexão com QUARTO, não possuem SUITE (Subgrupo 1 A). Edifício. Caiçara (1984).



Fonte: Autora, 2016.

O Edifício Maria Celina apresenta reversibilidade de ação protagonista, pois permite que o reversível possa requalificar-se e agregar-se a outro setor. Além disso, destaca-se que o posicionamento do mesmo como circulação entre os setores de serviço e íntimo (Figura 4.5).

O Formato da planta baixa assemelha-se ao edifício anterior, com flexibilidade do tipo inicial: introdução do quarto reversível desde o projeto entregue ao morador. De certa maneira, pode-se afirmar um tipo de flexibilidade realista, por conta das possibilidades de conexões que um espaço reversível pode proporcionar.

Nota-se a presença de um depósito vizinho ao banheiro social, o que demonstra um princípio de ampliabilidade e adaptabilidade ao permitir que sejam agregados ou alternem funções com os demais ambientes.

As estratégias de flexibilidade presentes são o ambiente reversível, a baixa hierarquia da planta baixa e a possibilidade de isolar ou integrar o setor de serviço do setor íntimo por meio dos acessos do quarto reversível.

Figura 4.5 - Dormitórios rev. que permitem conexão com QUARTO, não possuem SUITE (Subgrupo 1A). Edifício Maria Celina (1984).

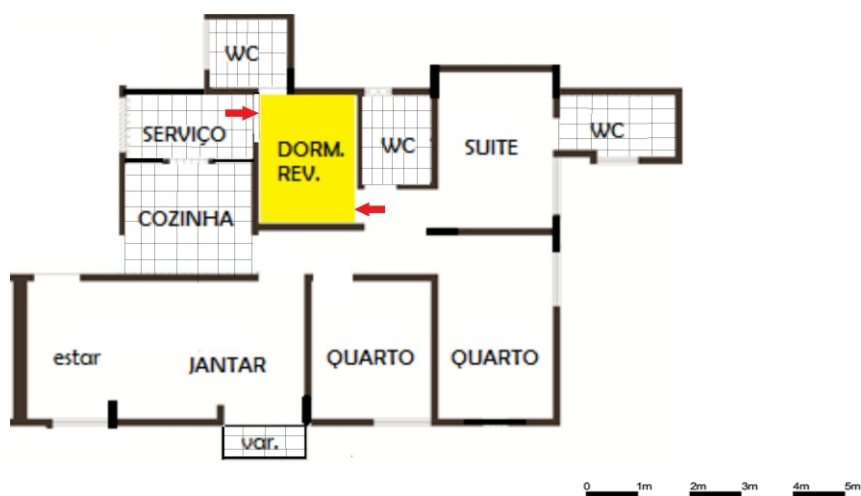


Fonte: Autora, 2016.

Grupo 1B: Os Edifícios Soledade e Paulo VI possuem dormitório reversível que não se conectam diretamente com suíte ou dormitório vizinhos. A posição do ambiente reversível nos Edifícios Soledade e Paulo VI não apresentam contiguidade, pois está separada por um banheiro social (Figuras 4.6 e 4.7).

No Edifício Soledade a vantagem apresenta-se no fato do ambiente reversível já ter sido projetado como suíte, possibilitando multiplicidade de uso sem necessidade de reformas. A flexibilidade identificada é do tipo inicial.

Figura 4.6 - Dormitórios que não permitem conexão com a suíte/dormitório (grupo 1B). Edifício Soledade (1983).



Fonte: Autora, 2016.

A reversibilidade tem ação protagonista, porque o ambiente reversível tem a possibilidade de estar contíguo ao hall social por meio de modificações nos acessos ao ambiente. O princípio que complementa a ação protagonista é adaptabilidade e agregar funções no mesmo espaço. As possibilidades do princípio de ampliabilidade são mais restritas nesse projeto, sendo sobreposta, pois, pela estratégia de dormitório reversível.

No Edifício Paulo VI possui um dormitório reversível que também não pode ser ligado a outro ambiente. A reversibilidade pode ser de ação coadjuvante, caso o espaço de serviço seja agregado ao ambiente reversível ou de ação protagonista, caso o ambiente reversível seja inserido no setor íntimo (figura 4.7).

O banheiro de serviço pode ser transformado em reversível e privilegiar o setor íntimo com qualidade. Nota-se a positiva intenção do projeto de permitir apenas a escolha no uso do espaço, portanto, é vetado o princípio de ampliabilidade por meio do reversível.

A exceção das varandas presentes em dois quartos seria o princípio de ampliabilidade. Além disso, percebe-se um lavabo vizinho ao banheiro de serviço dentro do mesmo princípio de flexibilidade.

O Projeto não permite variedade de escolhas para os moradores, nota-se que a estratégia de baixa hierarquia não foi contemplada no projeto.

A estratégia de flexibilidade alta hierarquia fica nítida pela proporção entre o setor social e o setor de serviço, por exemplo.

Figura 4.7 - Dormitórios que não permitem conexão com a suíte/dormitório (grupo 1B). Edifício Paulo VI (1985).



4.3 Grupo 2: Apartamentos com Dependência de Empregada

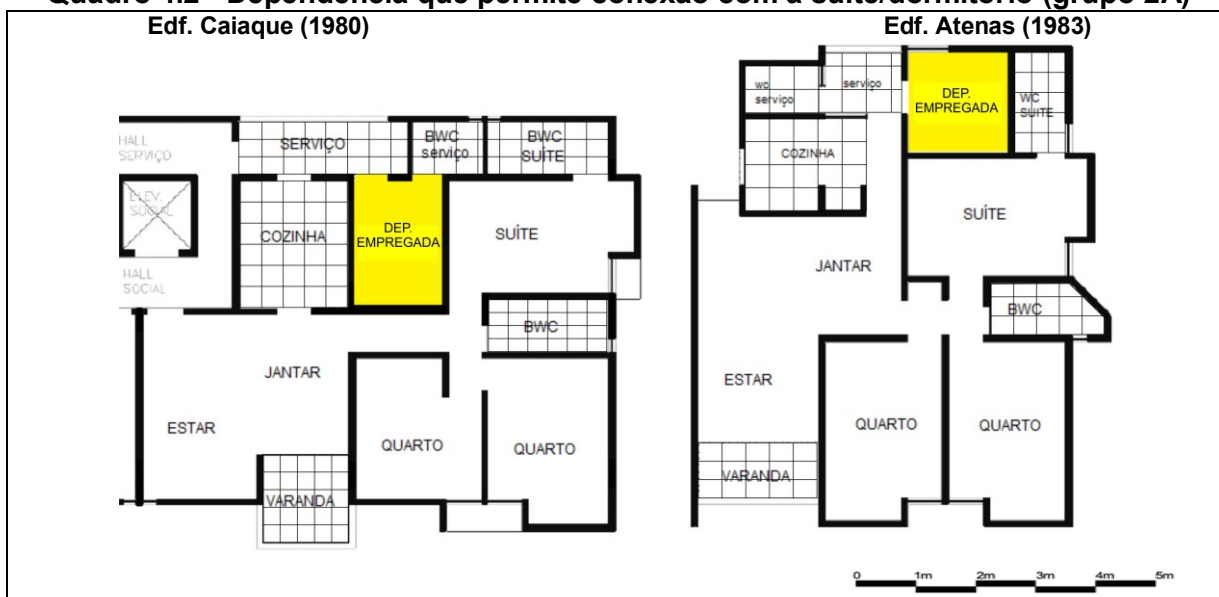
4.3.1 Grupo 2A: Dependência permite conexão com a suíte.

Composto por 7 edifícios (Caiaque, Rocas, Condomínio Mahatma Ghandi (composto por 3 edifícios com mesmo projeto), Atenas, Aurélio Buarque de Holanda, Tarumã e Lajedo), (quadros 4.2; 4.3 e 4.4), cuja característica marcante é a contiguidade da dependência de empregada à suíte, a presença marcante do princípio de flexibilidade ampliabilidade favorece aos usuários que priorizam a instalação de espaços de extensão da suíte, a exemplo do closet.

Além disso, considera-se a possibilidade de uso do espaço como dependência propriamente dita, ou ainda, ambiente a servir de auxílio ao setor de serviço, estratégia de flexibilidade denominada cômodo multiuso.

No Edifício Caiaque e no Edifício Atenas percebe-se que a dependência ficou “centralizada” no apartamento, atendendo ao princípio de flexibilidade de agregar funções e adaptabilidade. Além de abrir possibilidades na suíte, a conexão junto à circulação permite o acréscimo de mais um dormitório ou ambiente multiuso que se volta para o hall e valoriza o projeto. Vale ressaltar no Edifício Caiaque a proximidade entre os banheiros de serviço e o da suíte, permitindo, assim, a estratégia de ampliabilidade.

Quadro 4.2 - Dependência que permite conexão com a suíte/dormitório (grupo 2A)

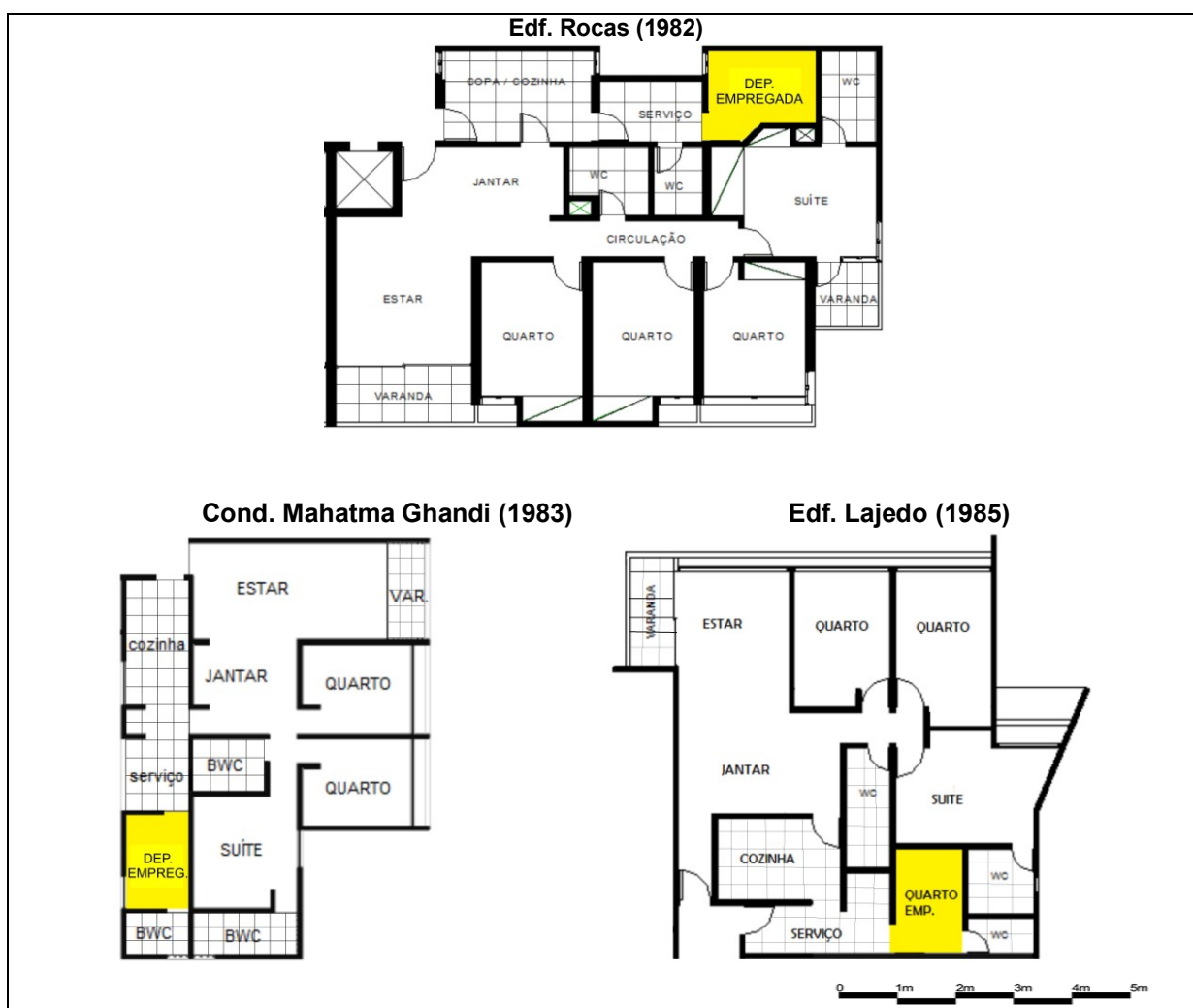


Fonte: Autora, 2016.

Nos Edifícios Rocas, Lajedo e no Condomínio Mahatma Ghandi a dependência posiciona-se de maneira mais isolada, o que não permite a estratégia de flexibilidade ampliabilidade espacial de maneira diversificada. Posicionada em direção ao setor de serviço, ela serve como a coadjuvante do mesmo, porém contígua à suíte permite a extensão do ambiente para maior ganho de espaço íntimo.

A flexibilidade nesses 3 edifícios é do tipo inicial/financeira pois o uso do morador é quem vai definir, por meio de pequenas reformas, as estratégias a serem adotadas. Portanto, o princípio de flexibilidade de adaptabilidade é o mais reforçado nos projetos.

Quadro 4.3 - Dependência que permite conexão com a suíte/dormitório (grupo 2 A)

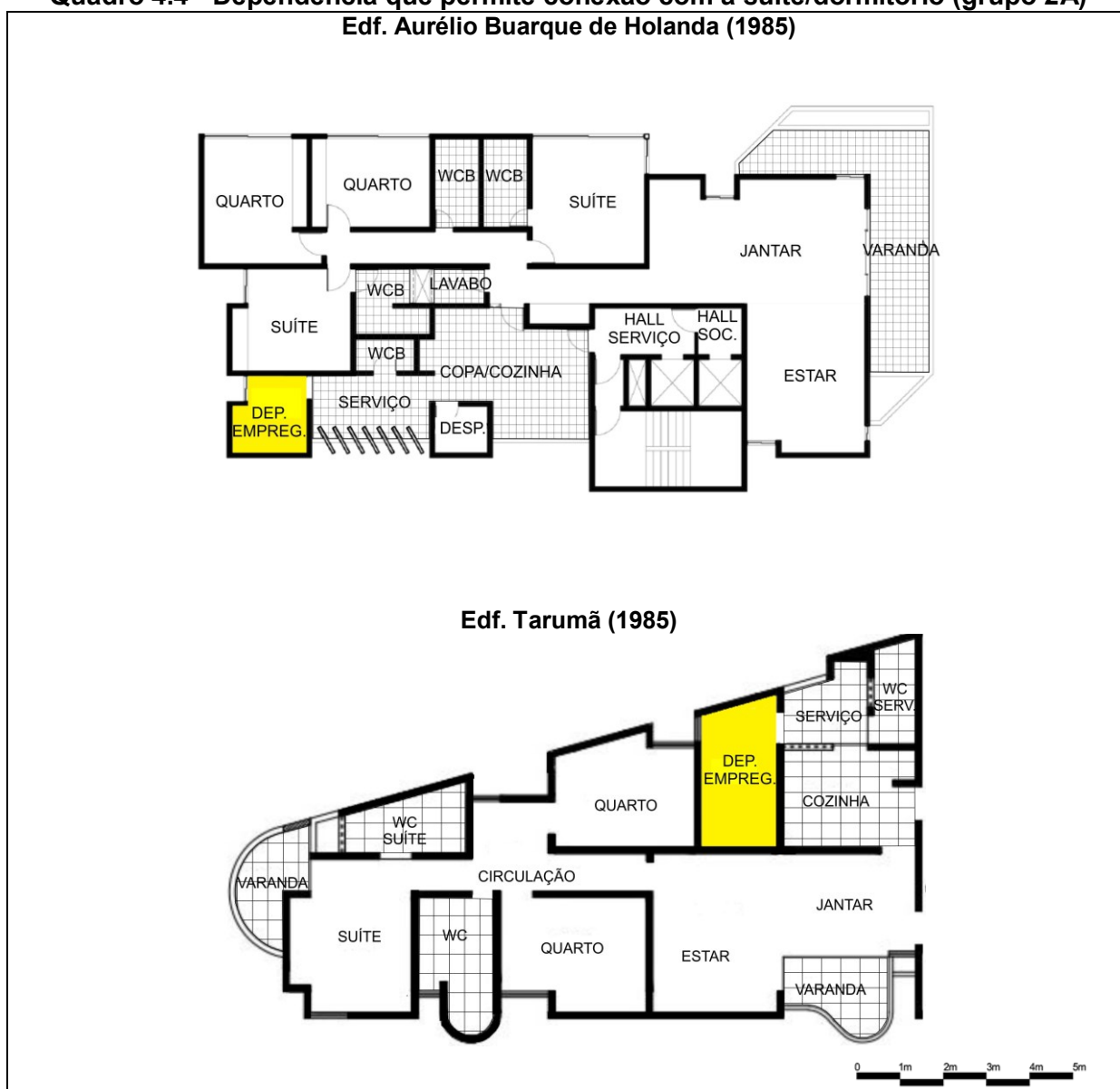


Fonte: Autora, 2016.

Nos projetos voltados para o morador de alto poder aquisitivo percebe-se um maior isolamento do espaço de empregada. No Edifício Aurélio Buarque de Holanda, apartamento com quatro dormitórios, sendo duas suítes.

A suíte possui proporção em área útil nitidamente menor que em outras tipologias analisadas. A dependência de empregada contígua à suíte provavelmente proporcione uma estratégia de ampliabilidade para compensar o espaço reduzido. No Edifício Tarumã destaca-se a mesma afirmativa, mesmo sendo tipologia de 3 dormitórios.

Quadro 4.4 - Dependência que permite conexão com a suíte/dormitório (grupo 2A)



Fonte: Autora, 2016.

4.3.2 GRUPO 2B: Dependência que não permite conexão a suíte/dormitório

Composto por 5 edifícios (Dom Afonso Henriques, Morada Tropical, Junco, Abrolhos e Catamarã). Notam-se nos edifícios desse grupo (Figura 4.8 e quadro 4.5), a principal característica de impossibilidade de conjugá-la com outros ambientes.

Além disso, a estratégia de baixa hierarquia não contempla o projeto, pois a alta hierarquia destaca-se pela localização do setor de serviço isolada através dos banheiros das suítes e pela cozinha. Prejudica desse modo, o princípio de flexibilidade de agregar funções/adaptabilidade de ambientes com a dependência de empregada ou interação entre os setores (situações recorrentes em edifícios para famílias de altos poder de renda).

Destaca-se o Edifício Catamarã, que possui quatro dormitórios, sendo dois suítes. Além dos dormitórios do setor íntimo, existem dois ambientes destinados a empregada, isolados por meio de um banheiro da suíte. O princípio de adaptabilidade na escolha fica por conta de atividades que fazem parte apenas do setor de serviço. Caracteriza-se como projeto para público de alta renda.

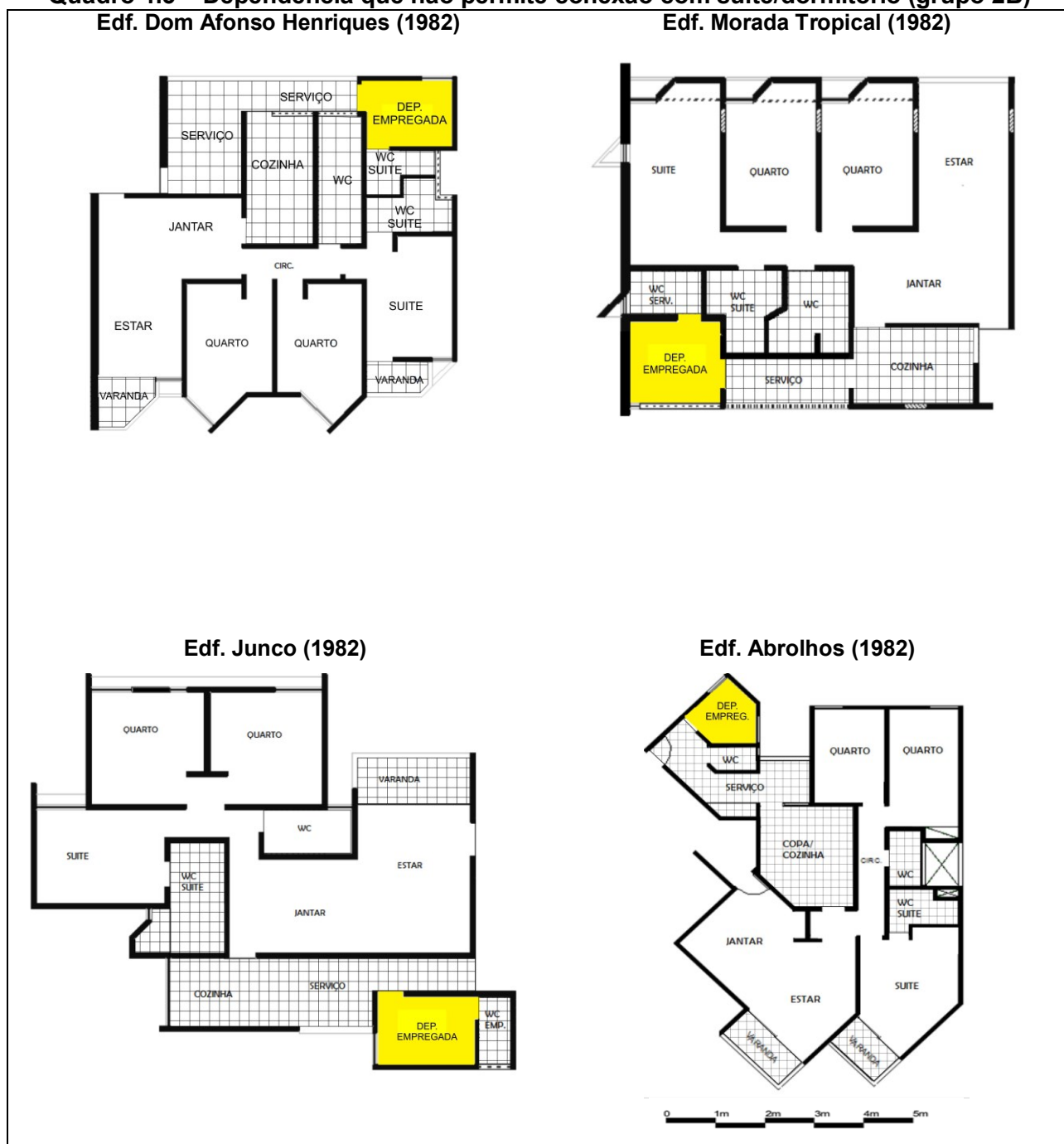
**Figura 4.8 – Dependência que não permite conexão com suíte/dormitório (grupo 2B)
Edf. Catamarã (1985)**



Fonte: Autora, 2016.

A dependência de empregada permanece isolada dos demais setores por meios de banheiros e áreas de serviço. Portanto, toda flexibilidade do ambiente, naqueles apartamentos em que o morador não possua funcionários, estaria na estratégia do espaço multiuso e no princípio de flexibilidade de agregar funções (uso como depósito, maleiro, despensa, extensão da área de serviço etc).

Quadro 4.5 – Dependência que não permite conexão com suíte/dormitório (grupo 2B)



Fonte: Autora, 2016.

4.3.3 GRUPO 2 C: Dependência permite conexão com sala de estar/jantar

Grupo com 9 edifícios cujo quarto de empregada conecta-se diretamente com o setor social do apartamento: (Mandala, Angra, Alessandra, Martinica, Gisele, Saint-Thomaz, Jamaica, Jacques Lacan e Passargada) (quadros 4.6; 4.7 e 4.8).

Este grupo divide-se em 2 subgrupos: (1) com 7 edifícios cuja dependência possui permeabilidade em relação à sala; (2) com 2 edifícios cuja dependência possui contiguidade ao hall social.

Nos Edifício Mandala e no Jacques Lacan nota-se a permeabilidade, o ambiente de empregada está vizinho à sala, mas não por meio de acessos como seria no caso de um ambiente reversível.

A localização do quarto de empregada denota a necessidade de posicioná-la próximo ao espaço de convivência dos moradores e ao mesmo tempo separá-la no setor de serviço e pelo próprio acesso de serviço ao apartamento.

Aplica-se o princípio de adaptabilidade, pela possibilidade de agregar novas funções a dependência que posiciona-se na entrada do apartamento.

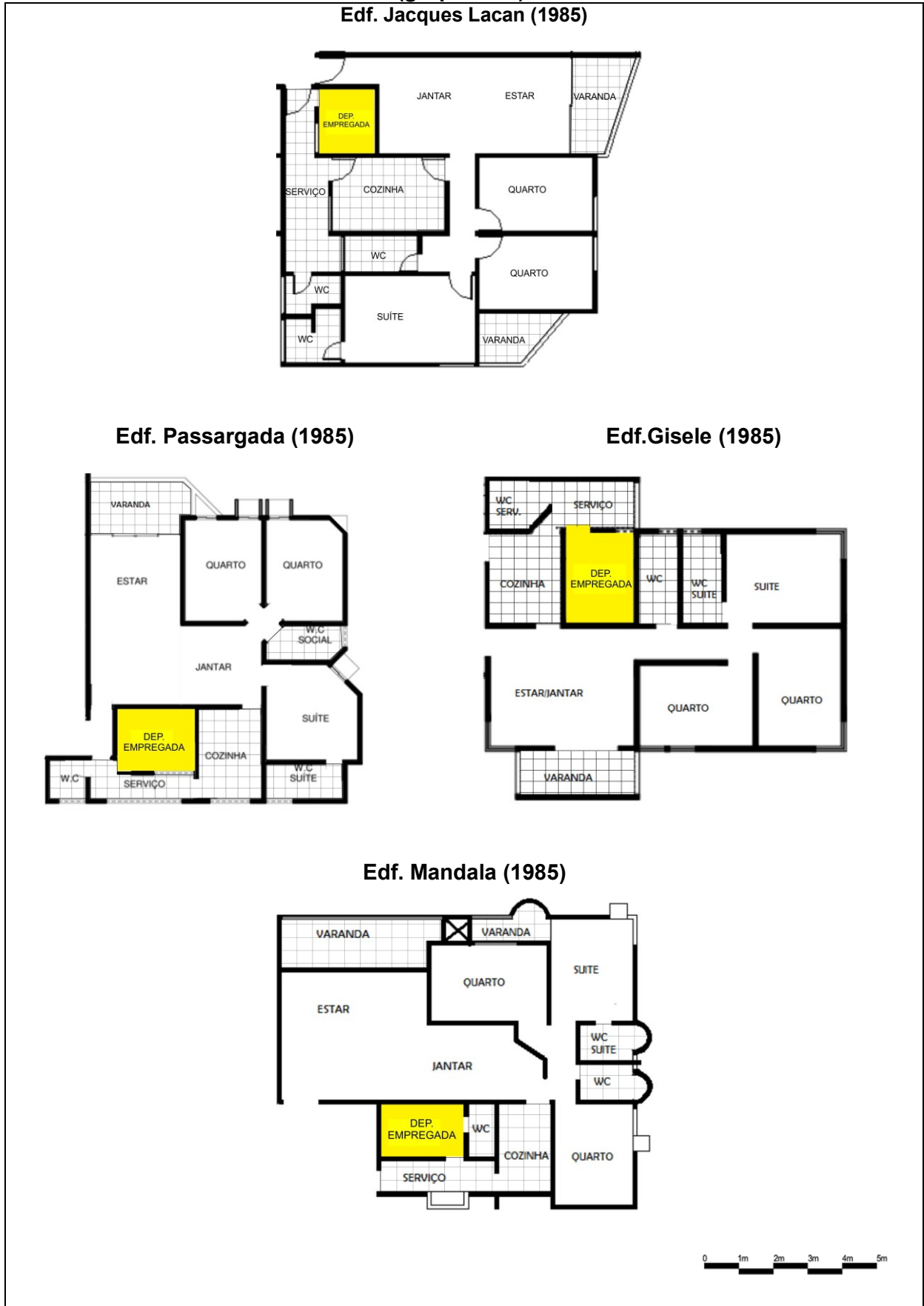
A cozinha do Edifício Jacques Lacan possui um dos acessos voltados para o hall social e o outro para o serviço. Posiciona-se, pois como espaço de circulação entre o setor íntimo e o setor de serviço. Conota-se, pois como estratégia de flexibilidade de acessos adicionais.

Os edifícios com tais características não aparecem com frequência no período do estudo, visto que o projeto valoriza o setor social e a dependência de empregada posiciona-se como espaço de ligação direta entre o setor de serviço e o social, provavelmente para facilitar o trabalho da empregada doméstica.

Nota-se também que a dependência é implantada distante do setor íntimo. Porém funciona como espaço multiuso.

No Edifício Gisele é possível transformar a dependência de empregada em dormitório com o isolamento do acesso ao setor de serviço, já que o projeto utiliza-se do mesmo alinhamento entre a mesma e a suíte do apartamento.

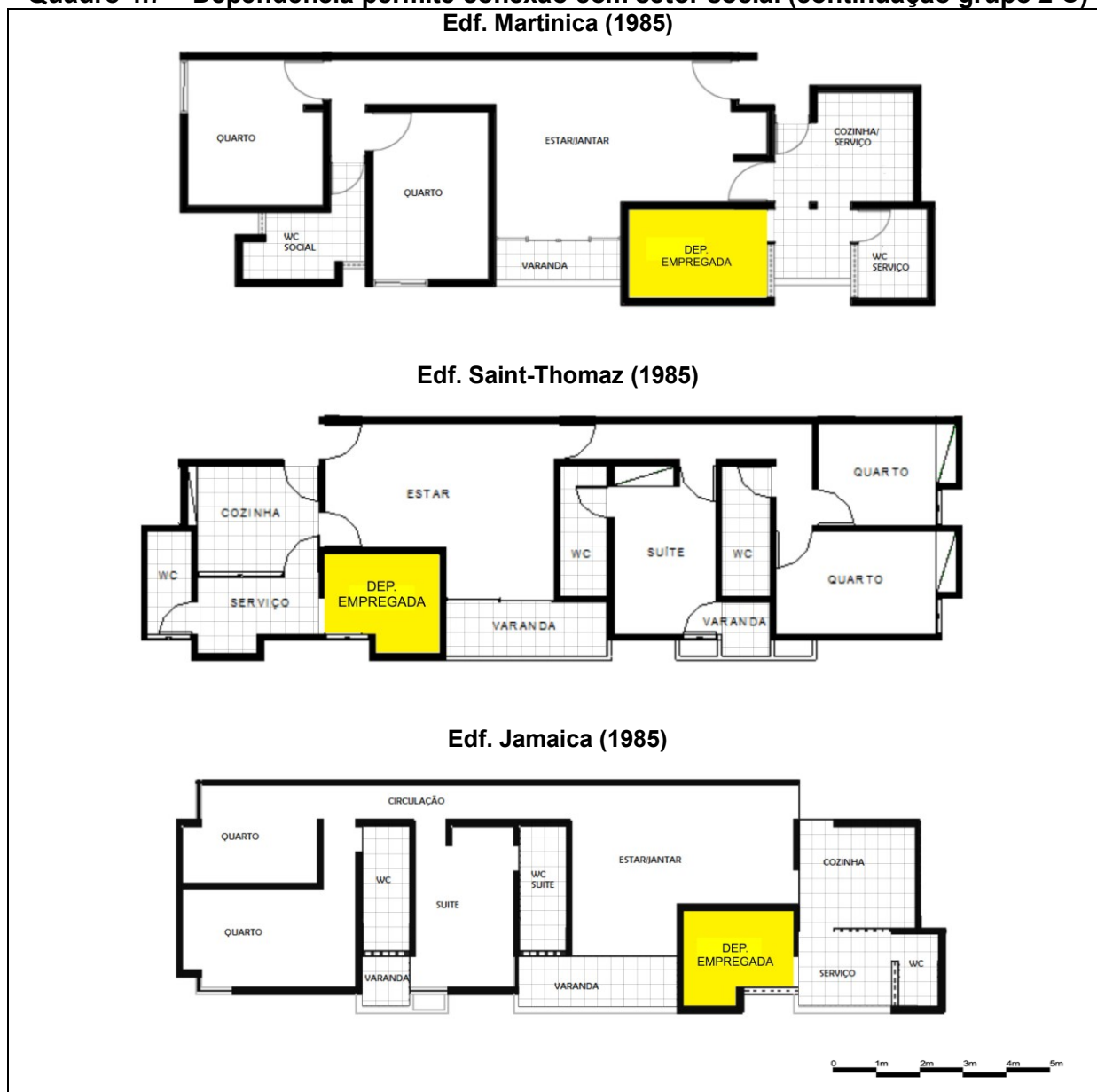
Quadro 4.6 – Apartamentos cuja dependência permite conexão com setor social (grupo 2C.1).



Fonte: Autora, 2016.

Os edifícios com tais características são notadamente de setorização mais simples. Nota-se, pois, que os quartos de empregada voltados para a circulação adquirem maior “status” na possibilidade de ter seu uso modificado. Ademais, forma-se um pequeno hall de serviço e a posição dos banheiros impede a adaptabilidade nos 3 projetos.

Quadro 4.7 – Dependência permite conexão com setor social (continuação grupo 2 C)



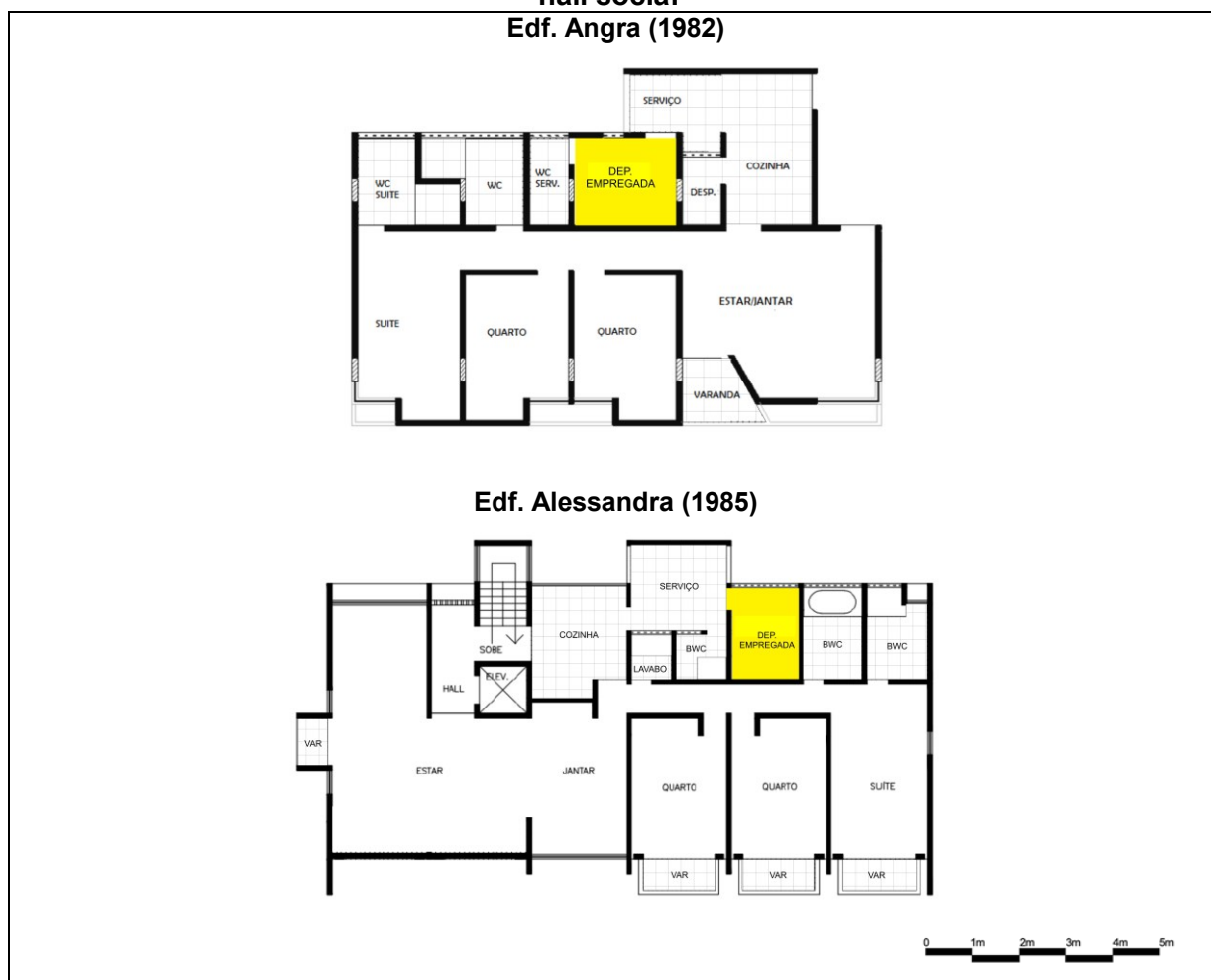
Fonte: Autora, 2016.

Subgrupo 2C: Nos edifícios Angra e Alessandra a localização do quarto de empregada é privilegiada, por não estar totalmente isolado dos demais setores e

abrir a possibilidade de implantar um acesso voltado para o hall social (contiguidade) (quadro 4.8).

Ambos possuem banheiro de serviço contíguo ao quarto e confere possibilidade de mais uma suíte caso o morador assim desejar. Destaca-se, portanto, a flexibilidade do tipo inicial, a princípio de adaptabilidade e a estratégia de alternância entre isolar e integrar o espaço de serviço.

Quadro 4.8 – dependência permite conexão com setor social e possui contiguidade ao hall social



Fonte: Autora, 2016.

4.3.4 GRUPO 2 D: No mesmo edifício uma dependência permite conexão com suíte/dormitório e a outra dependência não permite a mesma conexão

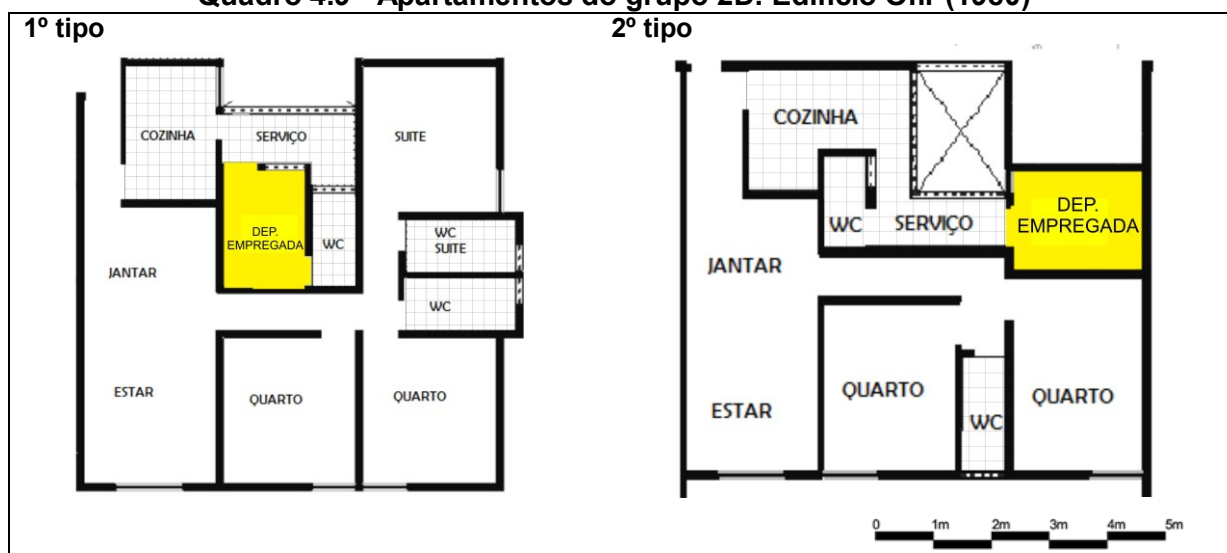
Os edifícios que apresentaram dois posicionamentos de dependência em projetos com 02 opções de plantas diferentes no mesmo edifício (quadros 4.9; 4.10;

4.11; 4.12; 4.13 e 4.14). O grupo é composto por 6 edifícios (Ofir, Humaytá, Village Pajuçara, Taritá, Cártago e Escuna).

No Edifício Ofir encontra-se, no primeiro tipo, uma dependência contígua a sala e a circulação íntima. Como a mesma constitui-se como suíte, a flexibilidade possui ação protagonista, pois aumenta o número de suítes do apartamento no setor íntimo. No segundo tipo, uma dependência contígua ao quarto e ao serviço do apartamento, permite uma flexibilidade de **ação coadjuvante**, possível suporte para o quarto vizinho ou para o setor de serviço.

As duas tipologias apresentam estratégia de baixa hierarquia entre os ambiente e o 2º tipo permite que a dependência possa ser substituída por mais um dormitório.

Quadro 4.9 - Apartamentos do grupo 2D. Edifício Ofir (1980)



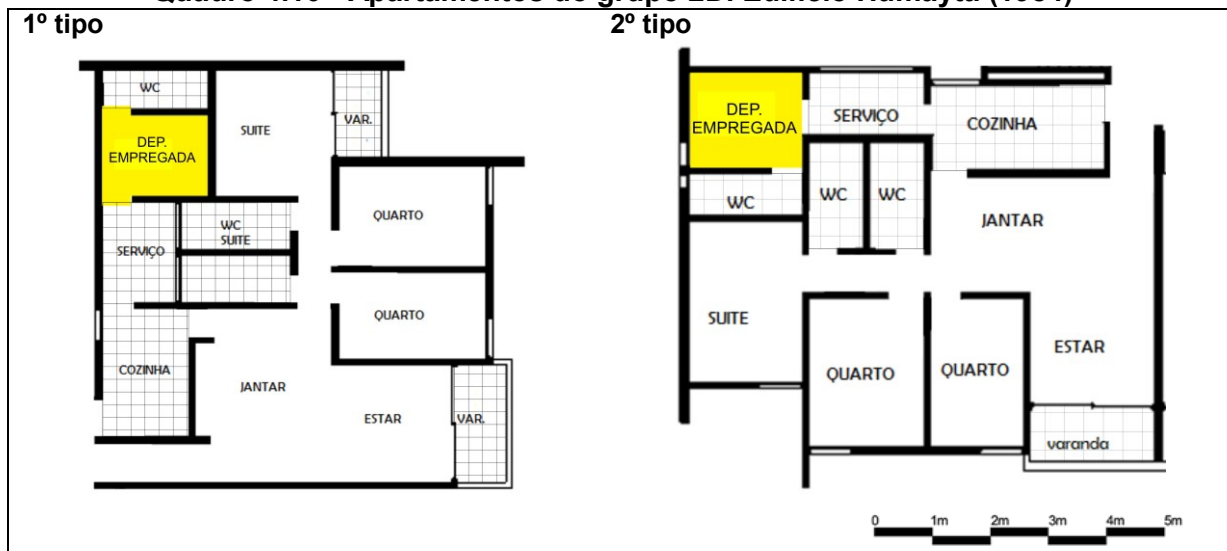
Fonte: Autora, 2016.

No Edifício Humaytá encontra-se, no primeiro tipo, uma dependência contígua a suíte e ao serviço e assume, portanto, flexibilidade com ação coadjuvante pela possibilidade de apoio aos ambientes vizinhos. Além disso, destaca-se o isolamento da dependência em relação aos demais setores do apartamento. Observa-se o princípio de ampliabilidade e de diversidade tipológica.

O segundo tipo está contíguo ao serviço e ao banheiro do serviço, reforçando, assim, o isolamento da dependência de empregada. A flexibilidade com ação coadjuvante, possível suporte apenas para o serviço restringe as

possibilidades de escolha do usuário. É possível notar que o princípio adaptabilidade nesse caso favorece ao uso da dependência voltada para o setor de serviço.

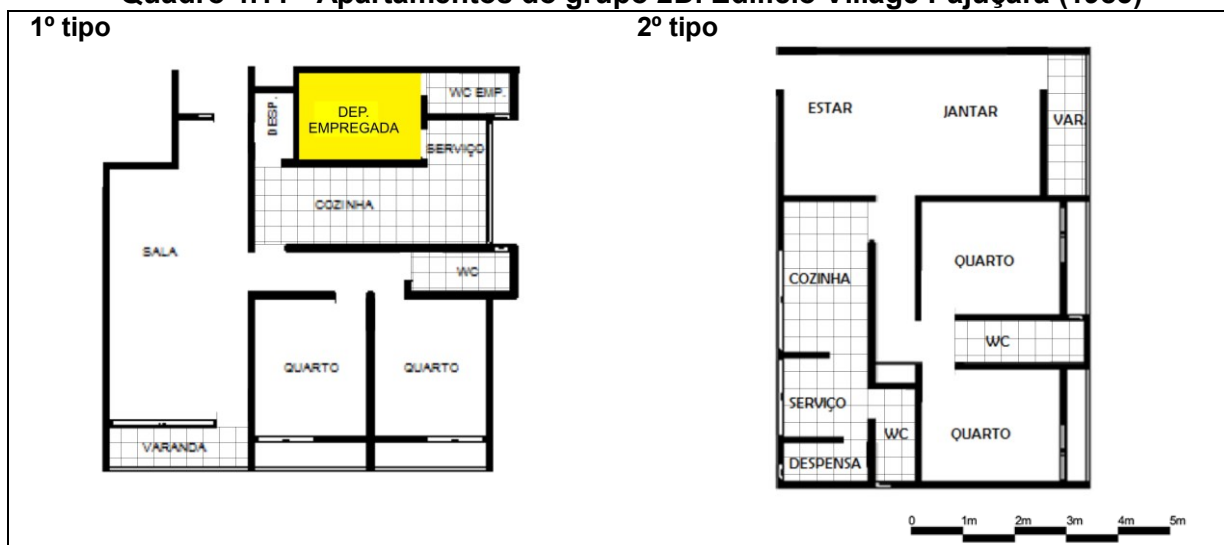
Quadro 4.10 - Apartamentos do grupo 2D. Edifício Humaytá (1984)



Fonte: Autora, 2016.

No Edifício Village Pajuçara encontram-se duas tipologias distintas. O primeiro tipo apresenta dependência de empregada totalmente centralizada dentro do setor de serviço pela cozinha, despensa e wc de empregada. Isolada nesse setor, as possibilidades são restritas, mas é o único edifício de tipologia 2 dormitórios que apresentam itens como despensa e a dependência de empregada em si. O segundo tipo não é frequente no universo de estudo. Tipologia de dois dormitórios apresenta a despensa, mas a ausência da dependência destaca-se no projeto como opção de escolha de planta pela primeira vez no período.

Quadro 4.11 - Apartamentos do grupo 2D. Edifício Village Pajuçara (1985)

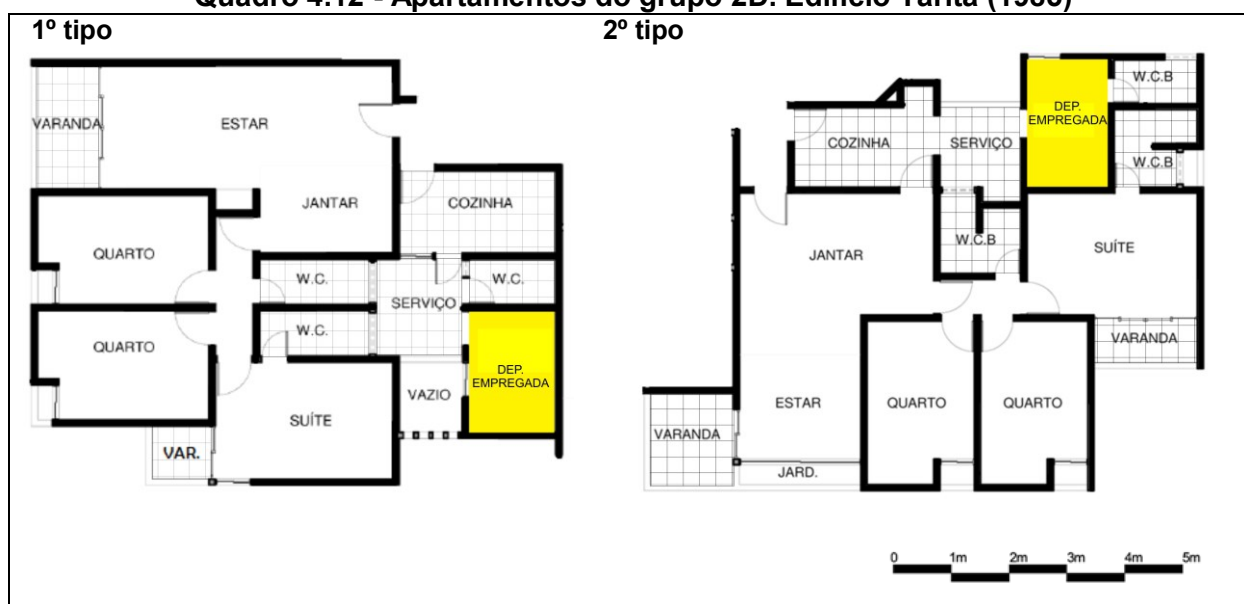


Fonte: Autora, 2016.

O Edifício Taritá possui distribuição de espaços semelhante ao edifício Humaytá. No primeiro tipo, a dependência está mais isolada, contígua apenas ao serviço e ao banheiro do serviço. A Flexibilidade apresenta-se mais restrita.

No segundo tipo há mais possibilidades, visto que a dependência está contígua à suíte. Possibilita, assim, uma ação coadjuvante, caso sirva de apoio às atividades da suíte. Nota-se a possibilidade de junção entre banheiro de serviço e o banheiro da suíte (estratégia de expansibilidade).

Quadro 4.12 - Apartamentos do grupo 2D. Edifício Tarita (1985)



Fonte: Autora, 2016.

O Edifício Cártago possui características de moradia para famílias de alta renda. No primeiro tipo (tipologia de 3 dormitórios sendo 1 suíte) nota-se o grande distanciamento entre a dependência de empregada e os ambientes do setor íntimo (lados opostos).

No segundo tipo a tipologia é de 4 dormitórios sendo 2 suítes. No entanto, a dependência está contígua a uma das suítes, conferindo uma flexibilidade com ação coadjuvante e o provável uso como closet, por exemplo. Nota-se o princípio de adaptabilidade

As varandas apresentam notória posição na estratégia de ampliabilidade, pois aparece com áreas generosas nos edifícios de alta renda. As possibilidades de

escolha de usos são obviamente maiores em apartamentos com tipologia de 4 ou mais dormitórios. O edifício apresenta planta baixa com itens considerados diferenciados como lavabo, despensa, banheiro de serviço, varandas em todos os dormitórios, além da própria dependência de empregada.

Quadro 4.13 - Apartamentos do grupo 2D. Edifício Cartago (1984)



Fonte: Autora, 2016.

O Edifício Escuna também possui caracteriza-se para famílias de alta renda. No primeiro tipo, a dependência está mais isolada, contigua apenas ao serviço e ao quarto. A Flexibilidade apresenta-se em relação à junção de dormitórios (princípio de ampliabilidade).

No segundo tipo a dependência está contigua à sala de estar e jantar, além da cozinha. Possibilita, assim, uma ação coadjuvante, caso sirva de apoio às atividades do setor social (adeaga/copa, por exemplo). O edifício apresenta depósito no projeto inicial, item inédito no setor de serviço no período em estudo, caracteriza-se, pois, como estratégia de cômodo multiuso.

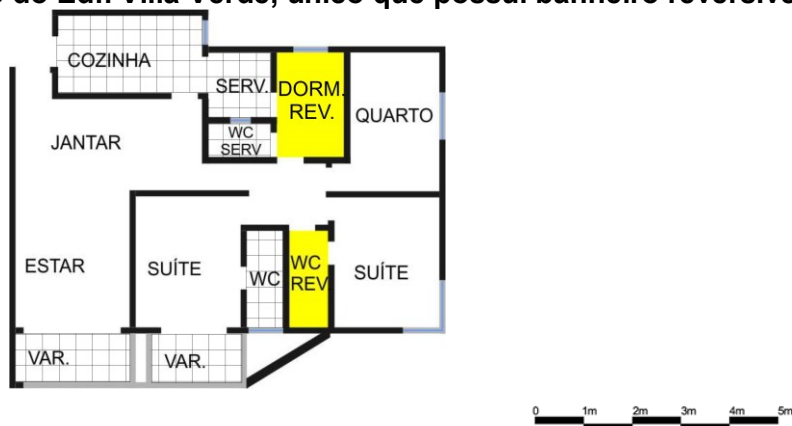
Quadro 4.14 - Apartamentos do grupo 2D. Edifício Escuna (1982)

Fonte: Autora, 2016.

4.4 Grupo 3: Presença do Banheiro Reversível:

Apenas um edifício apresentou um banheiro reversível no projeto. O Edifício Villa Verde, aprovado em 1985 (Figura 4.9). O Villa Verde possui tipologia de 3 dormitórios mais o reversível e ainda assim apresentou um indício de flexibilidade inédito na cidade de Maceió.¹ A flexibilidade possui ação protagonista no banheiro reversível, que posiciona-se contíguo a suíte e ao hall íntimo, conferindo, pois, alto grau de estratégias de espaços multiusos.

Figura 4.9 – Apartamento do Edf. Villa Verde, único que possui banheiro reversível.



Fonte: Autora, 2016.

¹ Análise publicada em formato de artigo pela autora nos anais do XV ENCONTRO NACIONAL DE TECNOLOGIA DO AMBIENTE CONSTRUÍDO, realizado nos dias 12,13, e 14 na cidade de Maceió/AL.

4.5 Grupo 4: Apartamentos sem Dependência de Empregada

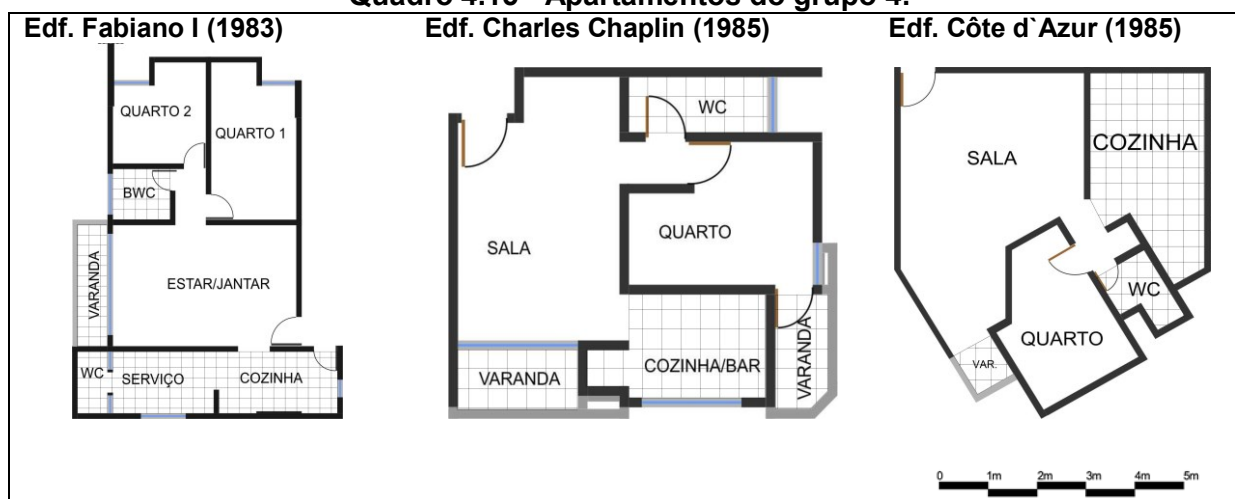
Esse grupo é composto por 3 edifícios que não possuem a dependência de empregada, tão pouco o dormitório reversível (Quadro 4.15). Os edifícios sem dependência de empregada são da tipologia de 1 dormitório, exceto o edifício Fabiano I que possui 2 dormitórios.

As varandas apresentam papel importante no princípio de flexibilidade da ampliabilidade, que seria cada vez mais valorizado nos projetos de apartamentos posteriormente. O Fabiano I não possui dependência de empregada, porém o banheiro de serviço está presente, como um espaço de suporte para uma diarista.

Além disso, por tratar-se de um projeto de 2 dormitórios, provavelmente o que seria um terceiro reversível ou uma dependência, foi suprimido do projeto. Existe aí a possibilidades de conexão entre os dormitórios, com um deles podendo ser transformado em closet, por exemplo, e o banheiro social permite a transformação do mesmo em banheiro reversível.

Uma possibilidade que poderia ser pensada nos edifícios Charles Chaplin e Côte d'Azur seria o apartamento com a planta livre, sem divisórias. Destacam-se nos 3 projetos a presença de varanda, elemento que transmite uma sensação de que o espaço é mais amplo.

Quadro 4.15 - Apartamentos do grupo 4.



Fonte: Autora, 2016.

4.6 Considerações Sobre o Capítulo 3

O capítulo expôs os resultados encontrados no levantamento dos edifícios multifamiliares construídos no período de 1980-1985.

Tratam-se de 37 edifícios, dentre os quais 7 deles apresentam pela primeira vez no mercado imobiliário local o ambiente reversível e um banheiro reversível. Entende-se como reversível o espaço cujo acesso se dá por mais de uma porta.

A quantidade de edifícios encontrados que adotaram os dormitórios reversíveis no projeto não é marcante para consolidar o elemento na primeira metade da década de 1980 em Maceió. Porém percebe-se que foi o início de um desgarramento da setorização rígida, muito presente nos produtos imobiliários das décadas de 1960 e 1970.

A introdução do terceiro reversível nesse momento é o item diferencial nos projetos de edifícios multifamiliares. Considerou-se também o posicionamento dos ambientes em relação aos demais e as possibilidades de conexões entre cômodos suportadas pela configuração espacial do apartamento. O que chama a atenção é que isso influencia diretamente nas possibilidades de uso que o projeto permite aos usuários.

Não é possível distinguir a motivação para tais configurações apenas observando o projeto. O que chamou a atenção foi a presença de varanda em dormitórios e na sala de estar, elemento que transmite uma sensação de amplitude espacial e tende a desaparecer ao longo das décadas seguintes.

A tipologia mais frequente é de 3 dormitórios, com alguns exemplares de tipologia mista que permitem uma escolha de plantas diferentes no mesmo edifício. Além disso, existem unidades com mesma tipologia e disposição de ambientes diferentes no mesmo edifício.

O Edf. Village Pajuçara apresenta um formato diferente dos edifícios com dependência pela primeira vez no período como o primeiro projeto com tipologia a 2 dormitórios e a opção de uma terminação com dependência e outra sem dependência de empregada. Destaca-se um ineditismo no período quanto à redução no número de dormitórios e no espaço reservado ao setor de serviço.

Observam-se edifícios apresentando duas tipologias diferentes no mesmo pavimento tipo, mesmo que mantenham a dependência de empregada isolada do setor íntimo (Edf. Cártaço). Naqueles que não possuem o amplo espaço de serviço, apresenta-se o banheiro de serviço como resquício da antiga dependência e que serve para uso de provável diarista.

A dependência de empregada era uma opção nos apartamentos quando este não possuía a opção de dormitório reversível, podendo ser revertido em dormitório; pode-se definir como um ambiente que, como o nome já diz, está relacionado à área de serviço, ao espaço que historicamente é “menosprezado” e isolado o máximo possível.

Conclui-se, dessa maneira, que o período em estudo traz evidentes elementos que indicam já havia mudanças na oferta de edifícios em Maceió quanto à flexibilidade, apesar do predomínio de exemplares que atendiam a uma família nuclear e repetiam, por vezes, a tripartidação presente em residências unifamiliares.

Define-se que a presença do dormitório reversível teria característica de posicionamento que permitia ou impossibilitava a contiguidade do mesmo com o dormitório vizinho ou suíte principal, já que em todos dos edifícios o ambiente apresenta-se posicionado de modo semelhante (um acesso voltado para a área de serviço e o outro direcionado ao setor social ou íntimo).

5 O DORMITÓRIO REVERSÍVEL: USO E APROPRIAÇÃO PELOS USUÁRIOS

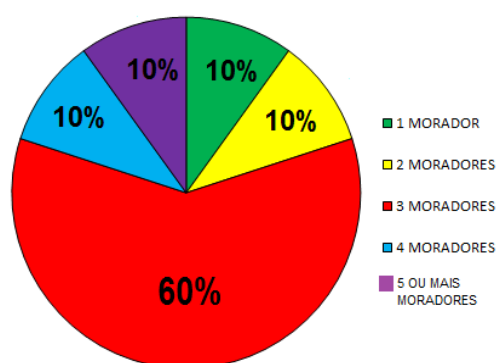
Neste capítulo expõem-se os dados obtidos através das entrevistas com os moradores dos 7 edifícios que apresentaram apartamentos com dormitório reversível e que permitiram seu registro fotográfico. Apresentam-se dados referentes aos agrupamentos familiares identificados e sua relação como a maneira que os usuários realizam atividades diárias no apartamento.¹

5.1 Perfil dos Usuários

A maioria dos 19 apartamentos visitados são próprios e os moradores residem a cerca de 10 anos ou mais. Não foram encontrados residentes desde a entrega do imóvel, pois a maioria são herdeiros que receberam o apartamento no momento do casamento ou pelo nascimento de mais filhos na família. Apenas o edifício Soledade não foi visitado, pela recusa dos moradores.

A maioria dos agrupamentos familiares é de casal com filhos, em 40% dos domicílios visitados e 60% deles são compostos por 3 moradores. O máximo de moradores de um apartamento visitado foram de 5 pessoas (gráfico 5.1).

Gráfico 5.1 - Quantidade de moradores por apartamento visitado

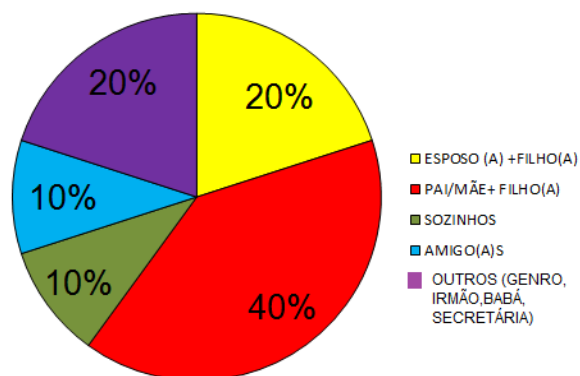


Fonte: Autora, 2016.

¹ O conteúdo deste capítulo está publicado nos anais do SIMPÓSIO BRASILEIRO DE QUALIDADE DO PROJETO NO AMBIENTE CONSTRUÍDO (XAVIER;TOLEDO, 2015).

No entanto, a presença de outros agrupamentos familiares é expressiva: 20% formados por filhos e pais/mães divorciados, 10% de amigos que dividem aluguel e, por fim, 10% de pessoas morando sozinhas (gráfico 5.2).

Gráfico 5.2 - Agrupamentos familiares

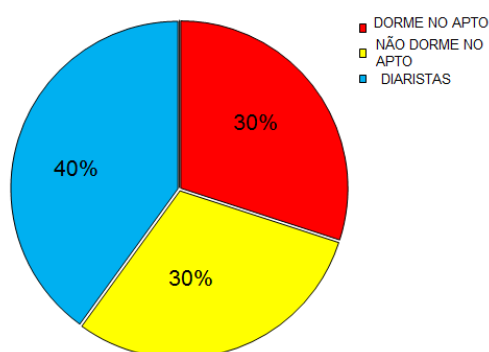


Fonte: Autora, 2016.

Estima-se que a tipologia de 3 dormitórios converge para um resultado maior em relação a quantidade de moradores por conta do espaço disponível e a possibilidade de reverter o terceiro reversível serviu no processo de adaptabilidade para todos os 19 moradores. Os resultados apontam relatos de famílias entrevistadas durante o ano de 2013 e as respectivas formas de uso encontradas nos dormitórios reversíveis.

A presença da empregada doméstica é notória nos apartamentos, pois 60% possui funcionárias (fixas) e 40% diaristas. Além disso, metade das empregadas fixas dormem no emprego. Provalmente, utilizam-se do terceiro reversível para tal (gráfico 5.3).

Gráfico 5.3 - As empregadas dormem ou não dormem no emprego



Fonte: Autora, 2016.

5.2 Formas de Ocupação pelos Usuários

Os moradores estão distribuídos por ordem de atividades em comum no terceiro reversível, o quadro a seguir mostra um panorama geral do que foi encontrado nas visitas (quadro 5.1).

O dormitório reversível não é destacado pelos entrevistados como item atrativo para aquisição do imóvel. No entanto, registraram-se atividades multiuso como escritório, depósito de objetos, dormitório de hóspedes e, por vezes, todas elas no mesmo local.

Outro ponto de destaque são as ocupações relativas a presença de empregada doméstica no apartamento. Em alguns projetos, a exemplo do Edifício Villa Verde, percebe-se ainda a intenção de isolar o acesso pelo setor íntimo e manter o antigo “espaço de empregada”, por não acharem adequada a circulação de funcionários junto aos moradores.

Muitos moradores não denominam o dormitório reversível como depósito e nem como extensão do serviço, pois quando a empregada utiliza o local para descanso transfere-se a apropriação do espaço para a mesma.

Nota-se que em famílias maiores, acima de 3 moradores, o dormitório reversível é mais utilizado como dependência de empregada (com espaço para ela possa dormir) e atividades relativas ao setor de serviço como local para passar ferro em roupas, organizar roupas limpas e depositar itens de uso menos corriqueiro (malas de viagem, por exemplo).

Nos apartamentos com 2 ou menos moradores, o uso como escritório é indicado pelos entrevistados. Apenas 15% desses moradores afirmam que o dormitório reversível é mais utilizado pela empregada doméstica.

As informações compiladas no quadro serviram de norteador da análise de uso pelos moradores. O predomínio da família composta por casal e filhos não mascara as demais composições como amigos que estudam e dividem apartamento, pais e/ ou mães solteira e pessoas que moram sozinhas.

Além disso, a composição familiar não interfere na semelhança na forma de apropriação do terceiro reversível encontrada nas visitas. Enquanto 13 moradores

dizem utilizar o espaço para a função dormitório, 11 composições não possuem empregada doméstica no apartamento.

Quadro 5.1 - Panorama de informações coletadas

Nº	Grupo familiar	Modificou o dorm. reversível		Empregada		Função do reversível	Atividades identificadas	Quem utiliza
		SIM	NÃO	SIM	NÃO			
1		■			■		Dormir Estudos Musica	Irmãos
2		■					Dormir Estudos costura	Filha
3			■				Dormir Estudos TV	Filho
4			■				Dormir Estudos	Filho 10 anos
5		■					Dormir Estudos	Estudante
6		■		■			TV Estudos Computador hospedes	Filho
7			■	■			Dormir Estudos	Estudante
8			■				Arrumar roupas Guardar caixas Colchão (cama)	todos
9		■		■			Passar ferro em roupas Descanso p/funcionária Depósito	empregada
10		■					Depósito Descanso p/funcionária	empregada
11			■	■			Ambiente de hóspede Escritório Depósito	cunhada
12			■	■			Ouvir música Lê livros Descanso p/funcionária Depósito	morador
13		■		■			Guardar livros Depósito	Sogra
14		■		■			TV Estudos computador	morador
15			■				Estudos trabalho	morador
16			■				Depósito Extensão serv.	todos
17			■				Arrumar roupas Guardar caixas	todos
18		■					Dormir	Irmão
19		■		■			Dormir (A funcionária dorme no trabalho)	empregada

Fonte: Autora, 2016.

Isso implica que a atividade é mantida independente da necessidade de empregada em casa. Além disso, nota-se a presença de outras atividades atreladas em um mesmo espaço, como depósito (presente em 8 apartamentos), escritório (11 apartamentos), descanso da funcionária, que não dorme no emprego (4 apartamentos) e sala de tv (3).

Enquanto uns moradores o reversível é uma solução para comportar a quantidade de moradores e a variedade de necessidades pessoais de cada um, para outros o espaço representa um setor de serviço mais amplo, utilizado para guardar itens de pouco menos frequente ou atividades relativas a limpeza (passar roupas).

As pessoas que moram sozinhas (2 apartamentos), utilizam o reversível como espaço para lazer, mas apenas uma delas modificou os dois acessos do ambiente. Os apartamentos com mais moradores tem como motivação para a modificação do reversível em dar privacidade para usuário mais frequente do espaço ou separar o espaço de empregada e prover a privacidade dos familiares em relação ao serviço.

5.3 Análise dos Apartamentos: Uso e Apropriação

5.3.1 Apartamentos com Atividades de Dormitório e Escritório

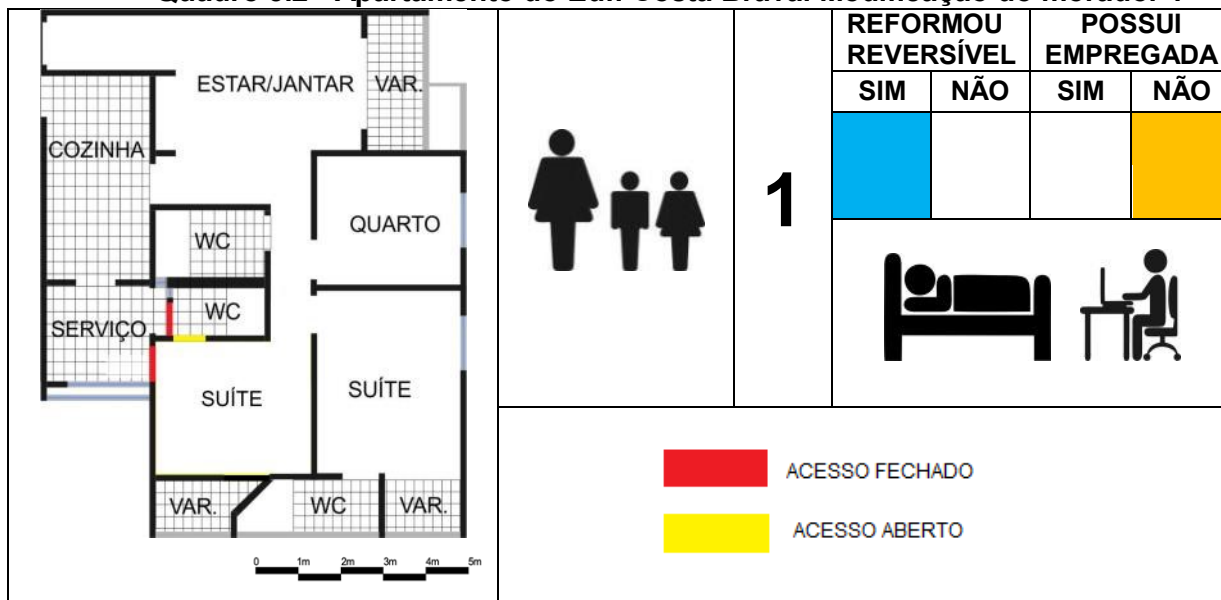
Em 7 apartamentos visitados as atividades do reversível são relativas ao descanso de um dos moradores ou atividades de estudo/ escritório. As legendas indicam quais dos acessos foram vedados ou mantidos abertos para uso e apropriação do espaço.

Os grupos familiares que optaram pelo uso do espaço como dormitório/suíte geralmente são casais com filhos ou pais/mães solteiros que moram com mais de um filho e sentiram necessidade de um dormitório a mais no apartamento. Nota-se que independente do edifício, alguns resultados seguem a mesma linha de decisão conforme a composição familiar.

Morador 1: A modificação no reversível foi a mais encontrada, o acesso ao serviço foi fechado com alvenaria e o antigo banheiro de serviço tem um acesso aberto para dentro do dormitório, transformando-se em suíte. A composição familiar

não possui diarista ou empregada doméstica, motivo que reforçou a decisão de reforma (quadro 5.2).

Quadro 5.2 - Apartamento do Edf. Costa Brava. Modificação do morador 1



Fonte: Autora, 2016.

O morador 1 relatou a necessidade de uma segunda suíte, já que possui garotos adolescentes e que gostariam de maior privacidade (imagens 5.1; 5.2 e 5.3).

O princípio de flexibilidade ampliabilidade aplica-se à integração da varanda ao dormitório e a estratégia de ambiente reversível já veio no projeto entregue ao morador. O tipo de flexibilidade, portanto, é a inicial, pois permitiu ao morador fazer adaptar-se as suas necessidades.

A reversibilidade foi de ação coadjuvante, pois a finalidade de dormitório continua em uso, além da modificação do banheiro de serviço, que também caracteriza-se como ação coadjuvante (suporte as atividades da suíte).

Imagem 5.1 - Acesso à suíte à direita e ao banheiro à esquerda



Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.2 - Acesso ao serviço vedado



Imagem 5.3 - Varanda integrada à suíte



Fonte: Autora, 2013.

Morador 2: A presença da varanda na suíte e na sala de estar/jantar confere princípio de flexibilidade ampliabilidade. Além disso, a conectividade do dormitório reversível com a suíte principal do apartamento permitem estratégias de flexibilidade de cômodo multiuso (quadro 5.3).

Nesse caso, o **morador 2** optou por reverter o ambiente em suíte, porém manteve o acesso ao serviço apenas vedado (a porta está apenas trancada e sem uso), configurando-se estratégia de flexibilidade “alternância entre isolar e integrar”.

Quadro 5.3- Apartamento do Edf. Costa do Marfim. Modificação do morador 2

		2	REFORMOU REVERSÍVEL		POSSUI EMPREGADA	
			SIM	NÃO	SIM	NÃO

Fonte: Autora, 2016.

Nesse caso, a reversibilidade teve ação coadjuvante, o que supõe-se que a configuração da planta baixa induz a utilização como suíte. O morador 2 considerou “desnecessária” a presença de um banheiro de serviço e integrou o mesmo à suíte

(imagens 5.4; 5.5 e 5.6). O morador 2 é estudante e preferiu manter o acesso ao serviço apenas vedado, para realizar modificações futuras e utilizar-se do segundo acesso para ter mais privacidade ao sair do apartamento ou chegar em casa.

Imagem 5.4 - Acesso à suíte à direita e ao banheiro à esquerda.

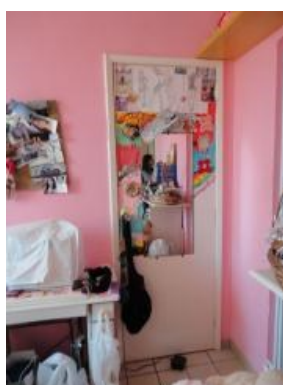


Fonte: Autora, 2013.

Além disso, optou por integrar a varanda à suíte, aplica-se aí o princípio de ampliabilidade. Vale ressaltar que o morador 2 possui um espaço segue a estratégia de flexibilidade cômodo multiuso: entre o acesso a suíte e o banheiro, o espaço é considerado para penteadeira e estudos.

Em seguida, vizinho a porta de acesso ao serviço constitui-se local de prática de costura. Tudo isso, agregado as atividades de descanso, lazer e receber amigos.

Imagem 5.5 - Acesso ao serviço



Fonte: Autora, 2013.

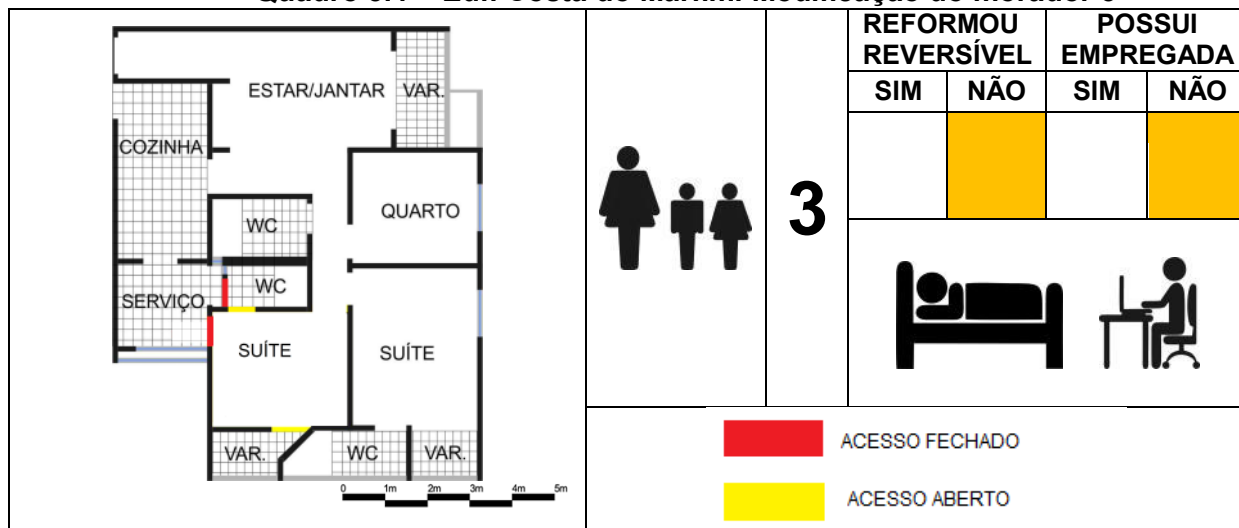
Imagem 5.6 – Varanda integrada



Morador 3: escolheu reverter o dormitório reversível em suíte, porém manteve o acesso ao serviço vedado em definitivo configurando-se estratégia de flexibilidade “alternância entre isolar e integrar”. A suíte é utilizada por 2 irmãos.

Observam-se atividades como descanso, lazer (tv, som e instrumentos musicais) e estudos (imagens 5.7; 5.8; 5.9 e 5.10).

Quadro 5.4 - Edf. Costa do Marfim. Modificação do morador 3



Fonte: Autora, 2016.

A reversibilidade teve ação protagonista, o dormitório foi reconfigurado e ganhou status do setor íntimo, sem conexão com o serviço. O banheiro de serviço, integrado à suíte, passou a fazer parte do setor íntimo do apartamento. As soluções adotadas pelos moradores foram semelhantes, em relação ao aproveitamento do o banheiro de serviço como espaço íntimo (quadro 5.4).

Imagem 5.7- Acesso à suíte à direita

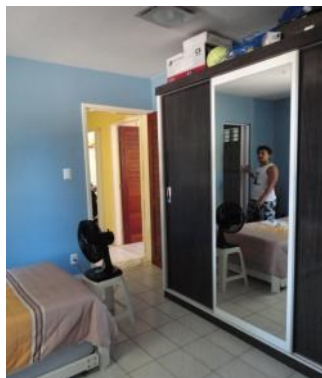
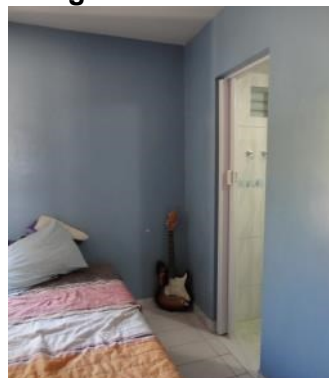


Imagem 5.8- Acesso banheiro



Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.9- Espaço para lazer



Imagem 5.10- Integração da varanda

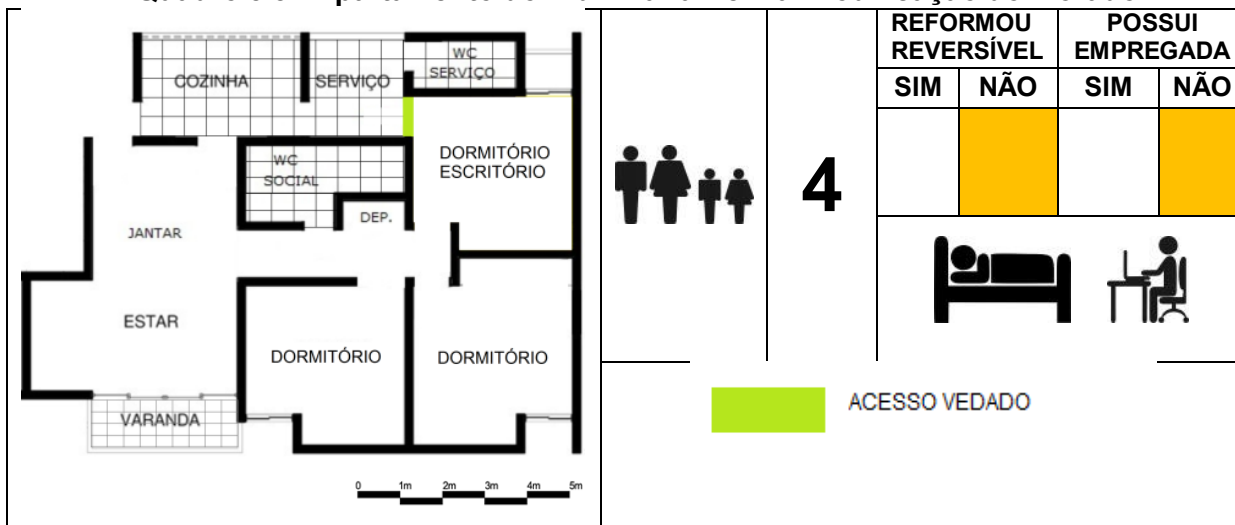


Fonte: Autora, 2013.

Morador 4: Manteve a porta do acesso pelo serviço trancada e sem uso. A reversibilidade teve ação coadjuvante, já que não perde suas características iniciais. O propósito da ocupação é dar futuramente privacidade ao quarto de um pré-adolescente, que poderá fazer uso do banheiro de serviço com mais facilidade (quadro 5.5).

Destaca-se o o princípio de flexibilidade adaptabilidade e a estratégia de flexibilidade cômodo multiuso, porque o usuário do dormitório descansa, brinca e estuda no mesmo espaço. O aproveitamento do dormitório reversível foi planejado desde a mudança para o apartamento pelo agrupamento familiar de casal com filhos.

Quadro 5.5 - Apartamento do Edf. Maria Celina. Modificação do morador 4



Fonte: Autora, 2016.

Percebe-se além do próprio dormitório reversível como um tipo de flexibilidade inicial (presente no projeto entregue ao morador) e ao mesmo tempo contínua (quando o dormitório reversível é aproveitado como estratégia de flexibilidade que o é ao longo dos anos).

O Princípio de flexibilidade ampliabilidade não foi realizado na varanda como o outro morador e móveis planejados também são vistos nas fotografias (Imagens 5.11; 5.12; 5.13; 5.14 e 5.15).

Imagem 5.11 - Acesso pelo hall íntimo.



Imagem 5.12 - Armário planejado



Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.13 - Espaço p/ estudos.



Imagem 5.14 - Porta vedada



Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.15 - Acesso ao banheiro de serviço à esquerda e 2º acesso do dormitório.

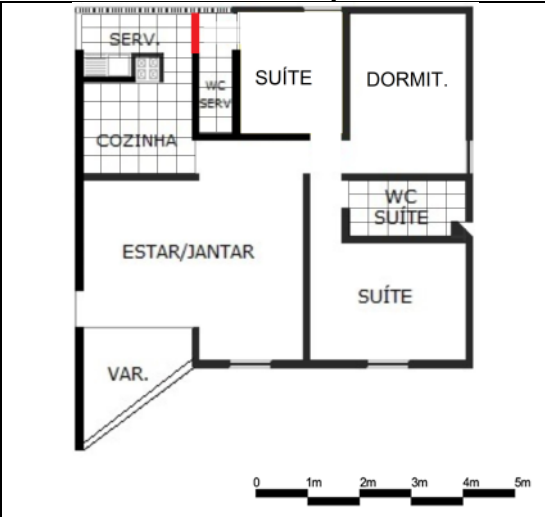





Fonte: Autora, 2013.

Morador 5: integrou o banheiro de serviço ao antigo dormitório reversível, utilizando o espaço como suíte de estudante solteira, o que caracteriza uma reversibilidade de ação coadjuvante, pois o ambiente não perde seu objetivo inicial de dormitório (quadro 5.6).

A estratégia de flexibilidade cômodo multiuso está presente através do espaço para televisão, guarda-roupas e espaço para repouso, o apartamento é ocupado por estudantes que dividem despesas. Pelas atividades estudantis, o espaço ficou definido como dormitório e local de estudos, cada moradora possui um quarto para si.

Quadro 5.6 - Apart. do Edf. Morada dos Ventos II. Modificação do morador 5

		5	REFORMOU REVERSÍVEL		POSSUI EMPREGADA	
			SIM	NÃO	SIM	NÃO
			 ACESSO FECHADO			

Fonte: Autora, 2016.

Imagem 5.16 - Acesso à suíte.

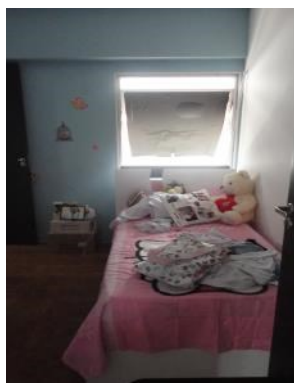
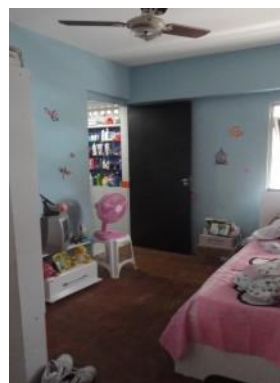


Imagem 5.17 - Acesso ao banheiro



Fonte: Autora, 2013.

É importante ressaltar a configuração familiar não tradicional, encontrada em apenas 2 edifícios visitados, mas que se mostra totalmente apropriada da disposição

dos 3 dormitórios oferecidos. A ausência de empregada é notada pelo ato de suprimir o serviço ao mínimo possível (Imagem 5.19).

O dormitório reversível é revertido em suíte, com o acréscimo do antigo banheiro de serviço (ampliabilidade). O princípio de flexibilidade mais nítido é da adaptabilidade e, por fim, de “agregar funções” (imagens 5.16; 5.17; 5.18 e 5.19).

Imagem 5.18 - Antigo banheiro de serviço



Imagem 5.19 - Acesso vedado



Fonte: Autora, 2013.

Morador 6: Integração do banheiro de serviço ao antigo dormitório reversível, utilizando o espaço como escritório, o que caracteriza uma reversibilidade de ação protagonista (quadro 5.7).

Quadro 5.7 - Apart. do Edf. Morada dos Ventos II. Modificação do morador 6

		<p>6</p>	REFORMOU REVERSÍVEL		POSSUI EMPREGADA	
			SIM	NÃO	SIM	NÃO
				ACESSO FECHADO		

Fonte: Autora, 2016.

A estratégia de flexibilidade cômulo multiuso está presente através do espaço para computador, bancada de estudos, guarda-roupas para hóspedes e um sofá cama, que segundo o morador, é utilizado para seu descanso e para receber visitas. A presença de empregada que não dorme no emprego não afeta a dinâmica de uso do antigo reversível.

Imagem 5.20 - Espaço para estudos



Fonte: Autora, 2013.

O princípio de flexibilidade mais nítido é da adaptabilidade, seguido da ampliabilidade (ao anexar o antigo banheiro de serviço) e, por fim, de “agregar funções” (imagens 5.20; 5.21; 5.22; 5.23 e 5.24).

No apartamento reside mãe e filho, o mesmo utiliza o dormitório contíguo para repouso, portanto, o antigo dormitório reversível torna-se extensão do quarto do filho (o escritório adquire uma reversibilidade de ação coadjuvante em relação ao dormitório).

Imagem 5.21 - sofá cama p/ hóspedes

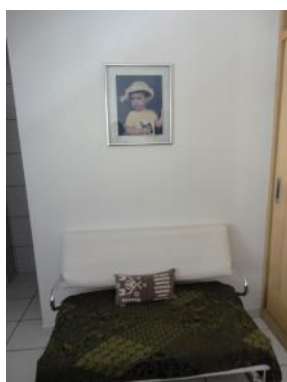


Imagem 5.22 - Guarda-roupas p/hóspedes



Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.23 - Acesso ao banheiro

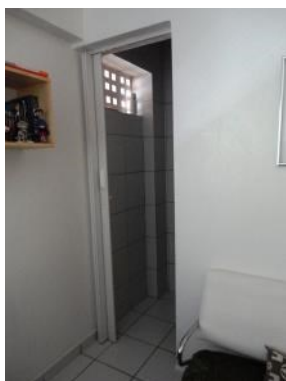


Imagem 5.24 - Banheiro isolado do serviço



Fonte: Autora, 2013.

Morador 7: optou por manter o dormitório reversível e utilizá-lo como tal. Além disso, notam-se nas imagens a presença de televisão, cama, guarda-roupas, denotando uso como quarto de estudante (quadro 5.8).

Neste apartamento o agrupamento familiar é de amigos que estudam e escolheram morar juntos, portanto, segundo morador, cada um ocupa um dormitório do apartamento e o reversível serve de passagem para o banheiro do serviço e a cozinha.

Caracterizam-se os princípios de flexibilidade de adaptabilidade e agregar funções. A estratégia de flexibilidade em evidência é o cômodo multiuso no banheiro de serviço, pois utilizam-no para armazenar malas, pacotes como depósito e banheiro para a diarista.

Quadro 5.8 - Apartamento do Edf. Caiçara. Modificação do morador 7

		<p>7</p>	REFORMOU REVERSÍVEL		POSSUI EMPREGADA	
			SIM	NÃO	SIM	NÃO
<p>Morador manteve o terceiro reversível</p>						

Fonte: Autora, 2016.

A estratégia de flexibilidade alternância entre isolar e integrar aplica-se ao dormitório funcionar como ambiente que permeia entre os setores íntimo e de serviço. (imagens 5.25; 5.26; 5.27; 5.28 e 5.29).

Imagem 5.25 -Acesso pelo hall íntimo



Fonte: Autora, 2013

Imagem 5.26 - local para dormir



Imagem 5.27 -Espaço p/ tv suspensa



Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.28 - acesso ao reversível pelo serviço



Imagem 5.29- Depósito no banheiro de serviço







Fonte: Autora, 2013.

5.3.2 Apartamentos com Atividades de Dormitório e Depósito

Morador 8: excluiu o acesso do hall íntimo ao dormitório reversível, transformando-o em extensão do espaço de serviço. Ele provavelmente também possui uma necessidade diferenciada na realização de atividades como limpeza de roupas (quadro 5.9).

A reversibilidade teve ação protagonista, já que modificou totalmente a finalidade do espaço (transferência do dormitório do setor íntimo para setor de serviço interinamente).

Quadro 5.9 - Apartamento do Edf. Caiçara. Modificação do morador 8

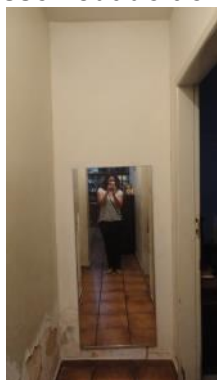
		8	REFORMOU REVERSÍVEL		POSSUI EMPREGADA	
			SIM	NÃO	SIM	NÃO
						
			 ACESSO FECHADO			

Fonte: Autora, 2016.

Além disso, notam-se nas imagens a presença caixas empilhadas denotando uso como depósito. Diversas roupas estão estendidas em todo o ambiente, como se houvessem mais moradores do que o relatado (3 pessoas) e a inexistência total da função íntima ali. O morador não permitiu o acesso ao antigo reversível, apenas indicou o que poderia ser fotografado. (imagens 5.30; 5.31 e 5.32).

Caracterizam-se os princípios de flexibilidade de adaptabilidade e agregar funções. O morador, pois, faz uso de estratégias de flexibilidade para atender suas necessidades. A estratégia de flexibilidade em evidência é o cômodo multiuso. Apesar de não ser mais reversível, o ambiente serve como circulação entre o setor íntimo e o de serviço.

Imagem 5.30- Acesso vedado ao hall íntimo Imagem 5.31 - Acesso pelo serviço



Fonte: Autora, 2013

Imagem 5.32 - Roupas estendidas, caixas, carrinho de compras



Fonte: Autora, 2013.

Morador 9: vedou o acesso ao dormitório reversível pelo hall social e e apenas o utiliza como dependência de empregada (quadro 5.10).

Quadro 5.10 - Apartamento do Edf. Villa Verde. Modificação do morador 9

		9	REFORMOU REVERSÍVEL		POSSUI EMPREGADA	
			SIM	NÃO	SIM	NÃO
			ACESSO FECHADO			

Fonte: Autora, 2016.

A reversibilidade foi de ação coadjuvante, pois manteve as características iniciais tanto no banheiro como no dormitório reversível. O agrupamento familiar é de casal com filhos e residem no imóvel há 20 anos. O morador vedou o acesso da

empregada pelo hall íntimo por considerar “inapropriado” a livre circulação de uma pessoa que não é da família.

Destaca-se o o princípio de flexibilidade adaptabilidade e a estratégia de flexibilidade cômodo multiuso, porque nota-se alguns itens de depósito no espaço da empregada e atividades de extensão do serviço, como uma bancada de passar ferro em roupas.

O morador 9 não achou interessante o banheiro reversível e vedou o acesso pela suíte. Percebe-se além do próprio dormitório reversível como um tipo de flexibilidade inicial, presente no projeto entregue ao morador (imagens 5.33; 5.34; 5.35; 5.36; 5.37 e 5.38).

Imagem 5.33 - Acesso pelo serviço



Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.34 - Espaço para descanso

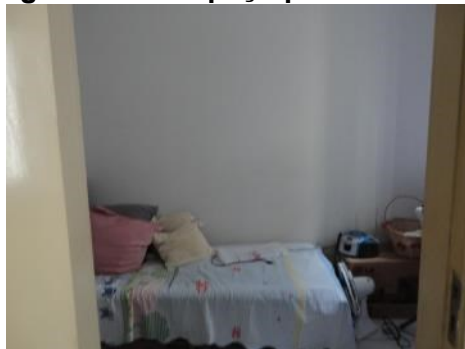
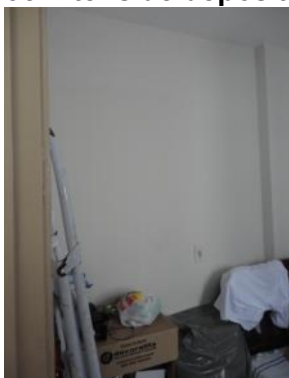


Imagem 5.35 - Itens de depósito

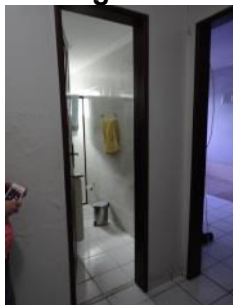


Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.36 - Extensão do serviço



Imagem 5.37 - Antigo banheiro reversível



Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.38 - acesso pela suíte






Morador 10: fechou o acesso ao reversível pelo hall íntimo e utiliza o dormitório como dependência de empregada e depósito. O agrupamento familiar é de casal com filhos. Segundo o mesmo, reside no imóvel há 15 anos (quadro 5.11). A reversibilidade foi de ação coadjuvante, pois o ambiente insere-se plenamente ao setor de serviço. O banheiro reversível não foi modificado.

A empregada é quem mais utiliza o espaço, mas ele não quis indicar as atividades realizadas ali. O local funciona como descanso da empregada, depósito de itens de uso geral e até extensão do serviço, como roupas a passar ferro.

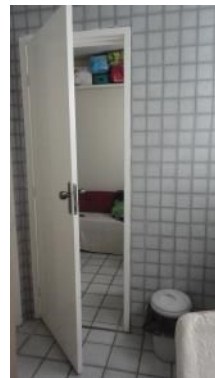
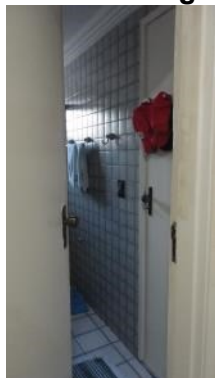
Destaca-se o princípio de flexibilidade adaptabilidade e a estratégia de flexibilidade cômodo multiuso pelo máximo aproveitamento do local. O hall íntimo funciona como um local de lazer, possui um puff e um violão. (imagens 5.39; 5.40; 5.41; 5.42 e 5.43).

Quadro 5.11 - Apartamento do Edf. Villa Verde. Modificação do morador 10

		10	REFORMOU REVERSÍVEL		POSSUI EMPREGADA	
			SIM	NÃO	SIM	NÃO
			<div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="background-color: #ff0000; width: 20px; height: 10px; display: inline-block;"></div> ACESSO FECHADO </div> <div style="display: flex; justify-content: space-around;"> <div style="background-color: #ffff00; width: 20px; height: 10px; display: inline-block;"></div> ACESSO ABERTO </div>			

Fonte: Autora, 2016.

Imagem 5.39 - banheiro reversível. Imagem 5.40 - hall íntimo. Imagem 5.41 - acesso ao dormitório reversível.



Fonte: Autora, 2013

Imagem 5.42 -Espaço p/depósito

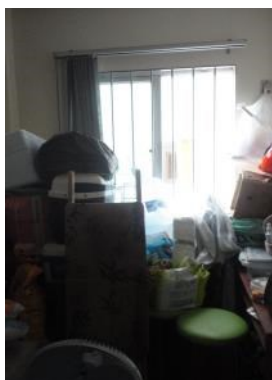
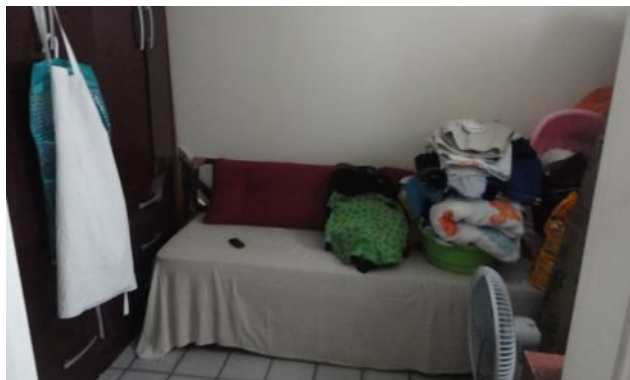


Imagem 5.43 - espaço de descanso



Fonte: Autora, 2013.

5.3.3 Apartamentos com Atividades de Dormitório, Depósito e Escritório

Morador 11: manteve o acesso ao dormitório reversível pelo hall social e vedou o acesso ao serviço com uma placa de madeira, mantendo a porta no lugar. Segundo o mesmo, o objetivo seria a possibilidade de usar os dois acessos no futuro (quadro 5.12).

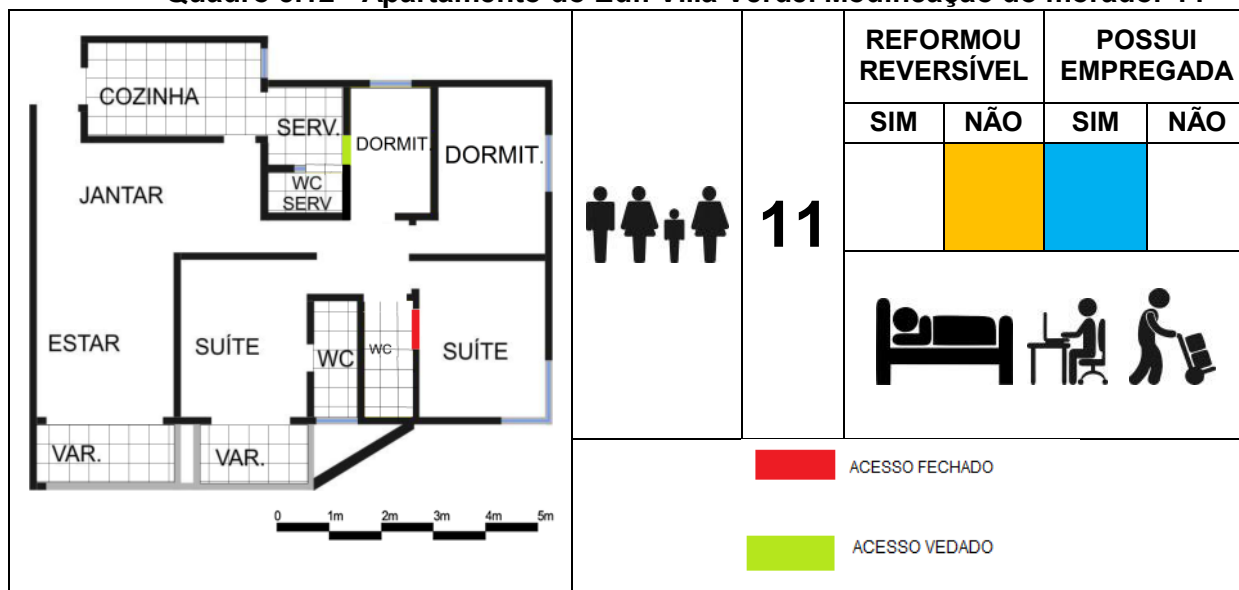
A reversibilidade foi de ação protagonista, pois o ambiente foi inserido plenamente ao setor íntimo. O banheiro reversível teve o acesso fechado pela suíte, por privacidade em caso de visitas. O agrupamento familiar é de casal com filhos.

Segundo o morador, quem utiliza o quarto é a empregada, mas também funciona como quarto da cunhada (hóspede eventual). Pelas fotos foi possível identificar mesa de estudos (escritório), cama, armarios para guardar coisas variadas.

Destaca-se o princípio de flexibilidade adaptabilidade e a estratégia de flexibilidade cômodo multiuso e móveis planejados, porque nota-se alguns itens de depósito e escritório, além do espaço da empregada.

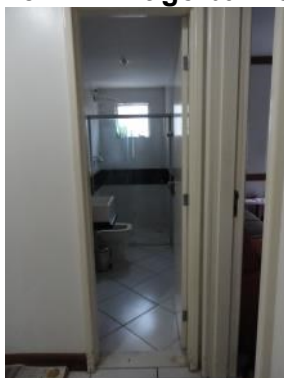
Percebe-se além do próprio dormitório reversível como um tipo de flexibilidade inicial, presente no projeto entregue ao morador (imagens 5.44; 5.45; 5.46; 5.47; 5.48 e 5.49).

Quadro 5.12 - Apartamento do Edf. Villa Verde. Modificação do morador 11



Fonte: Autora, 2016.

Imagem 5.44 - Antigo banheiro rev.



Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.45 - acesso p/ suite.

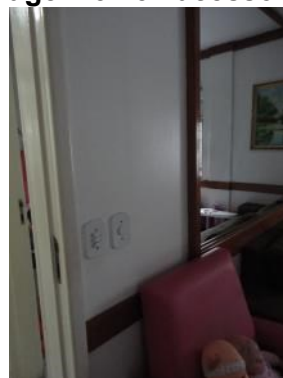


Imagem 5.46 - Acesso pelo serviço vedado c/ tapume. Imagem 5.47 - escritório/depósito/dormitório



Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.48 - Móveis planejados e cama.



Imagem 5.49 - Cômodo multiuso.



Fonte: Autora, 2013.

Morador 12: manteve os dois acessos ao dormitório reversível, pois o espaço funciona como biblioteca, escritório e local de descanso. O agrupamento familiar é de casal com filhos e reside no imóvel há 17 anos (quadro 5.13). A reversibilidade foi de ação protagonista, pois o ambiente foi inserido plenamente ao setor íntimo.

O banheiro reversível teve o acesso fechado pelo hall íntimo, mas o objetivo foi transformar o quarto da filha universitária em suíte. Além disso, o morador optou por adaptar o hall para um espaço de estudos da filha.

O próprio morador 12 é quem mais utiliza o espaço reversível. O local funciona como circulação entre o serviço e o setor íntimo e as principais atividades realizadas são descanso (instalou ganchos e utiliza rede de tecido ao invés de cama), escutar músicas, leitura de livros.

Quadro 5.13 - Apartamento do Edf. Villa Verde. Modificação do morador 12

		REFORMOU REVERSÍVEL		POSSUI EMPREGADA	
		SIM	NÃO	SIM	NÃO

Fonte: Autora, 2016.

O apartamento possui empregada, mas a mesma não dorme no trabalho e circula por todos os setores do apartamento. Destaca-se o princípio de flexibilidade adaptabilidade e a estratégia de flexibilidade cômodo multiuso e espaço reversível, pelo máximo aproveitamento do local.

A decisão de fechar o acesso ao banheiro reversível e favorecer uma moradora é visto de maneira positiva, pois permitiu a adaptabilidade no hall íntimo, que funciona como espaço de estudos e acesso à internet. (imagens 5.50; 5.51; 5.52 e 5.53).

Imagem 5.50 - Antigo banheiro reversível no hall íntimo.

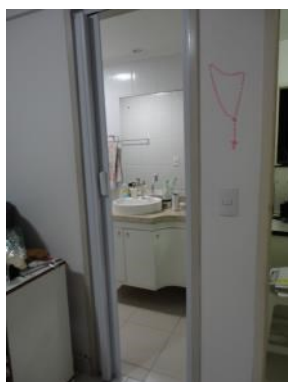
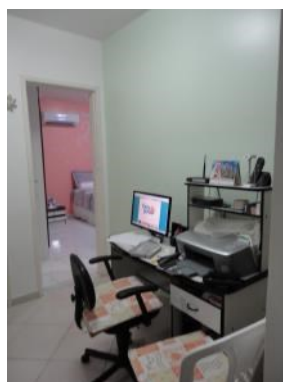


Imagem 5.51 - Espaço p/ estudos



Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.52 - Acesso pelo serviço vedado c/ tapume.



Imagem 5.53 - escritório/depósito/dormitório.

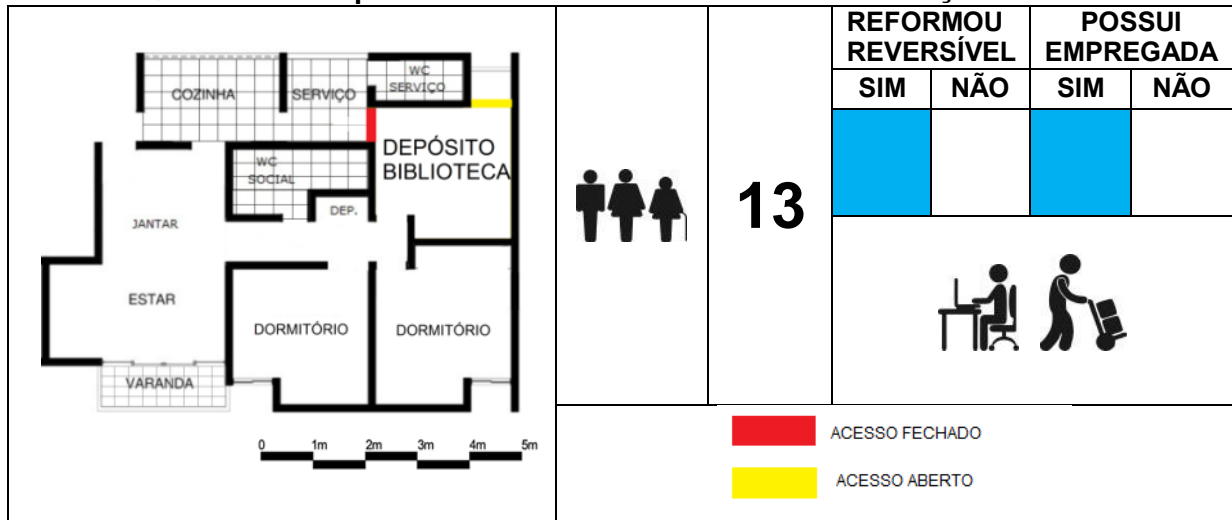


Fonte: Autora, 2013.

5.3.4 Apartamentos com Atividades de Depósito e Escritório

Morador 13: vedou o acesso ao dormitório reversível pelo setor de serviço e o utiliza como depósito e biblioteca. Caracteriza-se, pois, o princípio de flexibilidade adaptabilidade e a estratégia de flexibilidade cômodo multiuso (quadro 5.14).

Quadro 5.14 - Apartamento do Edf. Maria Celina. Modificação do morador 13



Fonte: Autora, 2016.

Percebe-se além do próprio dormitório reversível como um tipo de flexibilidade inicial (presente no projeto entregue ao morador) e ao mesmo tempo contínua (quando o dormitório reversível é aproveitado como estratégia de flexibilidade que o é ao longo dos anos).

O Princípio de flexibilidade ampliabilidade e móveis planejados se dão na integração da varanda ao dormitório e pelos móveis vistos nas fotografias.

Imagem 5.54 - Espaço pelo hall íntimo



Imagem 5.55 - Acesso pelo serviço fechado.



Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.56 - Espaço p/biblioteca (movel planejado). Imagem 5.57 - Antiga varanda.



Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.58 - Acesso pelo serviço vedado.



Fonte: Autora, 2013.

A reversibilidade teve ação protagonista, já que modificou totalmente a finalidade do espaço e conseguiu inserir mais atividades ao setor íntimo do apartamento (imagens 5.54; 5.55; 5.56; 5.57 e 5.58).

Durante a visita, o morador 13 declarou que vedou o serviço com tijolos por um lado e manteve a caixa da porta no local com o objetivo de, caso haja necessidade, reabrir o acesso pelo setor de serviço (na contratação de empregada para dormir no trabalho, por exemplo).

Além disso, a reforma havia sido realizada há pouco tempo, porque o agrupamento familiar é de sogra com filha e o marido exigia deles um espaço para colocar objetos de uso em comum, pintura, leitura e atividades de descanso sem invasão de privacidade do casal, principalmente. O propósito seria eliminar o aspecto de “bagunça” e tornar o espaço mais aconchegante.

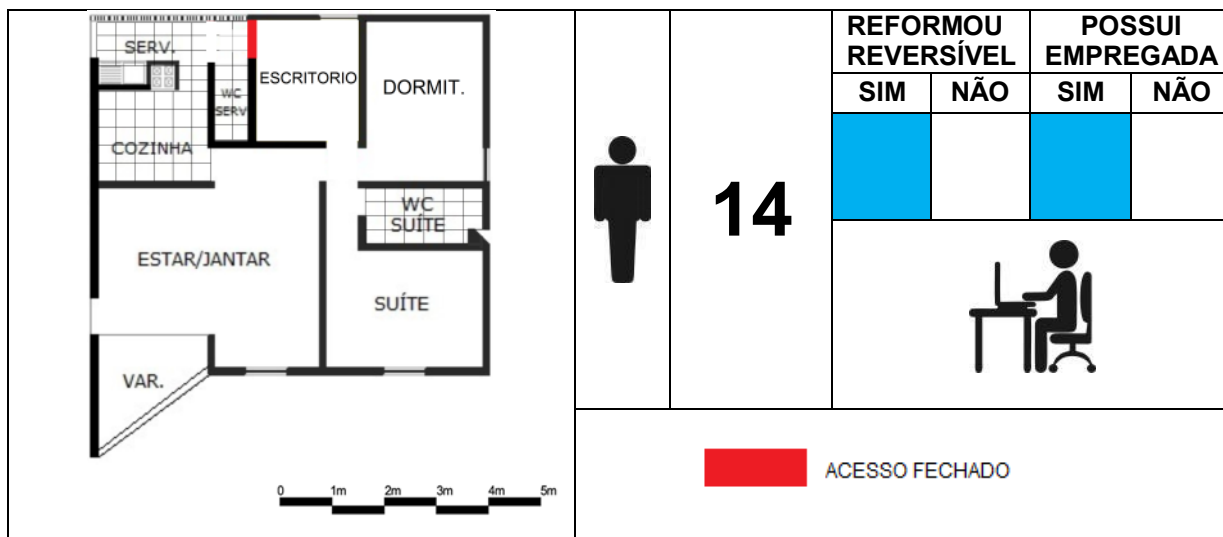
5.3.5 Apartamentos com Atividades de Escritório

Morador 14: manteve o banheiro de serviço e montou um escritório antigo dormitório reversível, o que caracteriza uma reversibilidade de ação protagonista, pois a atividade escritório insere o ambiente no setor íntimo (quadro 5.15).

O estratégia de flexibilidade empregada foi o cômodo multiuso. Segundo o morador, que reside sozinho, o dormitório reversível transformado em escritório, serviu para instalação de computador, livros, objetos de pouco uso e material de artesanato (imagens 5.59; 5.60; 5.61 e 5.62).

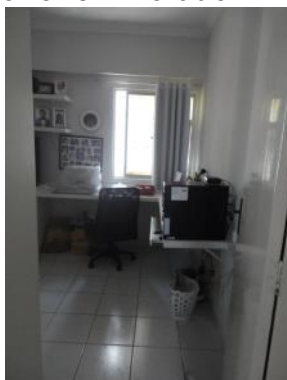
O banheiro de serviço, continuou com o acesso voltado para o mesmo setor, funciona como depósito de materiais de limpeza e banheiro para visitas (diaristas, por exemplo).

Quadro 5.15 - Apart. do Edf. Morada dos Ventos II. Modificação morador 14



Fonte: Autora, 2016.

Imagem 5.59 - Dormitório rev. Morador 14



Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.60 - Acesso foi extinto



Imagem 5.61 e 5.62 - Banheiro de serviço e depósito.






Fonte: Autora, 2013.

Morador 15: manteve o dormitório reversível e apenas o utiliza como escritório de trabalho, reversibilidade de ação coadjuvante, já que não perde suas características iniciais (quadro 5.16).

O agrupamento familiar do apartamento é uma pessoa que reside sozinha e não possui empregada ou diarista.

O fato do morador ser profissional liberal fez com que o dormitório reversível tivesse caráter especial no apartamento, pois, segundo o mesmo, o espaço é uma extensão do seu dormitório e passagem para acessar a cozinha com facilidade. O setor social fica em segundo plano, apenas para visitas, assim como o outro dormitório existente.

Quadro 5.16 - Apartamento do Edf. Paulo VI. Modificação do morador 15

		15	REFORMOU REVERSÍVEL		POSSUI EMPREGADA	
			SIM	NÃO	SIM	NÃO
						
O morador manteve o terceiro reversível						

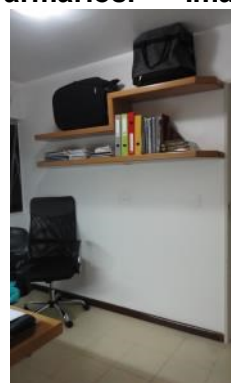
Fonte: Autora, 2016.

Destaca-se o o princípio de flexibilidade adaptabilidade e a estratégia de flexibilidade cômodo multiuso, porque o usuário do escritório estuda e trabalha no mesmo espaço. Além disso, existem alguns espaço com móveis planejados para armazenar malas e documentos.

Percebe-se além do próprio dormitório reversível como um tipo de flexibilidade inicial (presente no projeto entregue ao morador). As estratégias de flexibilidade cômodo multiuso e móveis planejados estão presentes no ambiente (imagens 5.63; 5.64 e 5.65).

Imagem 5.63 - Acesso através do serviço.

Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.64 - Bancada de trabalho e armários. Imagem 5.65 - Estante.

Fonte: Autora, 2013.

5.3.6 Apartamentos com Atividades de Depósito

Morador 16: optou por vedar um dos acessos do ambiente reversível e transformar o espaço em extensão do espaço de serviço, mas com acesso pelo hall íntimo. Ele provavelmente possui uma necessidade diferenciada na realização de atividades como limpeza de roupas (quadro 5.17).

A reversibilidade teve ação protagonista, já que modificou totalmente a finalidade do espaço (transferência do dormitório do setor íntimo para setor de serviço interinamente). Atividades de extensão do setor de serviço: passar ferro em roupas, dobrar e organizar são indicadas pelo entrevistado. Portanto, caracterizam-se os princípios de flexibilidade de adaptabilidade e agregar funções

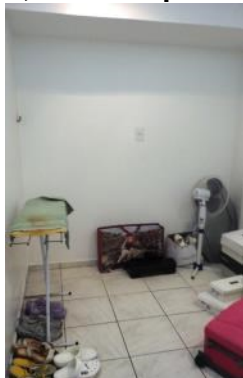
Além disso, notam-se nas imagens a presença de malas vazias, caixas, denotando uso como depósito. Itens como colchão (encostado na parede), toalha de banho, sapatos denotam uso eventual por algum morador ou visitante não indicado no questionário (imagens 5.66; 5.67; 5.68 e 5.69).

Quadro 5.17 - Apartamento do Edf. Caiçara. Modificação do morador 16

		16	REFORMOU REVERSÍVEL		POSSUI EMPREGADA	
			SIM	NÃO	SIM	NÃO
			ACESSO FECHADO			

Fonte: Autora, 2016..

O morador substituiu a porta de giro na entrada por uma porta sanfonada, para ganho de espaço em algum momento da apropriação desse espaço. De acordo com o questionário, o apartamento possui 5 ou mais moradores e o agrupamento familiar é de casal com filhos.

Imagem 5.66 - Acesso ao ambiente multiuso**Imagem 5.67 - Colchão encostado****Imagem 5.68 - Sapatos, caixas e pacotes****Imagem 5.69 - Setor de serviço**




Fonte: Autora, 2013.

Evidencia-se a necessidade de uso pleno dos espaços para dormitórios e confirma-se a ideia do antigo reversível também ser um dormitório, mesmo que eventual. O imóvel é próprio e nunca foi reformado, já foi entregue conforme consta.

A estratégia de flexibilidade em evidência é o cômodo multiuso. Apesar de não ser mais reversível, o ambiente permeia entre o setor íntimo e o de serviço.

Morador 17: optou por manter o dormitório reversível e utilizá-lo como tal (quadro 5.18). Neste apartamento o agrupamento familiar é casal com filhos e o reversível serve de passagem para o banheiro do serviço e a cozinha.

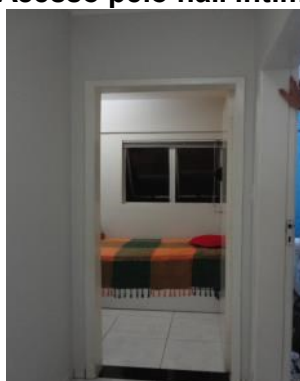
Quadro 5.18 - Apartamento do Edf. Caiçara. Modificação do morador 17

		<p>17</p>	REFORMOU REVERSÍVEL		POSSUI EMPREGADA	
			SIM	NÃO	SIM	NÃO
						
<p>O morador manteve o terceiro reversível</p>						

Fonte: Autora, 2016.

O princípio de adaptabilidade considera-se pela presença de cama solteiro com bicama para receber mais um morador ou visita eventual.

Imagem 5.70 - Acesso pelo hall íntimo ao reversível.



Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.71 - Espaço p/ estudo.



Imagem 5.72 - Acesso pelo serviço.



Fonte: Autora, 2013.

A estratégia de flexibilidade alternância entre isolar e integrar aplica-se ao dormitório funcionar como ambiente que permeia entre os setores íntimo e de serviço. (imagens 5.70; 5.71 e 5.72). Caracterizam-se os princípios de flexibilidade de adaptabilidade e agregar funções. O morador não permitiu fotografar o banheiro de serviço.

5.3.7 Apartamentos com Atividades de Dormitório

Morador 18: manteve apenas a porta vedada, sem retirá-la e utiliza o espaço como depósito. A reversibilidade teve ação protagonista, já que modificou totalmente a finalidade do espaço e o mesmo ao setor de serviço (quadro 5.19).

Quadro 5.19 - Apartamento do Edf. Paulo VI. Modificação do morador 18

		18	REFORMOU REVERSÍVEL		POSSUI EMPREGADA	
			SIM	NÃO	SIM	NÃO
	ACESSO VEDADO					

Fonte: Autora, 2016.

O agrupamento familiar é de 2 irmãos que possuem cada um seu próprio dormitório. Assim, o espaço antes reversível passou a servir de depósito e quarto extra. O Morador alega que utiliza como escritório, mas as fotografias não

demonstram o relatado (imagens 5.73; 5.74 e 5.75). Destacam-se o princípio de flexibilidade de adaptabilidade e a estratégia de cômodo multiuso.

Imagem 5.73 - Acesso pelo hall íntimo.

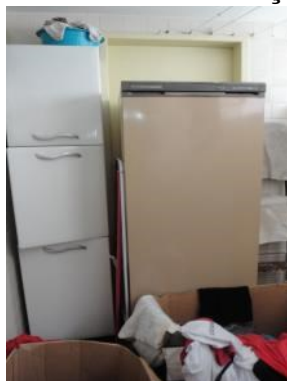


Imagem 5.74 - Acesso vedado pelo armário.



Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.75 - Acesso do serviço visto pela cozinha.



Fonte: Autora, 2013.

Morador 19: vedou o acesso ao dormitório reversível pelo hall social e apenas utiliza o dormitório como dependência de empregada (quadro 5.20).

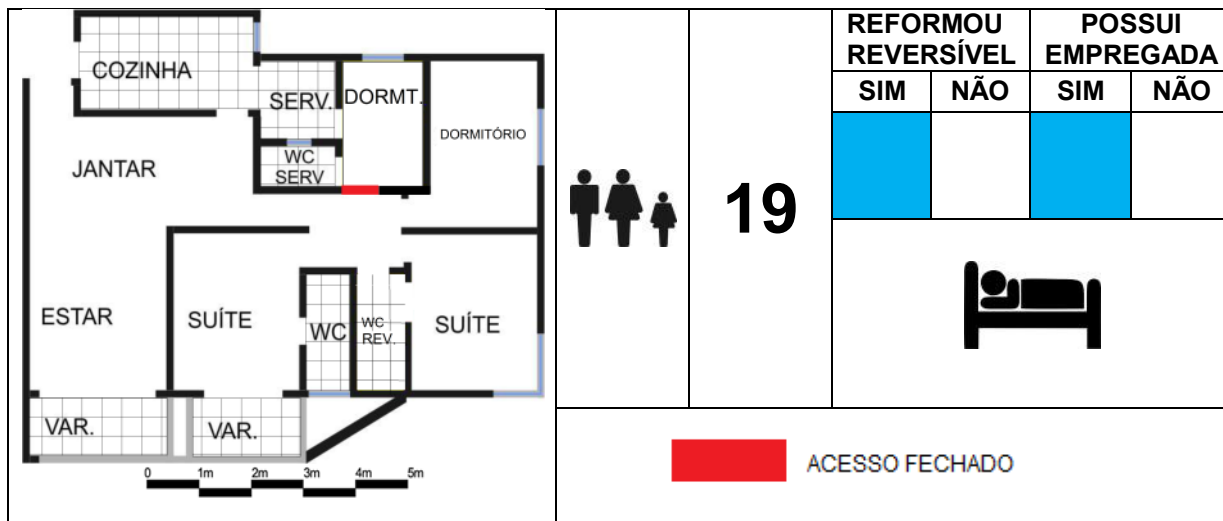
A reversibilidade foi de ação coadjuvante, pois manteve as características iniciais tanto no banheiro como no dormitório reversível. O agrupamento familiar é de casal com filhos.

Destaca-se o princípio de flexibilidade adaptabilidade e a estratégia de flexibilidade cômodo multiuso, porque nota-se alguns itens de depósito no espaço da empregada. Percebe-se além do próprio dormitório reversível como um tipo de flexibilidade inicial, presente no projeto entregue ao morador (imagens 5.76; 5.77; 5.78; 5.79; 5.80).

O morador vedou o acesso da empregada pelo hall íntimo por considerar “inapropriado” a livre circulação de uma pessoa que não é da família, além de

afirmar que a empregada dorme durante a semana no trabalho e precisa do espaço com privacidade.

Quadro 5.20 - Apartamento do Edf. Villa Verde. Modificação do morador 19



Fonte: Autora, 2016.

Imagem 5.76 - Acesso pelo serviço.



Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.77 - Antigo banheiro reversível.



Fonte: Autora, 2013.

Imagem 5.78 - Hall íntimo.

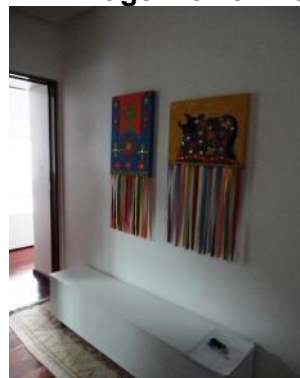
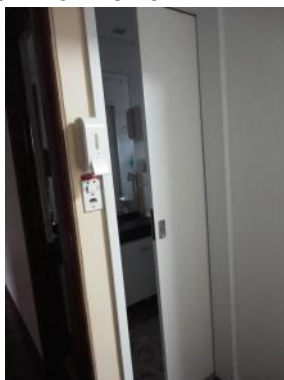


Imagem 5.79 - Banheiro**Imagem 5.80 - Banheiro reversível**

Fonte: Autora, 2013.

5.4 Considerações sobre o capítulo 4

A percepção do desaparecimento da empregada doméstica residente junto à família, a tendência de diminuição do número de componentes familiares e a ideia de liberdade enquanto uso do apartamento contribuíram para a tentativa de inserção de itens de flexibilidade no mercado imobiliário.

No levantamento do perfil do usuário constatou-se modificação em 75% das famílias conviventes ao longo do período de ocupação. Deduz-se, pois, mudanças nos desejos e necessidades ao longo dos anos refletidas em modificações nos ambientes reversíveis.

A Quantidade média de moradores por apartamento são 3 moradores com 60% dos entrevistados. Em 40% dos apartamentos a composição familiar é tradicional (casal com filhos). No entanto, em igual porcentagem encontram-se pessoas divorciadas com filhos e outros agrupamentos (como irmãos, amigos, genro com casal ou casal com filhos e secretária)..

Pelas observações in loco fica confirmado que a fala do usuário condiz com a realidade vista no espaço ocupado. Traçar um perfil de usuário foi fundamental para compreender as motivações de uso relatadas na aplicação de questionários e todo o processo de tomada de decisão quando a ajustes no apartamento ao longo do uso.

Quanto as formas de ocupação e uso dos moradores, as mais frequentes foram escritório, depósito, dormitório de um dos moradores (ou empregada) e extensão da área de serviço. Os resultados expostos demonstram um claro

processo de transição entre a forma de ocupação como dependência de empregada e demais usos encontrados no ambiente reversível. De acordo com os entrevistados, 50% possui empregada doméstica ou diarista.

Além disso, 40% dos moradores convive com diaristas, sem vínculo familiar. Os demais 60% afirmam depender da empregada para cuidar de parentes como idosos ou crianças de colo. Deste percentual, metade das funcionárias fixas dormem no emprego, o que contabiliza redução gradativa do vínculo funcionária com o espaço destinado a mesma.

As empregadas que dormem no trabalho usam o dormitório reversível e o banheiro de serviço, afora, nota-se claramente a vedação de um dos acessos do reversível em direção ao hall social do apartamento. As diaristas utilizam o reversível como espaço como ambiente de descanso ou não possuem espaço destinado as mesmas (ambientes que mesclam descanso com depósitos).

Portanto, passados 30 anos, a importância é registrar o primeiro momento de inserção do recurso de flexibilidade nos edifícios multifamiliares maceioenses e exemplificar como alguns moradores utilizam o espaço reversível.

As modificações presentes nos dormitórios reversíveis, a exemplo do fechamento do acesso pelo setor íntimo possui “ação coadjuvante”, porque o isola e posiciona como apoio do setor de serviço (depósito, descanso de funcionária).

A reversibilidade com “ação protagonista” destaca-se nos apartamentos que inserem o dormitório plenamente ao setor íntimo agrega-se um valor positivo ao dormitório reversível.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

6.1 Revisão Literatura

A revisão de literatura permitiu compreender como o tema abordado possui abertura a várias maneiras de interpretação, sejam elas técnicas, com base em observação de usuários ou nos modos de moradia formulados por arquitetos e construtores (influência do mercado imobiliário).

Infinitas e tão indecifráveis são as razões pelas quais os moradores percorrem o caminho da adaptação e vivência em um espaço definido como lar.

Observa-se por meio das leituras, que autores brasileiros, americanos, japoneses tentam colocar no papel toda a definição possível da flexibilidade espacial. No entanto, o projeto sempre estará enraizado nas premissas do pensamento humano, do tempo e do local onde ele vive.

A leitura é base para compreensão do que se encontra em cada apartamento estudado. A divisão em tipos serve como base para o entendimento do conceito do recurso da flexibilidade.

Os princípios de flexibilidade abordam como se denominam algumas características em comum a todos os projetos onde tal recurso se faz presente. Para completar a linha de pensamento, as estratégias de flexibilidade permitem discernir com clareza algumas atitudes ou decisões que transmitem por fim a flexibilidade no espaço habitado.

O foco na tipologia de apartamentos é fundamental para enveredar por nuances específicas de quem vive em uma estrutura nuclear espacial já determinada no momento da ocupação do imóvel. Como indicar ao morador as possibilidades de adaptação mais condizentes com seus desejos diante de um espaço onde ainda não houve vivência? Como lidam os usuários em apartamentos onde já houve a vivência e o edifício em si possui cerca de 30 anos de vida?

A revisão da literatura apresenta autores que defendem que a flexibilidade só é possível enquanto projeto. Após a ocupação o morador

encontra itens que facilitam o processo de escolha de uso mais planejada dos ambientes. Por outro lado, outros tem foco no usuário e dizem que ele é quem permite a presença da flexibilidade através das suas escolhas de uso.

Acrescenta-se a isso a história da habitação no Brasil, que aconteceu de maneira tardia em relação aos edifícios multifamiliares em altura. Os avanços tecnológicos na construção permitiram aos construtores produzir grandes residências verticais nas principais capitais brasileiras (inicialmente nos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro).

Em Maceió, a verticalização em edifícios residenciais acontece a partir da década de 1960-1970. No entanto, apenas no período de 1980-1985, verificam-se no mercado imobiliário local projetos de edifícios multifamiliares com os chamados “ambientes reversíveis”, espaço com dois acessos, sendo um deles voltado para a área de serviço do apartamento.

A tipologia mais frequente foi a de 3 dormitórios. A possibilidade que a presença de um ambiente reversível agregado aos apartamentos fica nítida como elemento de satisfação dos moradores de maneira geral.

Conclui-se, dessa maneira, que o período evidencia elementos que indicam mudanças na oferta de edifícios em Maceió, apesar do predomínio de exemplares que atendiam a uma família nuclear e repetiam, por vezes, a tripartidação presente em residências unifamiliares.

6.2 Procedimentos Metodológicos

A metodologia baseou-se no levantamento de edifícios multifamiliares do período de 1980-1985 realizado pelo Grupo de Estudos de Projetos de Arquitetura (GEPA-FAU/UFAL) junto à Secretaria Municipal de Controle e Convívio Urbano (SMCCU) da Prefeitura de Maceió/AL que sistematizou 37 edifícios com informações completas (projeto, endereço e localização).

Inicialmente, o instrumento para escolha dos apartamentos a serem visitados foi observação dos projetos catalogados, onde se encontraram

características que, segundo a revisão de literatura, traduziam flexibilidade inicial em 7 edifícios com tipologias distintas.

A metodologia adotada para os estudos de caso nos apartamentos, com relação às modificações espaciais realizadas pelos seus usuários, também foi válida. Além disso, a interação com os usuários foi essencial para se obter informações a respeito dos seus hábitos e das modificações realizadas.

O questionário aplicado em 19 apartamentos captou informações gerais relativas ao dormitório reversível, foco central do estudo. No entanto, houve dificuldade em realizar mais registros fotográficos, por conta da presença do morador e de toda família no momento das visitas.

Além disso, a conversa informal, durante a permanência no apartamento mostrou-se fundamental para o total entendimento da relação entre usuários e modificações realizadas.

6.3 Análise da Flexibilidade nos Projetos Catalogados

De acordo com o levantamento realizado, conclui-se que a flexibilidade ofertada pelo mercado imobiliário, da cidade de Maceió, é bem restrita, limitando-se a espaços reversíveis ou de multiuso.

Considerou-se também o posicionamento dos ambientes em relação aos demais e as possibilidades de conexões entre cômodos suportadas pela configuração espacial do apartamento. O que chama a atenção é que isso influencia diretamente nas possibilidades de uso que o projeto permite aos usuários.

Os edifícios apresentam duas tipologias diferentes no mesmo pavimento tipo. Em alguns exemplares destaca-se a dependência de empregada totalmente isolada do setor íntimo (Edifício Cártago). Naqueles que não possuem o amplo espaço de serviço, o banheiro de serviço é mantido, estrutura de resquício da antiga dependência e que serve para uso de provável diarista.

A dependência de empregada era uma opção nos apartamentos quando este não possuía a opção de dormitório reversível, podendo, provavelmente, ser revertido em dormitório. Ela está relacionada diretamente com a área de serviço, ao

espaço que tende a ser “menosprezado” e isolado o máximo possível dos demais setores de convivência.

Nesse momento identificaram-se 7 edifícios com dormitório reversível pela primeira vez na cidade. A presença do reversível indica o início de um processo de mudanças essenciais em relação à oferta de opções de projetos. Ainda que exista no período a dependência de empregada em 27 edifícios, fica em evidência a importância de um marco de mudanças na oferta de projetos de apartamentos e, junto consigo, um processo de extinção da dependência em anos posteriores. Apenas 3 edifícios não tinham dependência de empregada (tipologia de 1 dormitório) e um único edifício com dormitório reversível e banheiro reversível no mesmo projeto pela primeira vez em Maceió/AL.

O critério de seleção de apartamentos com diferentes características em termos de: número de unidades, apartamentos por andar, áreas úteis, etc. foi fundamental para os resultados obtidos.

6.4 Análise dos Apartamentos Visitados

A análise transformações espaciais realizadas pelos usuários nos 19 apartamentos visitados mostrou que normalmente as modificações realizadas pelos seus usuários são realizadas a partir das necessidades sociais e culturais do morador com o apartamento.

Os apartamentos apresentam áreas com cerca de 120 a 150 m², generosas diante do espaço ofertado nos edifícios atuais. O amplo espaço permitiu as famílias realizarem modificações e escolher com mais liberdade as atividades realizadas no espaço reversível.

A maioria dos entrevistados não mantém a reversibilidade do ambiente. No entanto, o ambiente reversível possui caráter multiuso e atende ao princípio de adaptabilidade e as estratégias de flexibilidade cômodo multiuso e móveis planejados. A presença dos itens de flexibilidade tem uma conotação positiva, pois permitem algumas reformas facilitadas pela reversibilidade.

A tipologia mais frequente foi a de 3 dormitórios. A presença de um ambiente reversível agregado ao projeto fica nítida como elemento de satisfação dos moradores de maneira geral. As modificações presentes nos dormitórios reversíveis, a exemplo do fechamento do acesso pelo setor íntimo possui “ação coadjuvante”, porque o isola e posiciona como apoio do setor de serviço (depósito, descanso da empregada).

A introdução do terceiro reversível é o item diferencial nos projetos de edifícios multifamiliares no período de 1980-1985, mas o Edifício. Villa Verde destaca-se com o acréscimo do banheiro reversível. A presença de 4 dormitórios, com 3 deles suítes, mantém o projeto do Villa Verde de acordo com necessidades atuais, mesmo após 29 anos de implantação.

A possibilidade que a presença de um ambiente reversível agrega ao apartamento fica nítida como elemento de satisfação dos moradores, que residem no edifício em uma média de 12 anos.

As modificações presentes nos dormitórios reversíveis, a exemplo do fechamento do acesso pelo setor íntimo possui “ação coadjuvante”, porque o isola e posiciona como apoio do setor de serviço (exemplo de uso atribuído pelo morador: depósito, espaço de descanso de funcionária). A reversibilidade com “ação protagonista” destaca-se nos apartamentos que inserem o dormitório plenamente ao setor íntimo (exemplo de uso atribuído pelo morador: quarto da cunhada e biblioteca), agrega-se um valor positivo ao dormitório reversível.

Os apartamentos com melhor padrão financeiro, em geral, edifícios com menor número de unidades por pavimento, apresentaram mais modificações no dormitório reversível. A maioria alega o incômodo com a circulação livre da empregada entre o setor íntimo e o de serviço, preferindo distanciá-la e fechar o acesso pelo hall íntimo.

Algumas observações se destacam:

- O uso do reversível como dormitório foi citado pelos moradores 14 vezes. No entanto, não é foi a única atividade identificada por meio das fotografias;

- A Composição familiar predominante ainda é o núcleo de casal com filhos. Notam-se também outras variações como pessoas divorciadas, idosos que residem sozinhos e amigos que compartilham a mesma moradia;
- O dormitório reversível possui predominantemente características de espaço multiuso, mesmo quando o morador fechou um dos acessos, por conta da quantidade de itens instalados, como TV, som, além de itens de depósito;
- A presença de filhos ou de empregada foram os maiores fatores para reformas no dormitório reversível.

Em 60% dos apartamentos visitados possuem 3 moradores; 40% é composto de agrupamento familiar tradicional (casal e filhos); ao longo do período de moradia no apartamento 75% dos entrevistados notificou alteração da composição familiar; A presença da empregada doméstica ainda é significativa, pois 60 % dos entrevistados mantêm funcionárias assalariadas no apartamento.

Em relação ao dormitório reversível, 15% dos entrevistados afirmam que a pessoa que mais utiliza o espaço é a funcionária, contra 15% que categoricamente afirmam que o espaço é multifuncional, portanto, utilizado por todos os familiares.

A quantidade de edifícios encontrados que adotaram os dormitórios reversíveis no projeto não é marcante para consolidar o elemento na primeira metade da década de 1980 em Maceió. Porém percebe-se que foi o início de um desgarramento da setorização rígida.

6.5 Diretrizes Propostas

O trabalho mostrou ser de significativa importância, uma vez que a flexibilidade dos apartamentos influencia diretamente na qualidade de vida dos seus usuários.

A capacidade de satisfazer o usuário em sua escolha de usos. Quando o apartamento possui um projeto que o usuário por si e encontra a fluidez, o ritmo de movimentação pelos ambientes.

Tomadas para locar e relocar itens eletrônicos, a tendência de automatização das residências. Tendências, não estar preso ao que um ambiente proporciona como área métrica, a casa interage como um corpo vivo. Setores interligado e/ou separados pelo “movimento”. Conclui-se um momento de “tendência e movimento” dos usuários.

A pesquisa constitui-se em um trabalho mais aprofundado sobre a influência do recurso de flexibilidade nos apartamentos, pois permitiu esclarecer que mesmo passados 30 anos de projetados, os itens como dormitório reversível possuem variadas possibilidades de ajustes para os moradores e o espaço em si é visto como um espaço que serve para realizar pequenos ajustes as necessidades dos moradores em determinados momentos.

A tendência de maior fluidez com que o tema da flexibilidade é tratado se resume na preocupação de alguns moradores em continuar usando o dormitório reversível e identificá-lo como espaço “coringa” no apartamento.

Pode-se destacar uma série de questões que surgiram durante a pesquisa e que não foram respondidas, pois não eram objetivos do trabalho, mas que compõem uma agenda para pesquisas futuras, dentre elas estão:

- 1) Pesquisa baseada em procedimentos avaliação dos agrupamentos familiares e suas mudanças com relação aos edifícios multifamiliares nas décadas seguintes;
- 2) Trabalho voltado para os parâmetros dos arranjos espaciais adotados no período do estudo;
- 3) Pesquisa cujas análises desenvolvidas nesta dissertação possam ser aplicadas em outro universo de edifícios multifamiliares, buscando traçar a trajetória desta tipologia na cidade de Maceió-AL;
- 4) Dissertação voltada para o recurso da flexibilidade voltada para décadas posteriores aquela realizada neste estudo.

Por fim, acredita-se que além das sugestões citadas, outras pesquisas podem ser desenvolvidas, pois os edifícios e arranjos espaciais dos apartamentos, juntamente com as necessidades e configurações familiares estão em constante processo de transformação.

REFERÊNCIAS

ABREU, Rita. **Estratégias de flexibilidade na habitação colectiva – o caso holandês**. Dissertação (Mestrado em Construção). Instituto Superior Técnico. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2005.

_____. HEITOR, Teresa. **Estratégias de flexibilidade na arquitetura doméstica holandesa: da conversão à multifuncionalidade**. In: Núcleo de Pesquisa em Tecnologia da Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo - NUTAU, v. 6, Fundação para a Pesquisa em Arquitetura e Ambiente. São Paulo, 2006. **Anais...** São Paulo, 2006. Disponível em: <<http://infohabitar.blogspot.com.br/2007/01/estrategias-de-flexibilidade-na.html>> Acesso em 22 de Julho de 2015 às 08:30.

ALVES, Maria Elisa Moreira. **A flexibilidade nos edifícios multifamiliares: um estudo em Maceió**. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Alagoas. Maceió/AL, 2008.

ALVES, Maria Elisa Moreira. **O início da verticalização em Maceió: um estudo tipológico dos edifícios multifamiliares em altura (1960-1970)**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Alagoas. Maceió/AL, 2012.

ARAUJO, Marivânia Conceição de. A teoria das representações sociais e a pesquisa antropológica. **Revista Hospitalidade**. São Paulo, ano V, n. 2, p. 98-119, jul.- dez. 2008.

AZEVEDO, Giselle A. N. **Arquitetura escolar e educação: um modelo conceitual de abordagem interacionista**. Tese (Doutorado em Arquitetura e Urbanismo). Programa de Pós-Graduação em Arquitetura e Urbanismo. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2002.

BARBOSA, Gabriela B. **Arquitetura contemporânea em Maceió (1980-2008): uma reflexão crítica**. 2009. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço Habitado). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2009.

BESSET, Maurice. **Le Corbusier**. Genève: Editions d'Art Albert Skira S.A., 1968.

BRANDÃO, Douglas Queiroz. **Diversidade e potencial de flexibilidade arranjos espaciais de apartamentos: uma análise do produto imobiliário no Brasil**. 2002. Tese (Doutorado em Engenharia de Produção). Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2002.

_____. **Habitação social evolutiva: aspectos construtivos, diretrizes para projetos e proposição de arranjos espaciais flexíveis.** Cuiabá. CEFET/MT, 2006.

_____. HEINECK, Luiz Fernando Mählmann. Significado multidimensional e dinâmico do morar: compreendendo as modificações na fase de uso e propondo flexibilidade nas habitações sociais. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 3, n.4, p. 35-48, 2003.

BRUAND, Y. **Arquitetura contemporânea no Brasil.** 2ª ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

CLARK, C. E. **American Family home 1800-1960.** Chapel Hill: University of North Carolina Press, 1986.

DANTAS, Maria Clara; SANTOS, Mauro César de Oliveira. **Adequação e flexibilidade dos espaços, um estudo de caso.** In: Encontro Nacional de Tecnologia do ambiente construído, Florianópolis, 2006. **Anais...** ENTAC, Florianópolis, 2006.

DIGIACOMO, Mariuzza C. **Estratégias de projeto para a habitação social flexível.** 2004. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2004.

DORFMAN, Gabriel. Flexibilidade como balizador do desenvolvimento das técnicas de edificação no século XX. **Cadernos Eletrônicos da Pós.** Brasília, 2002.

ELALI, Gleice Azambuja. **Psicologia e arquitetura: em busca do locus interdisciplinar.** Estudos de Psicologia. Natal: UFRN, 1997.

FINCH, Edward. Flexibility as a design aspiration: the facilities management perspective. **Ambiente Construído**, Porto Alegre, v. 9, n. 2, Abr/jun, 2009.

FISCHER, S. **Diretrizes de projeto arquitetônico e design de interiores para permitir a expansão de habitações de interesse social.** Curitiba, 2003. Dissertação (Mestrado em Construção Civil). Programa de Pós-graduação em Construção Civil, Universidade Federal do Paraná, 2003.

FORMOSO, Carlos Torres. Planejar: possível e necessário. [entrevista concedida a Eder Santin]. **Téchne**, São Paulo, Pini, Ano 8, n. 42, set./out. 1999. Disponível em: <<http://piniweb.pini.com.br/construcao/noticias/lean-construction-principios-basicos-e-exemplos-80714-1.aspx>>. Acesso em 09 de abril de 2016 às 22:13.

FORTY, A. Words and Buildings. **A Vocabulary of Modern Architecture.** London Thames & Hudson. Londres, 2000.

FRIEDMAN, Avi. **The adaptable house.** Toronto: McGraw-Hill, 2002.

GALFETTI, Gustau Gili. **Model apartments: experimental domestic cells**. Barcelona: Editorial Gustavo Gili, 1997.

GIBSON, V. Search of flexibility in corporate real state portfolios. **Journal of Corporate Real Portfolios**, Dublin, v. 3, n. 1, 2001. p. 38–45 Disponível em <<http://www.arcom.ac.uk>> . Acesso em 23 de novembro de 2015 às 13:45.

HABRAKEN, N. John. et alt. **El diseño del suportes**. 2ª ed. Barcelona: Gustavo Gili, 2000.

HERTZBERGER, Herman. **Lições de arquitetura**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

HOFMANN, W. V. Conversão de situações residenciais. Possíveis abordagens, os aspectos culturais e sociais do edifício residencial. **Deutsche Bauzeitschrift**, v.30, n.11, 1982.

JIA, Beisi. **Implementing operable infill in housing renovation: a case study from Hong Kong**. Disponível em: <http://www.arch.hku.hk/~jia/Jia_web3/1b-1.htm> acesso em 5 de Julho de 2015.

_____. Adaptable Housing or Adaptable People? **Architecture et comportement /Architecture and Behaviour**, 2. 1995.

JENCKS, C; KROPF, K. **Theories and manifestoes of contemporary architecture**. West Sussex: Academy Press, 1997.

KAPP, Silke. Síndrome do estojo. *In*: IV Colóquio de Pesquisas em Habitação: Coordenação Modular e Mutabilidade. Belo Horizonte, 2007. **Anais...** Belo Horizonte/MG: Universidade Federal de Minas Gerais, 2007.

LARCHER, José V. M; SANTOS, Aguinaldo. Flexibilidade e adaptabilidade: princípios para expansão em projetos de habitação de interesse social. *In*: Workshop Brasileiro de Gestão do Processo de Projeto na Construção de Edifícios, 2007. **Anais...** Curitiba/PR, 2007.

LAFFOREST, Roger. **Casas que matam**. São Paulo: Ground, 1991.

LE CORBUSIER. **Por Uma Arquitetura**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2004.

LEMOS,C. **Cozinhas, etc** . São Paulo: Ed. Perspectiva, 1996.

MASCARÓ, J. J; GIACOMIN, S. D; QUADROS, S. Adaptabilidade e flexibilidade como critérios de projeto habitacional. *In*: V Jornada de vivenda social / XIII Encuentro RED ULACAV. Santiago: Universidade do Chile, 2007. **Anais...** Santiago: Universidade do Chile, 2007.

MOREIRA, Maria Elisa. **O início da verticalização em Maceió-AL: um estudo tipológico dos edifícios multifamiliares em altura (1960-1970)**. 2012. Dissertação (mestrado em Arquitetura e Urbanismo: Dinâmicas do Espaço

Habitado). Universidade Federal de Alagoas. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Maceió, 2012.

MOUTINHO, Mário. **A arquitetura popular portuguesa**. Lisboa: Imprensa Universitária, Editorial Estampa, 1979.

NORMANDE, Taís Bentes. **Impactos ambientais provocados pelo parcelamento do solo na planície litorânea de Maceió**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Alagoas. Maceió/AL, 1996.

ORNSTEIN, S. W; BRUNA, G; ROMÉRO, M. **Ambiente construído e comportamento: a avaliação pós-ocupação e a qualidade ambiental**. São Paulo: Studio Nobel. FAU/USP. FUPAM, 1995.

PAIVA, Alexandra L. S. A. **Habitação flexível: análise de conceitos e soluções**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura). Faculdade de Arquitetura. Universidade Técnica de Lisboa. Lisboa, 2002.

PALERMO, C. et alt. **Habitação social evolutiva**. Relatório de Pesquisa, CNPq, UFSC, 2007, Florianópolis, jul.2007. Disponível em <http://www.mom.arq.ufmg.br/mom/coloquiomom/comunicacoes/palermo.pdf> . Acesso em 13 de abril de 2015 às 12:10.

ABREU, F.; TRAMONTANO, M. Apartamentos paulistanos: um olhar sobre a produção privada recente. **Ambiente Construído** (Online), v. 9, p. 139-150, 2009. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html>> Acessado em: 12/ 01 / 2015.

http://www.nomads.usp.br/documentos/livraria/A30-aptos_paulistanos.pdf

RABENECK, A; SHEPPARD, D; TOWN, P. Housing Flexibility? **Architectural Design**, Londres, Inglaterra, v. 49, 1974.

REIS, Antônio T. L.; LAY, Maria Cristina D. **As técnicas de APO como instrumento de análise ergonômica do ambiente construído**. Curso ministrado no III Encontro Nacional / I Encontro Latino Americano do Ambiente Construído (ANTAC), Gramado, Rio Grande do Sul, 1995.

REIS FILHO, Nestor Goulart. **Quadro da arquitetura no Brasil**. 4. ed. São Paulo: Perspectiva, 1973. 214 p.

ROSSO, Teodoro. **Racionalização da construção**. São Paulo, USP, FAU, 300 p. , 1980.

SALEIRO, Mario O. ; MARTINS, Elizabete R. de C. ; MAGALHÃES, Fernanda. **Adaptabilidades espaciais nas habitações multifamiliares na cidade do Rio de Janeiro- O processo de reversibilidade do quarto de empregado**. Cadernos do PROARQ/ UFRJ/ Programa de Pós-Graduação em Arquitetura da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Vol 9. nº 9. p. 1 - 241. Rio de Janeiro: UFRJ/ PRAORQ, 2005.

SALEIRO FILHO, Mário de Oliveira. **A arquitetura na anarquitectura: os conceitos de flexibilidades espaciais na produção imobiliária na cidade do Rio de Janeiro**. Tese de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Arquitetura. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: UFRJ/FAU/PROARQ, 2009.

SCHNEIDER, T; TILL, J. The opportunities of flexible housing. *In: Rede Europeia de Habitação Research Conference (ENHR)*, 2005, ISSN 1474-0516. Vol. 9, n.º 02 (2005b), p.157-166. Reykjavic, Islândia, 2005.

SERAPIÃO, Fernando. Arquitetura brasileira anos 90. Bastante construção, muita arquitetura e nenhum milagre. **Projeto: Arquitetura, Design & Interiores**, n.251, jan. 2001.

SOMEKH, Nádía. **A cidade vertical e o urbanismo modernizador. São Paulo: 1920-1939**. São Paulo: Studio Nobel, EDUSP, FAPESP, 1997.

STEPHAN, Ítalo I. C. Morar em Apartamentos. **Vitruvius**, São Paulo, v.10, n. 112, Nov. 2009. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revistas/read/minhacidade/10.112/1827>>. Acesso em 10 de Julho de 2015 às 02:34.

SILVA, Jordânia D. do N. **Urbanização e saúde em Maceió, A: o caso dos bairros Vergel do Lago, Jacintinho e Benedito Bentes**. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo. Universidade Federal de Alagoas. Maceió, 2011.

SILVA, Maria Angélica. **Arquitetura moderna: a atitude alagoana**. Maceió: Sergasa, 1991.

SOUZA, A. **Arquitetura no Brasil - Depoimentos**. São Paulo: Diadorim/Edusp, 1978.

SULLIVAN, B. J. **Industrialization in the building industry**. Nova York. Van Nostrand Reinhold, 1980.

TAYLOR, Maureen. User needs or exploiter needs. **AD**. 11. 1973.

TRAMONTANO, M. . **Espaços domésticos flexíveis. Notas sobre a produção da primeira geração de modernistas brasileiros**. 1993. São Paulo: FAU-USP, 1993. 15p. Disponível em: <<http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html>> Acessado em: 23 / 09 / 2014.

VERISSÍMO, F. S.; BITTAR, W. S. M. **500 anos da casa no Brasil. As transformações da arquitetura e da utilização do espaço de moradia**. 2ª edição, Rio de Janeiro, Ediouro, 1999.

VILLA, S. B; TRAMONTANO, M. Apartamento metropolitano, evolução tipológica. *In: VI Seminário História da Cidade e do Urbanismo, 2000, Natal, UFRN. Anais, 2000. 09 p*. Disponível em:

<<http://www.nomads.usp.br/site/livraria/livraria.html>> Acessado em: 20 de Julho 2016 às 15:45.

VILLÀ, J. Flexibilidade: exigência do habitat contemporâneo. In: COLÓQUIO DE PESQUISAS EM HABITAÇÃO, 4., 2007, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: EAUFG, Grupo Morar de Outras Maneiras, 2007. Disponível em: <www.mom.arq.ufmg.br > Acessado em: 20 de Julho 2016 às 15:58.

WERNER, J. Adaptaciones Quotidianas. In: **Quaderns 102**. Barcelona: COAC, 1993.

WIENANDS, Rudolf. Construcción de viviendas: Más “construcción por el individuo” en la “construcción por sistemas”. In: OTTO, Frei et al. **Arquitectura Adaptable**. Barcelona: Gustavo Gili, 1979.

XAVIER, R.; TOLEDO, A. O ambiente reversível: análise da flexibilidade no projeto de edifícios residenciais em Maceió/AL (1980-1985). In: Simpósio Brasileiro de qualidade do projeto no ambiente construído, 4., 2015, Viçosa-MG. **Anais...** Viçosa-MG: UFV, 2015.

_____. A introdução de itens de flexibilidade no projeto de edifícios residenciais: o caso do EDF. Villa verde em Maceió/AL. In: Encontro Nacional de Tecnologia do Ambiente Construído, 2014, **Anais...** Maceió/AL, 2014.

_____. O recurso da flexibilidade no projeto de edifícios multifamiliares em Maceió/AL no período de 1980-1985. In: Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no ambiente construído. 2013, Campinas. **Anais...** Campinas/SP: PPGAU/EESC/USP, 2013.

_____. MARINHO, B. Q. C. Análise da funcionalidade de edifícios multifamiliares de diferentes tipologias aprovados no período 1980-1985. In: Encontro Nacional de Tecnologia no Ambiente Construído: da concepção à desconstrução 2012, Juiz de Fora/MG. **Anais...** Juiz de Fora/MG, 2012.

XAVIER, R. G. ; BARBIRATO, G. M. Análise quanto à flexibilidade espacial de unidades residenciais de conjunto habitacional em Maceió/AL. In: II Simpósio Brasileiro de Qualidade do Projeto no Ambiente Construído, 2011, Rio de Janeiro-RJ. **Anais...** Rio de Janeiro/RJ, 2011.

ZABALBEASCOA, A. **Tudo sobre a casa**. 1ª ed. Gustavo Gilli, Barcelona, 2013.

ZEVI, B. **História da arquitetura moderna**. Lisboa: Arcádia, 1970.

APÊNDICE A: MODELO DE QUESTIONÁRIO

Nº ENTREVISTADO: _____

1. Há quanto tempo reside no edifício?

Até 1 ano Entre 1 e 5 anos Entre 6 e 10 anos

Entre 11 e 15 anos Mais de 15 anos

2. Quantas pessoas residem no apartamento?

1 pessoa 2 3 4 5 ou mais

3. Qual o grau de parentesco entre você e os demais moradores? (Pode marcar mais de uma opção).

Esposa(o) Filho(a)s Pai/Mãe Amigo(a)s Outros

4. Quando veio morar no edifício a composição familiar era a mesma do momento atual?

Sim Não

5. Quantas pessoas moravam inicialmente?

1 pessoa 2 3 4 5 ou mais

6. Qual a situação atual do imóvel?

Imóvel próprio Alugado Outro

7. Já realizou reforma no dormitório reversível? O que foi modificado?

8. O ambiente reversível foi um atrativo na aquisição do imóvel?

9. Quem utiliza mais o ambiente?

10. Qual a principal atividade realizada no ambiente?

11. Possui empregada ou diarista?

APÊNDICE B - EDIFÍCIOS RESIDENCIAIS DESCARTADOS DA AMOSTRA

ANO	n°	REG *	EDIFÍCIO	BAIRRO	N° APT/ANDAR	N° QUARTOS	ÁREA APT (m²)
1980	1	353	Cond. Albatroz	Farol	2	3 (1 su)	112, 54
	2	466	-----	Pajuçara	2	3 (1su)	112,30
	3	505	Porto Ferrário	Farol	4	3	133,33
	4	528	Morada dos Ventos	Farol	2	3(1su)	108,00
1981	5	148	Canoa	Pajuçara	4	3 (1su)	97,00
	6	392	Palma de Majorca	Ponta Verde	--	--	--
	7	312	Mar Azul	Ponta Verde	--	--	--
1982	8	42	Armando Lôbo	Farol	2	3	116,14
	9	84	-----	Mangabeiras	--	--	--
	10	s/n	Horebe	--	--	--	--
1983	11	162	Morada do Farol	Farol	4	3 (1su)	206,26
	12	198	Barroca (1973)	--	--	--	--
1984	13	109	6 irmãos	Pajuçara	--	--	--
	14	216 a	Rosa Jacy	Pajuçara	--	--	--
1985	15	37	João Paulo II	Ponta Verde	--	--	--
	16	273	Mangabeira s	Ponta Verde	--	--	--
	17	332	Rui Palmeira	Ponta Verde	--	--	--
	18	352 c	--	--	--	--	--

REG-Número de registro do imóvel na SMCCU

*S/N- Sem número de registro

*total de edifícios catalogados: 55

*total de edifícios descartados: 19

Alguns edifícios que foram catalogados no levantamento cadastral não foram considerados para fins de análise. Foram os seguintes:




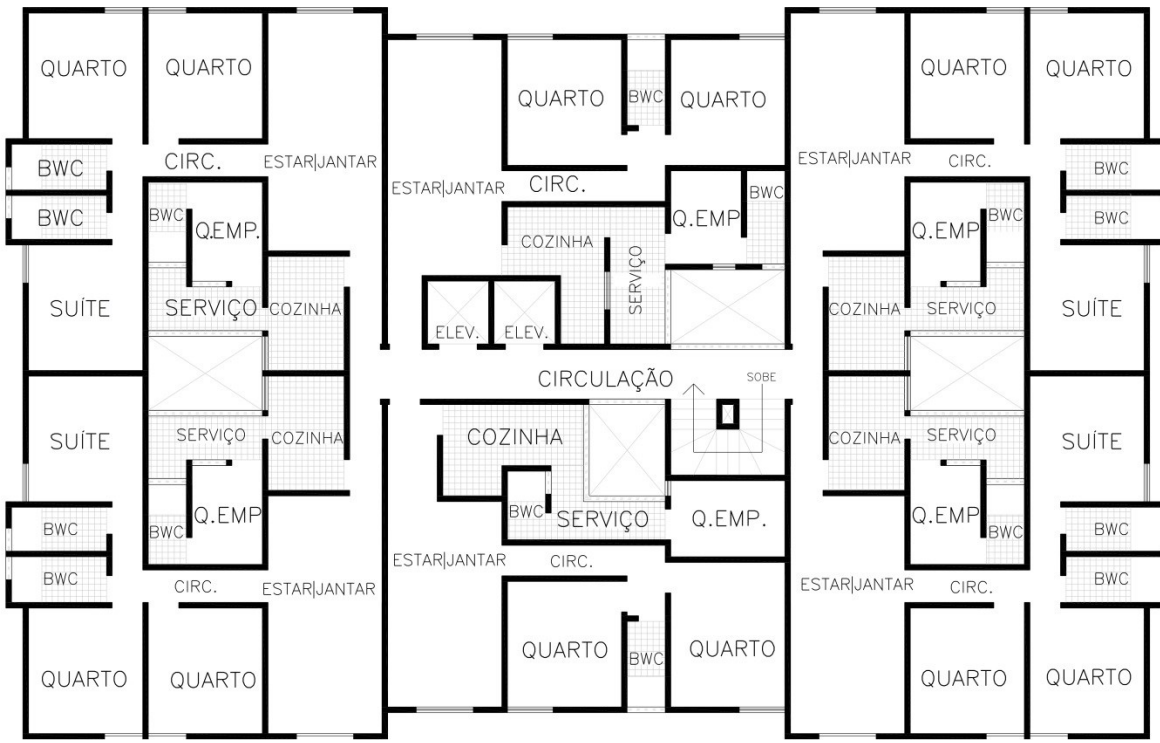

- 1 edifício possui cadastro completo na SMCCU. No entanto, não foram localizados na cidade (n°466);

- 3 edifícios eliminados após análise dos projetos. Apesar de estarem de acordo com o recorte temporal, não possuíam mais de 4 pavimentos e nem elevador (Edf. Mangabeiras, Edf. Mar Azul e Edf. Horebe);
- 1 edifício que também apresentou inconsistência na informação encontrada na SMCCU. Consta apenas o número de registro do edifício e o mesmo tem data de 1973 (N°198);
- 2 edifícios deconsiderados na análise, porque a planta baixa registrada na SMCCU são incompatíveis com o que foi visualizado *in loco* (A planta baixa registrada é de um edifício de 2 dormitórios com dependência de empregada, porém trata-se de um edifício apenas com apartamentos de 1 dormitório)- Edf. Palma de Majorca; A planta baixa registrada possui varanda diferente do que foi observado *in loco*- Edf. Porto Ferrário;
- 5 edifícios possuem apenas o n° de registro na SMCCU, foram localizados e fotografados, mas os projetos não foram encontrados nos arquivos da Prefeitura (Edf. Seis Irmãos, Edf. Rosa Jacy, Edf. Canoa, Edf. João Paulo II, Edf. Rui Palmeira);
- 2 edifícios cujos números de registro, nome e ano são as únicas informações existentes na SMCCU. Além disso, não foram localizados na cidade de Maceió (n°84, n°352c);
- 2 edifícios foram descartados porque, durante visita de campo, confirmou-se por meio de moradores que os mesmos não pertencem ao período referente ao estudo (Edf. Armando Lôbo e Edf. Morada do Farol)-;
- 1 edifício foi desconsiderado (Edf. Albatroz), pois no endereço indicado nos registros do projeto encontra-se construído um outro edifício (Residencial Egípcio). De qualquer maneira, o residencial encontrado possui 4 pavimentos/sem elevador e não poderia ser incluído no universo de estudo;

APÊNDICE C - 37 EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES ANALISADOS DE ACORDO COM O GRUPO DE CLASSIFICAÇÃO

CRITÉRIOS	GRUPOS	Nº	REG*	EDIFÍCIO	BAIRRO	Nº QUARTOS	
DORMITÓRIO REVERSÍVEL	1A	1	188	Cond. Costa Brava/Costa do Marfim	Jatiúca	3 (1rev)	
		2	345	Morada dos Ventos II	Farol	3 (1rev)	
		3	323	Caçara	Mangabeiras	3 (1rev)	
		4	380	Maria Celina	Mangabeiras	3 (1rev)	
	1B	5	174	Soledade	Mangabeiras	3 (1 rev)	
		6	327a	Paulo VI	Ponta Verde	3 (1rev)	
DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA	2A	7	554	Caiaque	Pajuçara	3(1su)	
		8	495	Rocas	Ponta Verde	4 (1su)	
		9	187	Cond. Mahatma Ghandi	Jatiúca	3 (1su)	
		10	128	Atenas	Jatiúca	3 (1 su)	
		11	272	Mandala	Ponta Verde	3 (1su)	
		12	300d	Aurélio Buarque de Holanda	Ponta Verde	3 (1su)/4 (2su)	
		13	40	Tamurã	Ponta Verde	3 (1su)	
		14	321	Lajedo	Ponta Verde	3 (1su)	
		2B	15	80	Dom Afonso Henriques	Ponta verde	3 (1su)
			16	261	Morada Tropical	Ponta Verde	2/3(1su)
			17	134	Junco	Farol	3 (1su)
			18	266	Cond. Abrolhos/Açores	Ponta Verde	3 (1su)
			19	115	Catamarã	Ponta Verde	5 (2su)
		2C	20	5	Angra	Mangabeiras	3 (1su)
	21		288	Alessandra	Jatiúca	3 (1 su)	
	22		147	Martinica	Mangabeiras	2	
	23		482	Gisele	Farol	3 (1su)	
	24		341	Saint Thomaz	Mangabeiras	3 (1su) e 4 (1 su)	
	25		146	Jamaica	Mangabeiras	3 (1 su)	
	26		256	Jacques Lacan	Ponta Verde	3 (1su)	
	27		253	Passargada	Ponta Verde	3 (1su)	
	2D		28	269A	Ofir	Ponta Verde	3 (2 sus)
			29	64	Humaytá	Jatiúca	3 (1 su)
			30	317	Cártago	Ponta Verde	3(1su)/4(2su)
			31	252	Village Pajuçara	Pajuçara	2
			32	77	Taritó	Jatiúca	3 (1su)
			33	276	Escuna	Ponta verde	4(2SU)
	BANHEIRO REVERSÍVEL	3	34	177	Villa Verde	Ponta Verde	4 (1su. rev.)
	AUSÊNCIA DEPENDÊNCIA DE EMPREGADA	4	35	307	Cote d'Azur	Ponta verde	1
			36	247	Charles Chaplin	Ponta Verde	1 (1su.)
			37	354	Fabiano I	Ponta Verde	2 qtos.




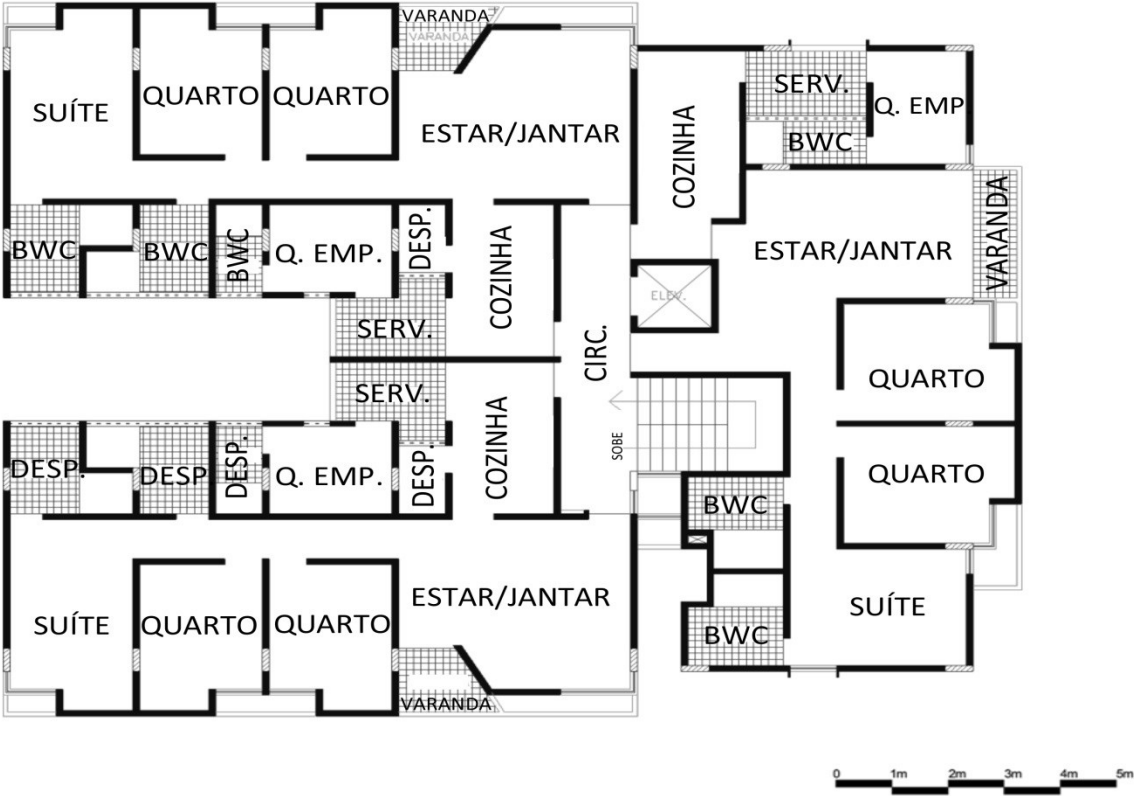
APÊNDICE D - FICHAS DE REGISTRO DO PROJETO ARQUITETÔNICO, INFORMAÇÕES GERAIS E LOCALIZAÇÃO DOS 37 EDIFÍCIOS MULTIFAMILIARES ANALISADOS EM MACEIÓ NO PERÍODO DE 1980-1985.

REGISTRO 269A	ANO 1980	EDIFÍCIO OFIR
Localização: Rua Abdon Arroxelas, Jatiúca		
Arquiteto: Sem informação		Construção: MEYER - Montagens industriais, Construções e Representações LTDA
Nº de pavimentos: 7 + pilotis		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 6		Área do apartamento: 92,97m ²
Nº de dormitórios: 2 e 3 (1 suíte)		Varanda: Não
LOCALIZAÇÃO 	FACHADA 	FACHADA 
PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO 		
		




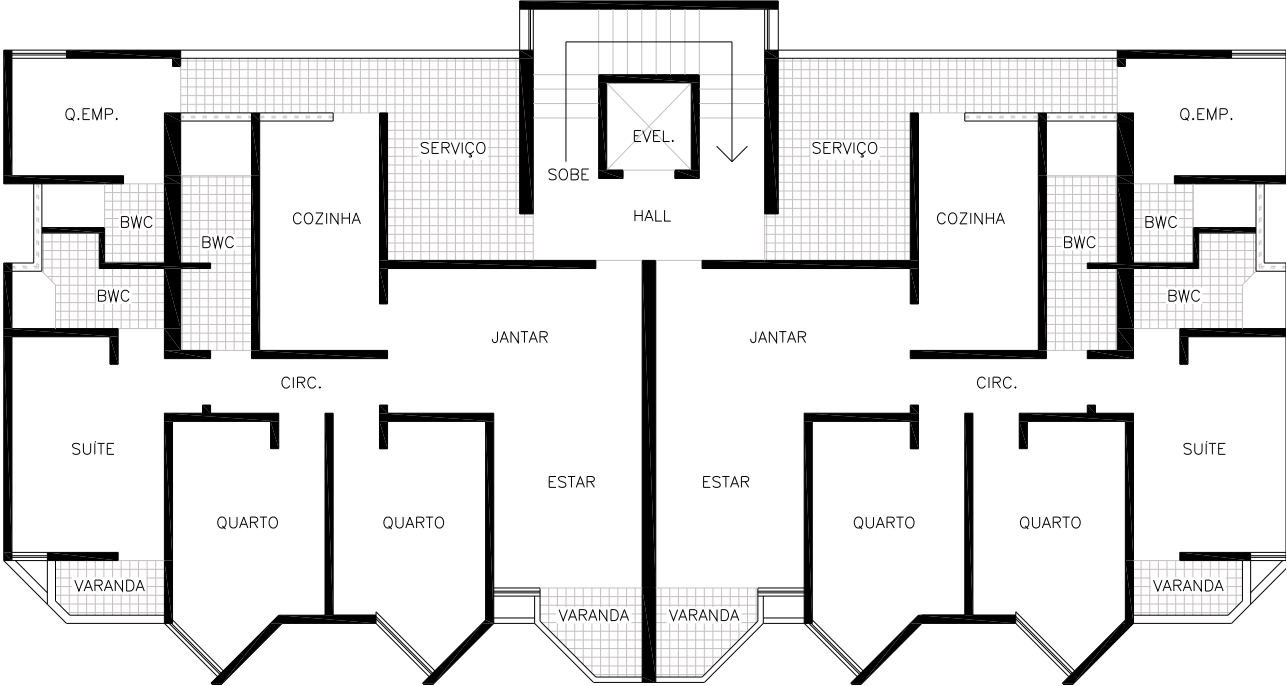
Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU- Prefeitura de Maceió, 1980.

REGISTRO: 554	ANO 1980	FICHA Nº 2: EDIFÍCIO CAIAQUE
Localização: Av Dr. Antônio Gouveia, 1021, Pajuçara		
Arquiteto: Ernesto Lucas Vilaça		Construção: Gama Incorporações LTDA
Nº de pavimentos: 9 + 1 pilotis		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 2		Área do apartamento: 84,32m ²
Nº de dormitórios: 3 (1 suíte)		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO 	FACHADA 	FACHADA 
PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO  <div style="text-align: right; margin-top: 10px;">  </div>		

Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1980.

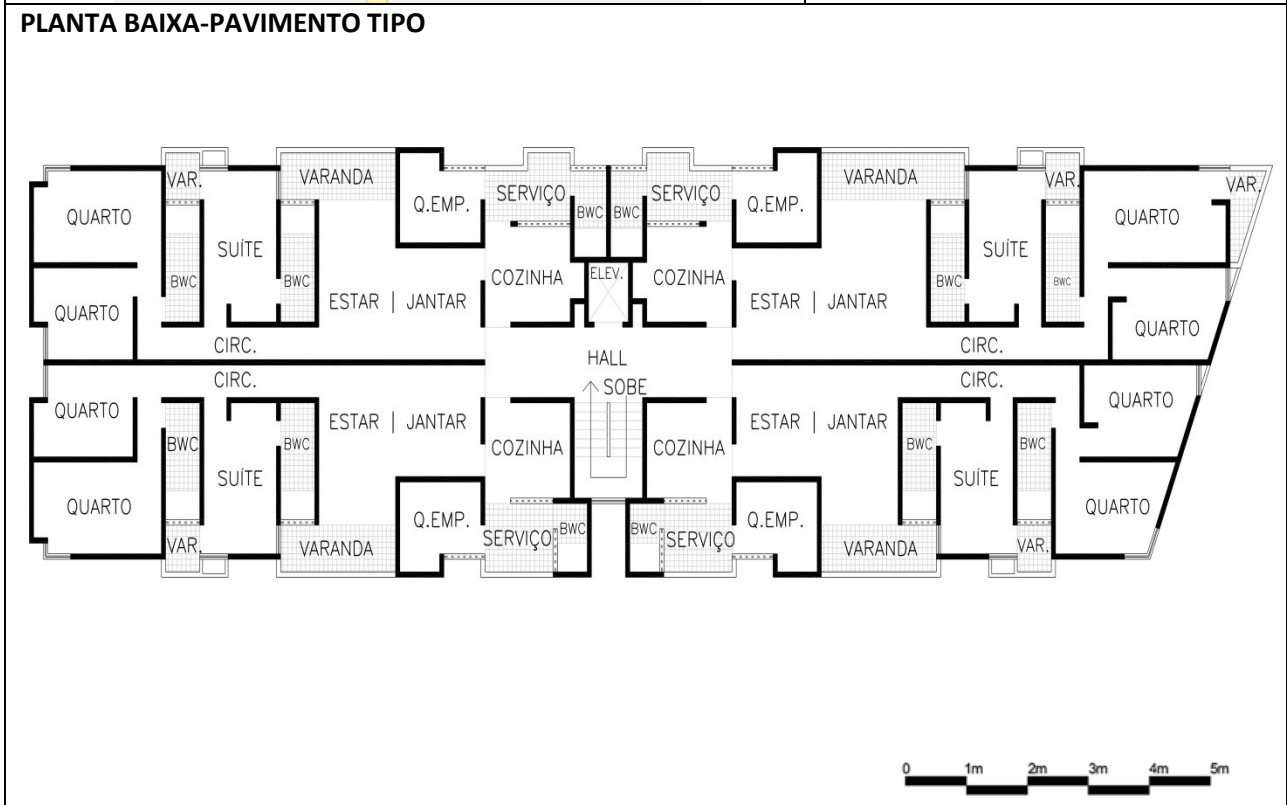
REGISTRO 05	ANO 1982	FICHA Nº 3: EDIFÍCIO ANGRA	
Localização: Rua Ferroviário Manoel Gonçalves Filho, 212 (esquina com Av. João Davino), Jatiúca.			
Arquiteto: Mário Aloísio Maria Angela Paiva		Construção: CONCAP - Construtora Cavalcante Pessoa LTDA	
Nº de pavimentos: 6 + pilotis		Dependência de empregada: Sim	
Nº de apto/andar: 3		Área do apartamento: 136,19m ²	
Nº de dormitórios: 3 (1 suíte)		Varanda: Sim	
<p>LOCALIZAÇÃO</p> 	<p>FACHADA</p> 	<p>FACHADA</p> 	
<p>PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO</p>			
			

Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1982.

REGISTRO 80	ANO 1982	FICHA Nº 4: EDIFÍCIO DOM AFONSO HENRIQUES	
Localização: Rua Senador Rui Palmeira, 53 (esquina com Rua Lourenço Moreira da Silva), Ponta Verde			
Arquiteto: Nadeje Feitosa		Construção: PRÉVIA - Empreendimentos Imobiliários LTDA	
Nº de pavimentos: 6 + cobertura		Dependência de empregada: Sim	
Nº de apto/andar: 2		Área do apartamento: 133,98m ²	
Nº de dormitórios: 3 (1 suíte)		Varanda: Sim	
<p>LOCALIZAÇÃO</p> 	<p>FACHADA</p> 	<p>FACHADA</p> 	
PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO			
 <p style="text-align: right;">0 1m 2m 3m 4m 5m</p>			

Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1982.

REGISTRO 146	ANO 1982	FICHA Nº 5: EDIFÍCIO JAMAICA
Localização: Av. Álvaro Otacílio, 6691, Jatiúca		
Arquiteto: Mario Aloisio Maurício Espinosa		Construção: Construtora HABITAL
Nº de pavimentos: 5 + pilotis		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 4		Área do apartamento: 117,00m ²
Nº de dormitórios: 3 (1suíte)		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO		FACHADA







Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1982.

REGISTRO 147	ANO 1982	FICHA Nº 6: EDIFÍCIO MARTINICA	
Localização: (Esquina Rua Paulina Maria de Mendonça) Álvaro Otacílio, 6705, Jatiúca			
Arquiteto: Mário Aloísio Maurício Espinosa		Construção: Construtora HABITAL	
Nº de pavimentos: 5		Dependência de empregada: Sim	
Nº de apto/andar: 4		Área do apartamento: 97,08m ²	
Nº de dormitórios: 2 (1 suíte)		Varanda: Sim	
<p>LOCALIZAÇÃO</p> 	<p>FACHADA</p> 	<p>FACHADA</p> 	
<p>PLANTABAIXA-PAVIMENTO TIPO</p>			
			

Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1982.

REGISTRO: 188	ANO 1982	FICHA Nº 7: EDIFÍCIO COSTA BRAVA / COSTA DO MARFIM
Localização: Rua Roberto Mascarenhas de Brito, 545/110, Jatiuca.		
Arquiteto: Heitor Maia		Construção: Habitacional Construtora LTDA
Nº de pavimentos: 9 (2 blocos) Obs.: 2 edifícios compõem um mesmo condomínio		Dependência de empregada: Não (reversível)
Nº de apto/andar: 4		Área do apartamento: 99,14m ²
Nº de dormitórios: 2 (suíte)+ reversível		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO	FACHADA	FACHADA
		
PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO		
		
		

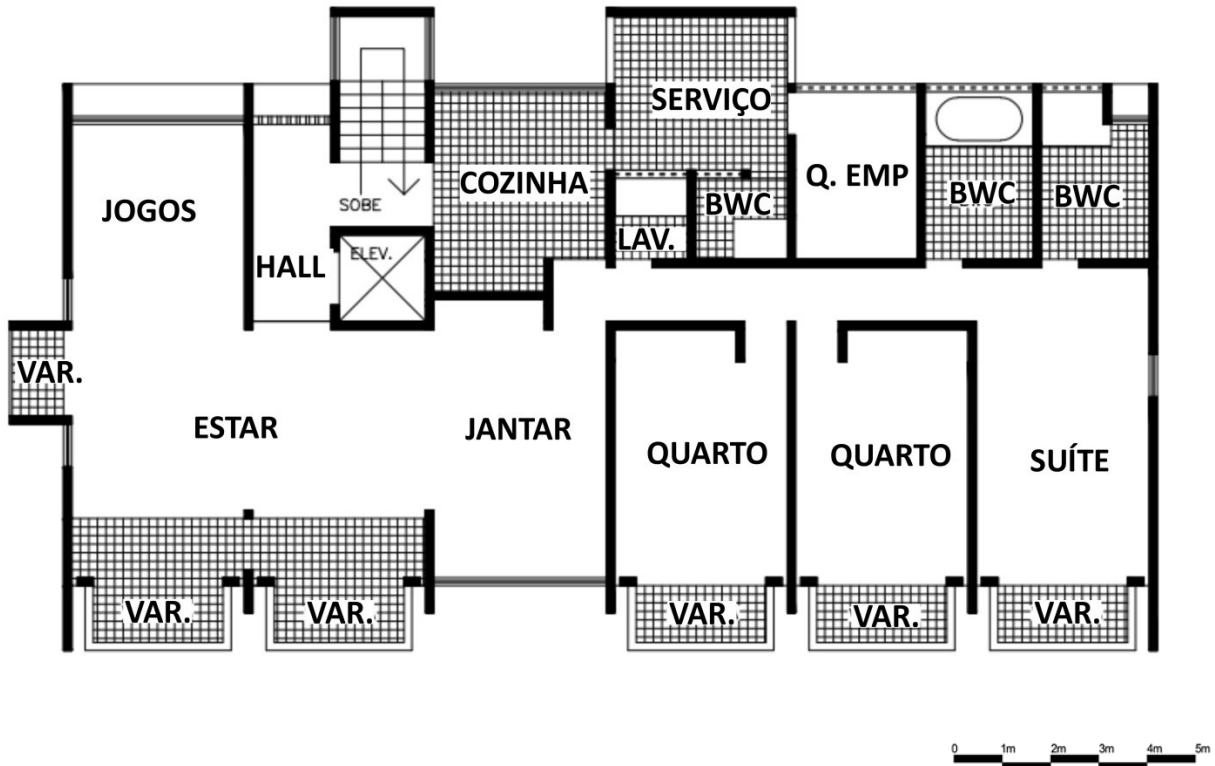
Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1982.

REGISTRO 261	ANO 1982	FICHA Nº 8: EDIFÍCIO MORADA TROPICAL
Localização: Rua Deputado José Lages, Ponta Verde.		
Arquiteto: Mário Aloísio		Construção: Morada Engenharia e Comércio LTDA
Nº de pavimentos: 7 + pilotis		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 3		Área do apartamento: 104,30m ²
Nº de dormitórios: 3 (1 suíte) e 2		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO	FACHADA	FACHADA
		
PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO		
		

Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1982.

REGISTRO 288	ANO 1982	FICHA Nº 9: EDIFÍCIO ALESSANDRA
Localização: Rua Deputado José Lages, 220, Jatiúca		
Arquiteto: sem informação		Construção: Construtora Mundaú Ind. Com. LTDA
Nº de pavimentos: 5 + pilotis		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 1		Área do apartamento: 222, 89m ² 273, 81m ²
Nº de dormitórios: 3 (1 suíte)		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO	FACHADA	FACHADA

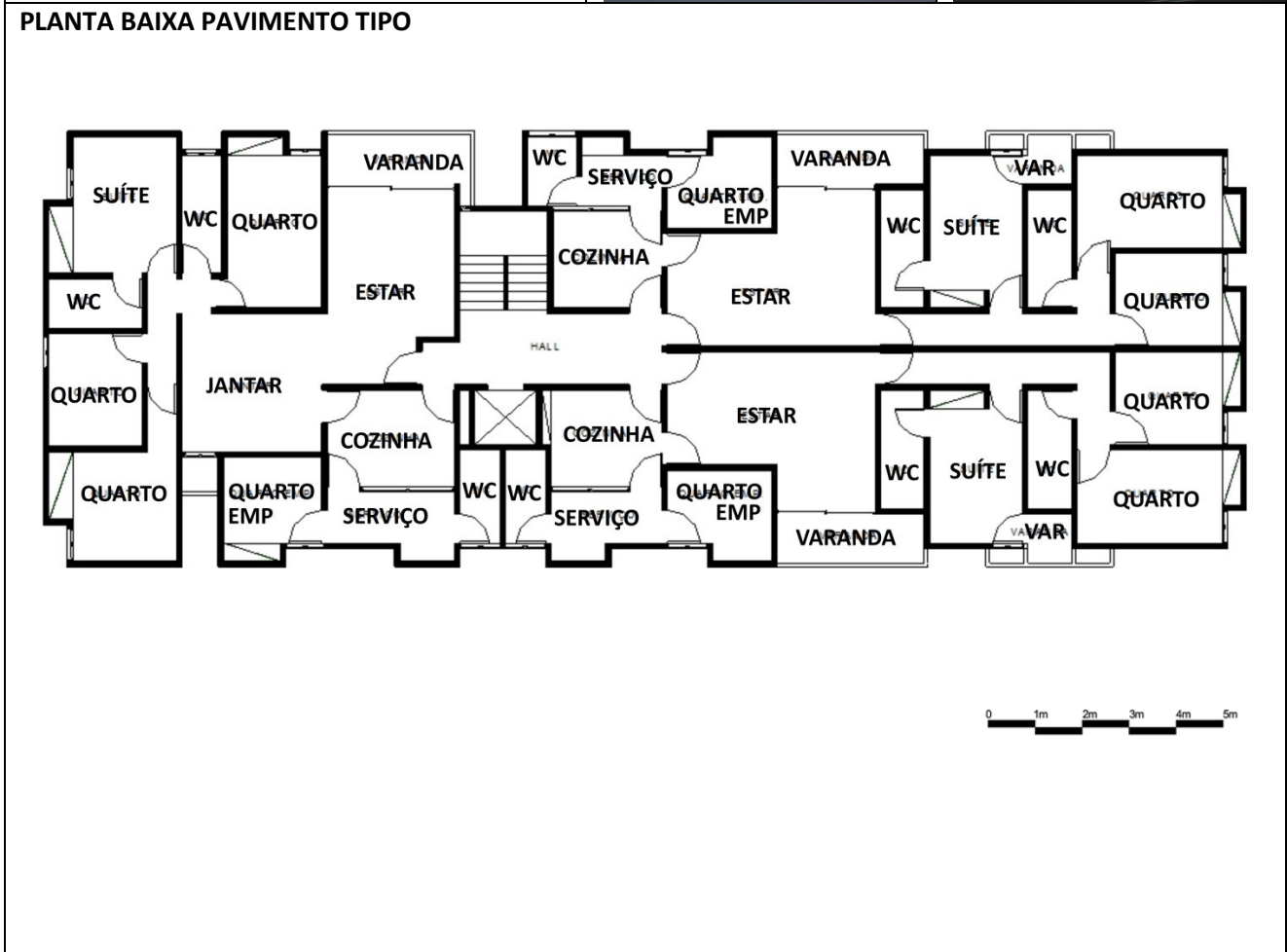
PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO



Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1982.

REGISTRO 341	ANO 1982	FICHA Nº 10: EDIFÍCIO SAINT THOMAZ
Localização: Av. Álvaro Otacílio, 6742, Jatiúca		
Arquiteto: Mario Aloisio		Construção: Construtora HABITAL
Nº de pavimentos: 8 + pilotis		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 3		Área do apartamento: 110,00m ² 108,00m ² 134,00m ²
Nº de dormitórios: 4 (1 suíte) e 3 (1 suíte)		Varanda: Sim

<p>LOCALIZAÇÃO</p>	<p>FACHADA</p>	<p>FACHADA</p>
---------------------------	-----------------------	-----------------------



Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1982.

REGISTRO: 345	ANO 1982	FICHA Nº 11: EDIFÍCIO MORADA DOS VENTOS II
Localização: Rua João Jucá, 220, Farol (Próximo ao Colégio Marista).		
Arquiteto: sem informação		Construção: Morada Engenharia e Comércio LTDA
Nº de pavimentos: 5 + pilotis		Dependência de empregada: Não (reversível)
Nº de apto/andar: 2		Área do apartamento: 85,71m ²
Nº de dormitórios: 2+ reversível		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO	FACHADA	FACHADA
		
PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO		
		
		




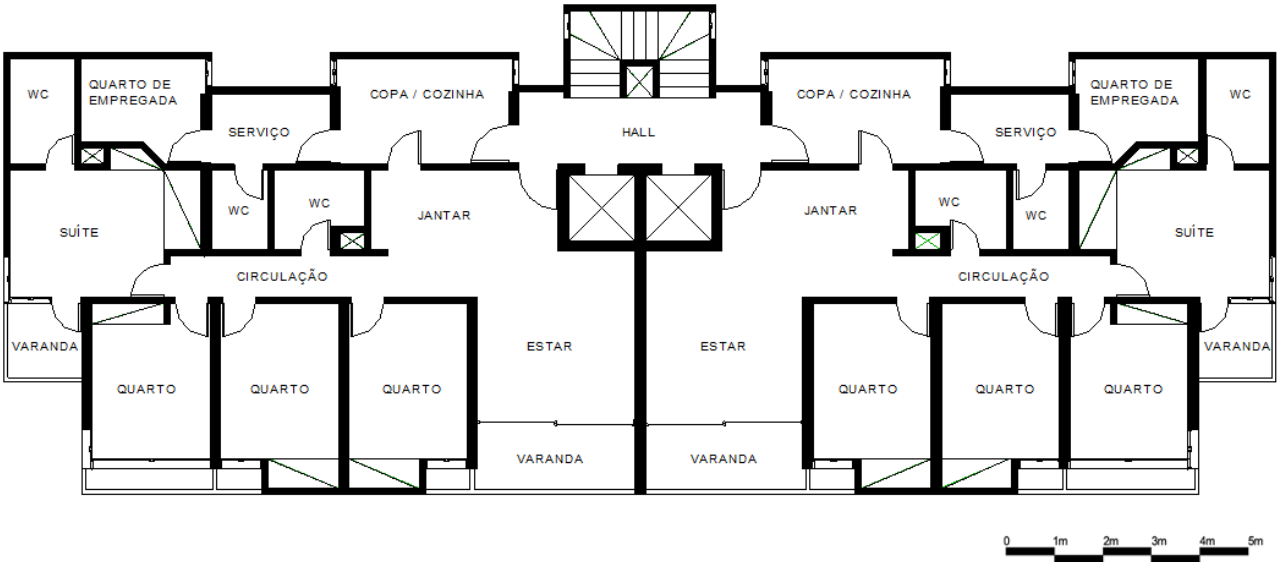
Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1982.

REGISTRO 482	ANO 1982	FICHA Nº 12: EDIFÍCIO GISELE
Localização: Rua Ricardo César Melo, 75, Pinheiro		
Arquiteto: Anadeje Gonçalves		Construção: Maceió Construções LTDA
Nº de pavimentos: 6 + pilotis		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 4		Área do apartamento: 101,19m ²
Nº de dormitórios: 3 (1 suíte)		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO:		FACHADA:
		

PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO



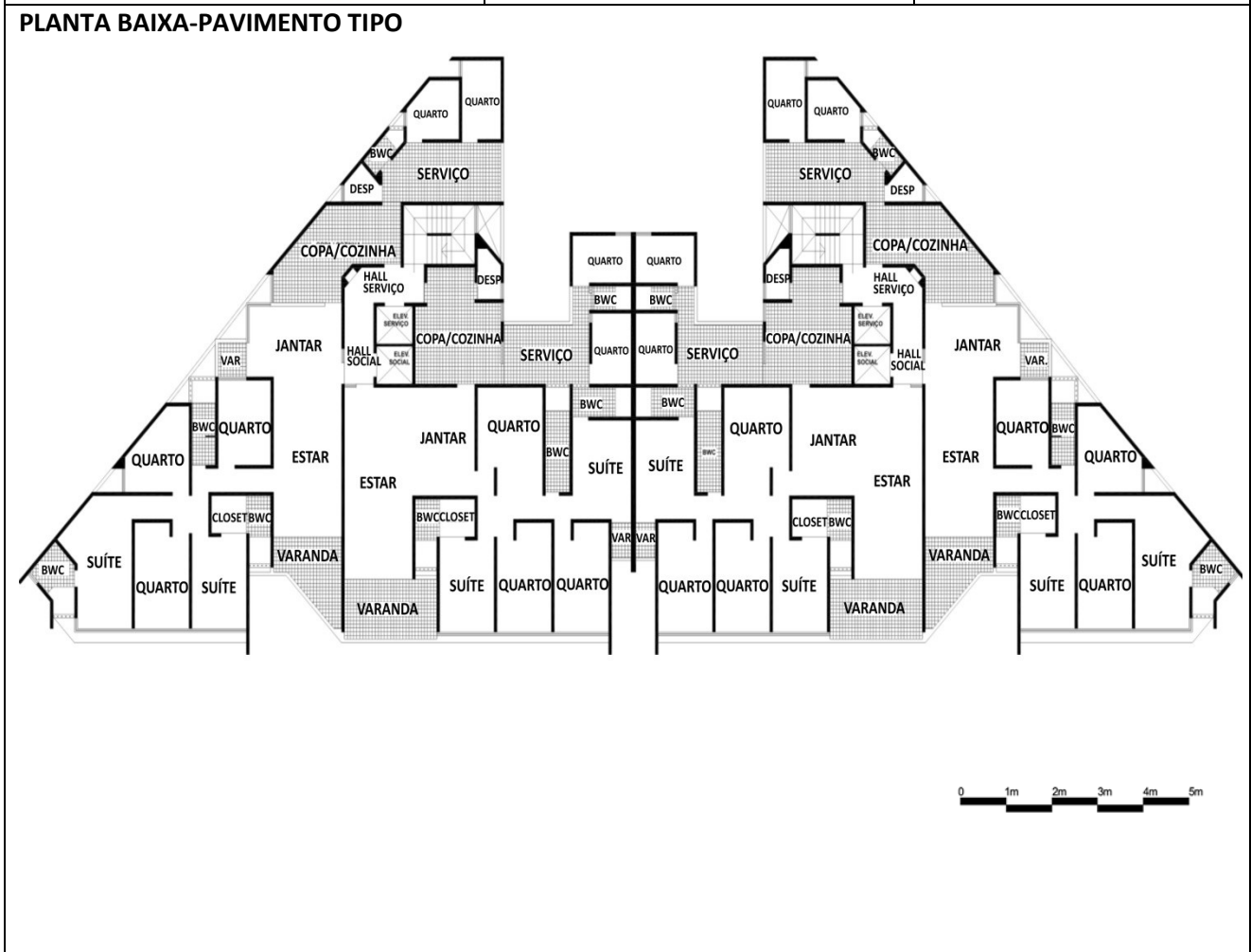
Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1982.

REGISTRO 495	ANO 1982	FICHA Nº 13: EDIFÍCIO ROCAS
Localização: Av. Álvaro Otacílio, 3069 (esquina com a Rua Senador Rui Palmeira), Ponta Verde		
Arquiteto: Rubem Wanderley		Construção: Cipesa
Nº de pavimentos: 7 + cobertura + pilotis		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 2		Área do apartamento: 144,94 m ²
Nº de dormitórios: 4 (1suíte)		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO	FACHADA	FACHADA
		
PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO		
		




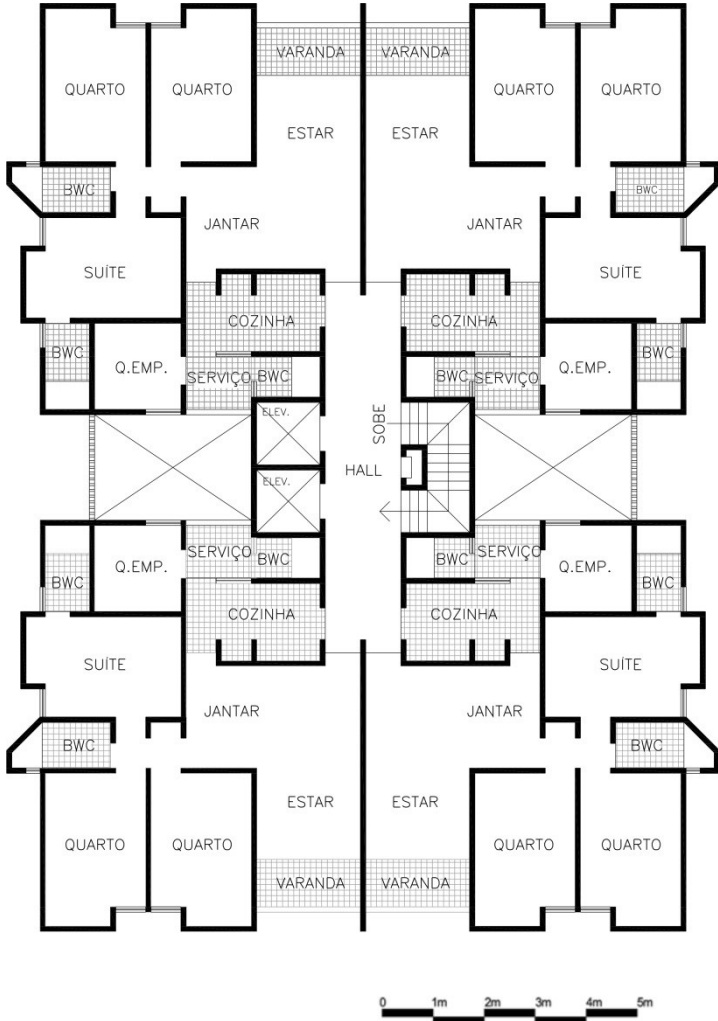
Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1982.

REGISTRO 115	ANO 1983	FICHA Nº 14: EDIFÍCIO CATAMARÃ
Localização: Av. Senador Robert Kennedy, 2741 (esquina Rua Engenheiro Mário de Gusmão), Ponta Verde		
Arquiteto: Mariano Teixeira e Mário Aloísio		Construção: Gama Incorporações LTDA
Nº de pavimentos: 8 + pilotis		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 4		Área do apartamento: sem informação
Nº de dormitórios: 5 (2 suítes)		Varanda: Sim

<p>LOCALIZAÇÃO</p>	<p>FACHADA</p>	<p>FACHADA</p>
---------------------------	-----------------------	-----------------------



Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1983.

EDIFÍCIO 128	ANO 1983	FICHA Nº 15: EDIFÍCIO ATENAS
Localização: Av. Dr. Júlio Marques Luz , 37 (Vizinho ao Edf. Rhodes), Jatiuca		
Arquiteto: Mariano Teixeira		Construção: Morada Engenharia e Comércio LTDA
Nº de pavimentos: 7 + pilotis + subsolo (2 blocos)		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 4		Área do apartamento: 102m ²
Nº de dormitórios: 3 (1 suíte)		Varanda: Sim
<p>LOCALIZAÇÃO</p> 	<p>FACHADA</p> 	<p>FACHADA</p> 
<p>PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO</p>		
		

Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1983.

REGIATRO 134	ANO 1983	FICHA Nº 16: EDIFÍCIO JUNCO
Localização: Av. Comendador Palmeira, 74, Farol		
Arquiteto: Mariano Teixeira		Construção: Gama Incorporações LTDA
Nº de pavimentos: 8 + pilotis		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 2		Área do apartamento: 167,66m ²
Nº de dormitórios: 3 (1 suíte)		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO	FACHADA	FACHADA
PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO		

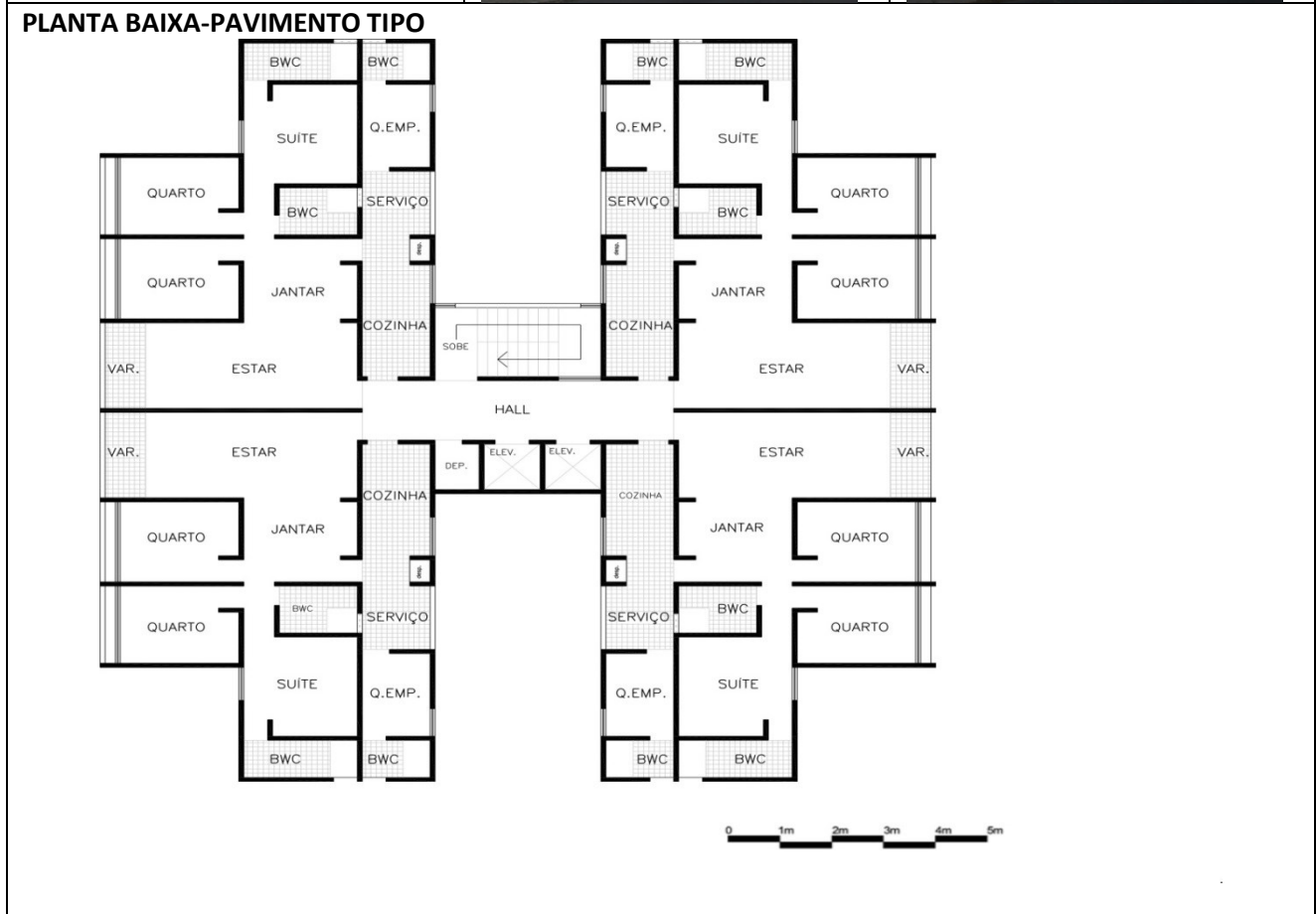
Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1983.

EDIFÍCIO 174	ANO 1983	FICHA Nº 17: EDIFÍCIO SOLEDADE
Localização: Rua Paulina Maria Mendonça, 55, Jatiúca (Em frente ao Restaurante Parmegiano)		
Arquiteto: Sem informação		Construção: CISE - Construções Imobiliária e Serviços de Engenharia
Nº de pavimentos: 7 + pilotis		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 2		Área do apartamento: 86,93m ² 89,44m ²
Nº de dormitórios: 3 (1 suíte + rev.)/2 (1 suíte+ reversível)		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO 	FACHADA 	FACHADA 
PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO 		

Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1983.

EDIFÍCIO 187	ANO 1983	FICHA Nº 18: CONDOMÍNIO MAHATMA GHANDI
Localização: Av. Roberto Mascarenhas de Brito, quadra G – Jatiúca Loteamento Jatiuca, quadra “H”, Jatiúca		
Arquiteto: Fernando de Melo Azevedo		Construção: Habitacional Construtora LTDA
Nº de pavimentos: 8 + pilotis (3 blocos)		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 4		Área do apartamento: 108,5m ²
Nº de dormitórios: 3 (1 suíte)		Varanda: Sim

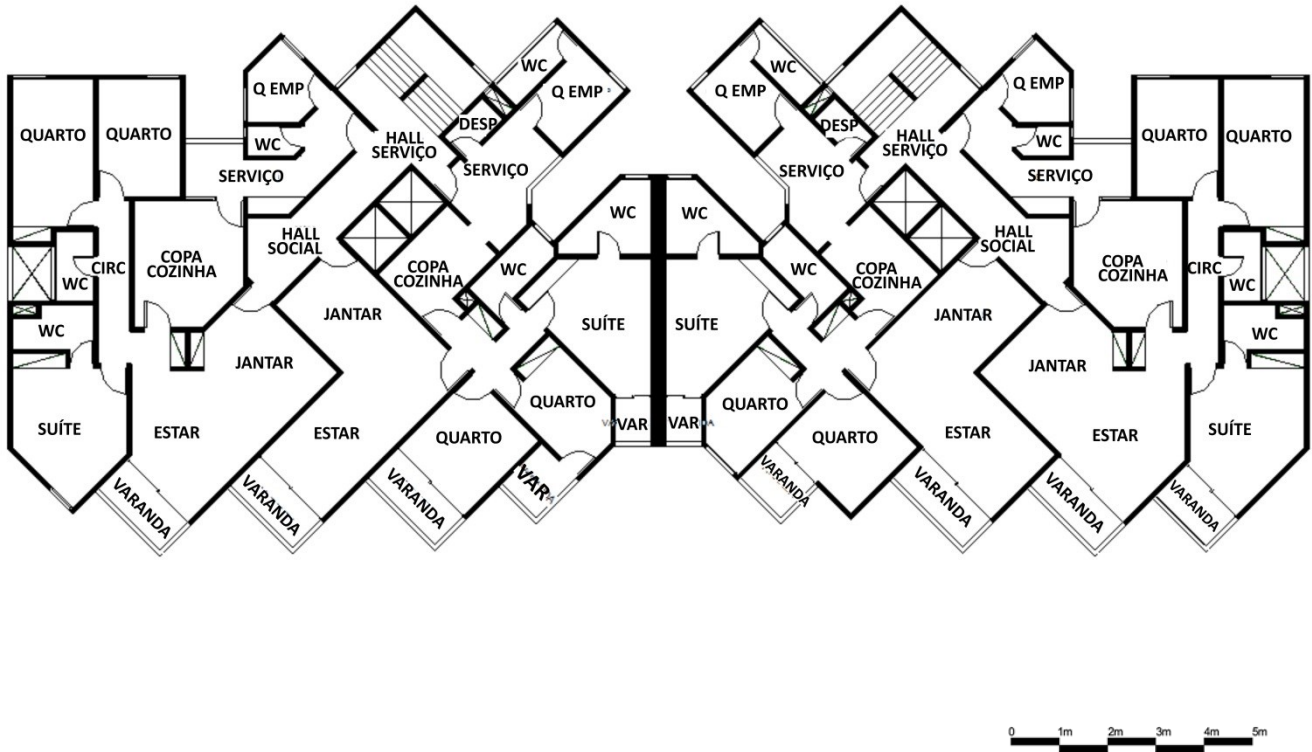
<p>LOCALIZAÇÃO</p> 	<p>FACHADA</p> 	<p>FACHADA</p> 
--	---	--





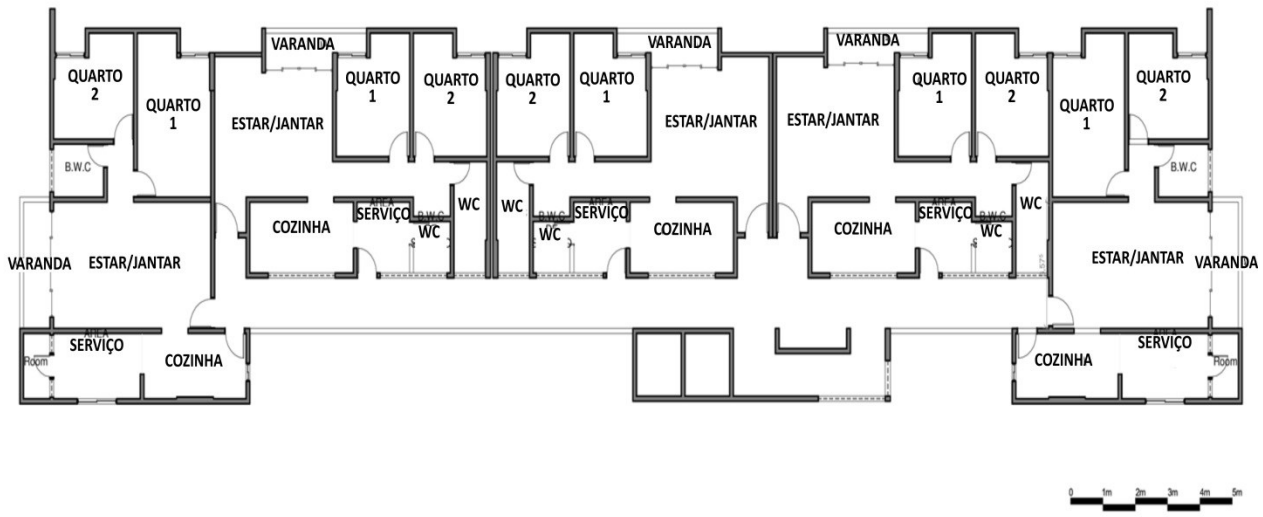
Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1983.

REGISTRO 266	ANO 1983	FICHA Nº 19: EDIFÍCIO ABROLHOS/AÇORES
Localização: Rua Senador Rui Palmeira, 63/89, Ponta Verde		
Arquiteto: Rubem Wanderley Filho		Construção: CIPESA
Nº de pavimentos: 9 + pilotis		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 4		Área do apartamento: 154,87 m ²
Nº de dormitórios: 3 (1 suíte)		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO	FACHADA	FACHADA

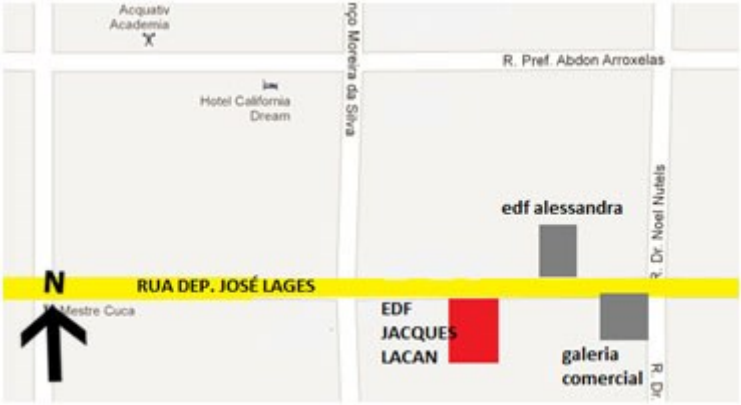

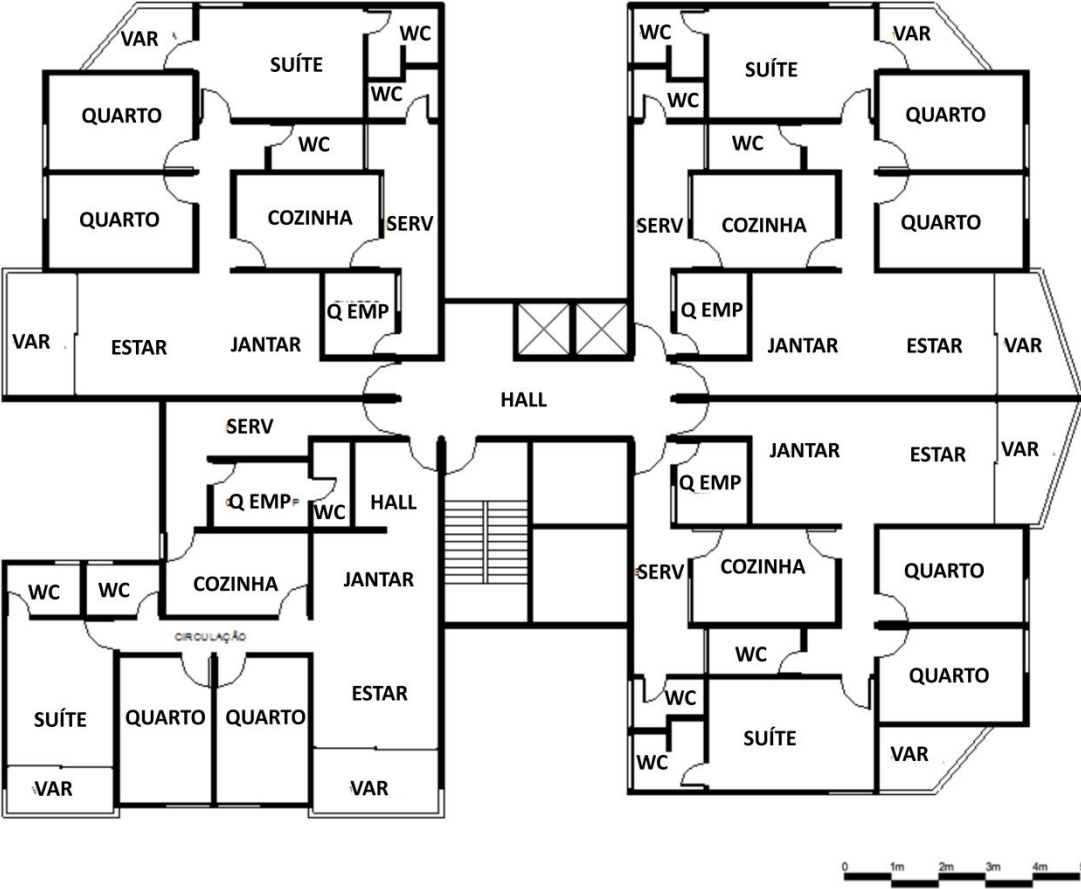
PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO





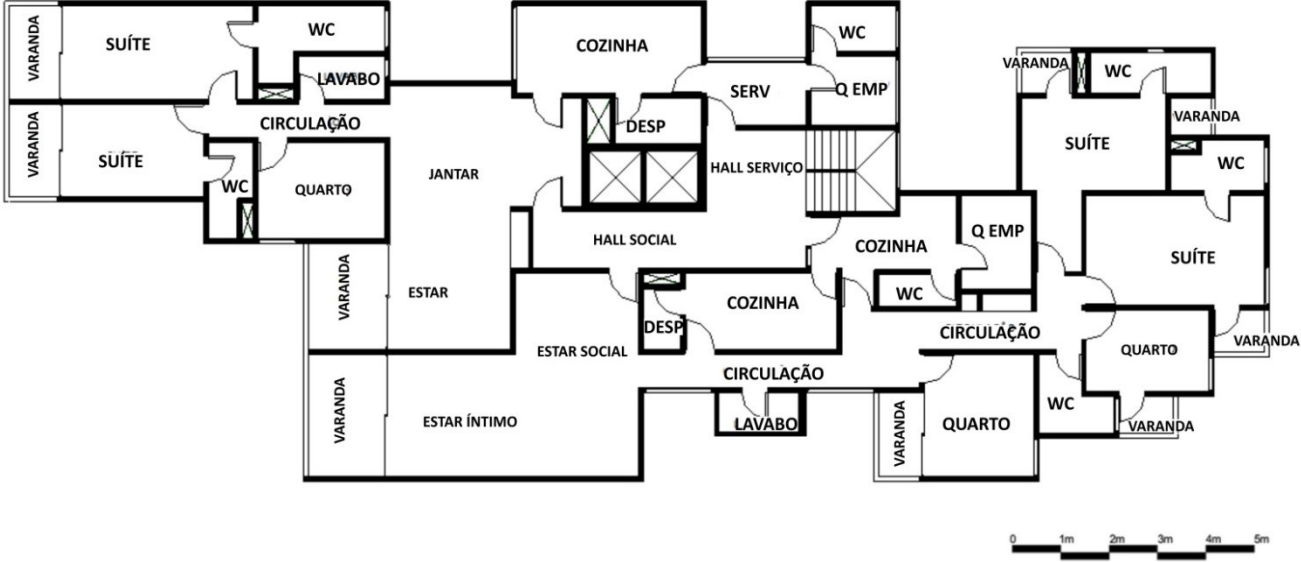
Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1983.

REGISTRO: 354	ANO: 1983	FICHA Nº 20: EDIFÍCIO: FABIANO I
Localização: Rua Engenheiro Mário de Gusmão, 1135, Ponta Verde		
Arquitetos: Ana Lucia Barros Kátia Costa Pinto Norma L. Gonçalves Mário Aloísio Maria Ângela Wanderlei Paiva Suely Jucá Maciel		Construção: Construtora Oliveira Maciel LTDA
Nº de pavimentos: 8 + Pilotis		Dependência de empregada: Não
Nº de apto/andar: 5		Área do apartamento: 80m ² e 79m ²
Nº de dormitórios: 2		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO:		FACHADA:
		
PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO		
		

Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1983.

REGISTRO 256	ANO 1984	FICHA Nº 21: EDIFÍCIO JACQUES LACAN
Localização: Rua Deputado José Lages, 225, Ponta Verde.		
Autor: Eng. Artur Guerra		Construção: FERRUSA Construção e Incorporação LTDA
Nº de pavimentos: 9 + pilotis		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 4		Área do apartamento: 145,8 m ²
Nº de dormitórios: 3 (1 suíte)		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO 		FACHADA 
PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO		
		

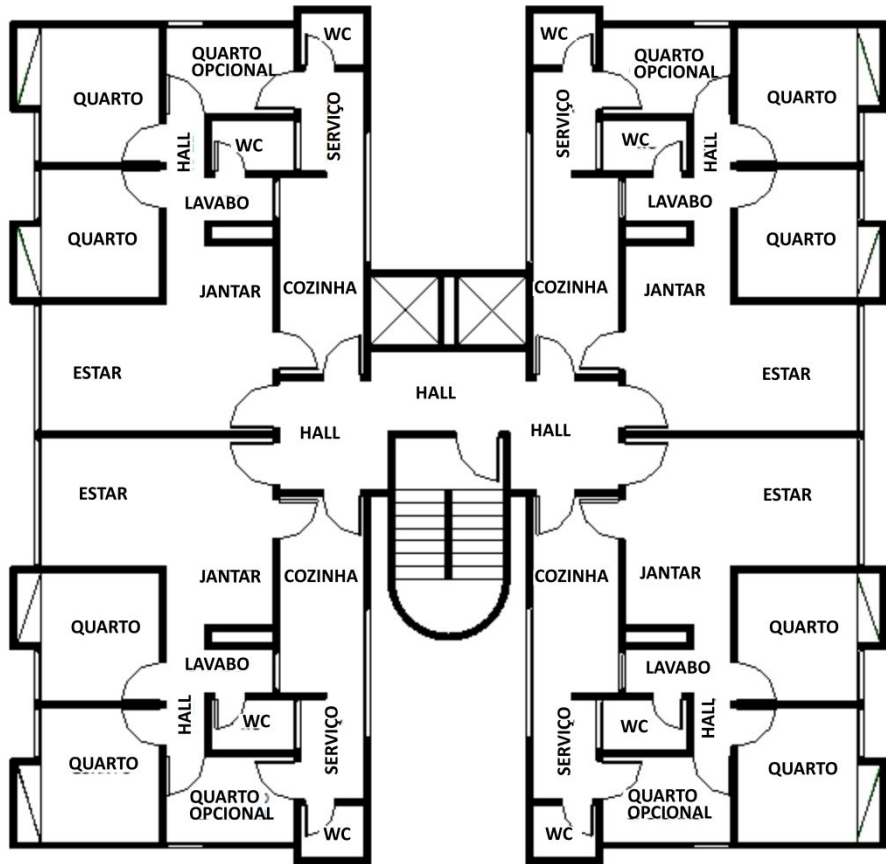
Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1984.

REGISTRO 317	ANO 1984	FICHA Nº 22: EDIFÍCIO CARTAGO
Localização: Rua Lourenço M. Da Silva com a Rua Senador Rui Palmeira, Ponta Verde, 452		
Arquiteto: Rubem Wanderly Filho Maria Ângela		Construção: CIPESA
Nº de pavimentos: 8 + pilotis + cobertura		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 2		Área do apartamento: - m ²
Nº de dormitórios: 1 de 3 (1suíte) / 1 de 4 (2suítes)		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO 		FACHADA 
PLANTA BAIXA DO PAVIMENTO TIPO		
		

Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1984.

REGISTRO 323	ANO 1984	FICHA Nº 23: EDIFÍCIO CAIÇARA
Localização: Rua Cel. Alcides de Barros Correia, Jatiúca , 65		
Arquiteto: Leila G. B. Vasconcelos Nadja M. Simonetti Meira Pires Aldanisa R. P. Rocha		Construção: Construtora Nacional LTDA
Nº de pavimentos: 8 + pilotis		Dependência de empregada: Não (rev.)
Nº de apto/andar: 4		Área do apartamento: 76,31 m ²
Nº de dormitórios: 2+ reversível		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO	FACHADA	FACHADA
		

PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO



Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1984.

REGISTRO: 380	ANO: 1984	FICHA Nº 24: EDIFÍCIO MARIA CELINA
Localização: Rua Paulina Maria de Mendonça, 46, Jatiúca (Próximo ao Restaurante Parmeggiano)		
Arquitetos: Mario Aloisio Melo Maria Ângela Paiva		Construção: Construtora HABITAL
Nº de pavimentos: 6 + Pilotis		Dependência de empregada: Não (rev.)
Nº de apto/andar: 2		Área do apartamento: 75,37m ²
Nº de dormitórios: 2+ reversível		Varanda: Sim

LOCALIZAÇÃO:



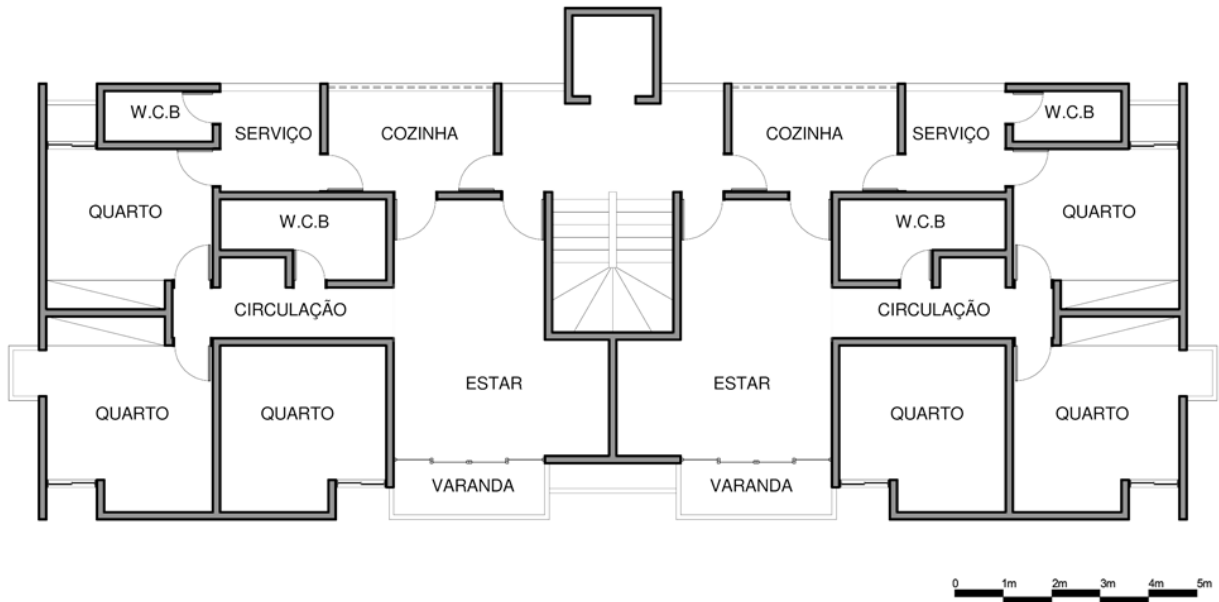
FACHADA:



FACHADA:



PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO:



Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1984.

REGISTRO 64	ANO 1984	FICHA Nº 25: EDIFÍCIO HUMAYTÁ
Localização: Rua Com. Antônio F. Vasconcelos, 62, Jatiúca		
Arquiteto: Ricardo Gama de Oliveira Elizabeth Andrade de Oliveira		Construção: Humaytá Construções e Incorporações LTDA
Nº de pavimentos: 7 + pilotis		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 4		Área do apartamento: 103 m ²
Nº de dormitórios: 3 (1 suíte e 1 rev.)		Varanda: Sim

<p>LOCALIZAÇÃO</p>	<p>FACHADA</p>	<p>FACHADA</p>
---------------------------	-----------------------	-----------------------

PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO

Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1984.

REGISTRO: 40	ANO: 1985	FICHA Nº 26: EDIFÍCIO TARUMÃ
Localização: Rua Dep. Rubens Canuto, esquina com a Rua Pompeu Sarmento, loteamento Álvaro Otacílio (em parte do lote 383), Ponta Verde		
Arquiteto: Mário Aloísio Ovídio Pascual		Construção: SERMAP Engenharia e Construções LTDA
Nº de pavimentos: 8+pilotis		Dependência de empregada: SIM
Nº de apto/andar: 2		Área do apartamento: 118,75 115,05 m ²
Nº de dormitórios: 3(1 suíte)		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO:	FACHADA:	FACHADA:
		
PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO:		
		

Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1985.

REGISTRO: 77	ANO: 1985	FICHA Nº 27: EDIFÍCIO TARITÁ
Localização: Rua Industrial Climério Sarmento, 67		
Arquiteto: Mariano Teixeira		Construção: Construtora Camêlo LTDA
Nº de pavimentos: 7 + Pilotis + Subsolo		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 2		Área do apartamento: 110,04m ² 114,06m ²
Nº de dormitórios: 3 (1 suíte)		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO:		
FACHADA:		
PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO:		

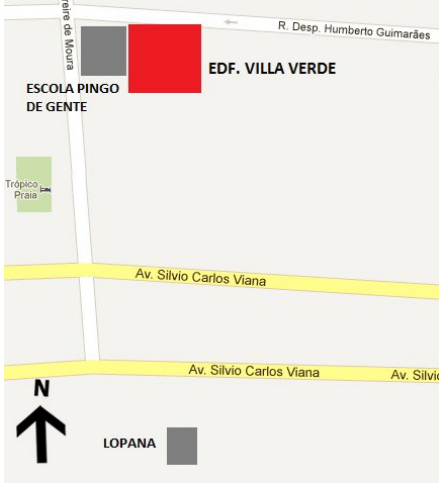
Fonte: A autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1985.

REGISTRO 177	ANO 1985	FICHA Nº 28: EDIFÍCIO VILLA VERDE
---------------------	-----------------	--

Localização: Rua Desportista Humberto Guimarães, 382, Ponta Verde

Arquiteto: Paulo Marcelo de Miranda Serrano	Construção: Construtora e Imobiliária Melo LTDA
Nº de pavimentos: 6 + pilotis	Dependência de empregada: Não
Nº de apto/andar: 4	Área do apartamento: 132,33 m ² 134,31 m ²
Nº de dormitórios: 3 (1suíte+ 1 reversível)	Varanda: Sim

LOCALIZAÇÃO



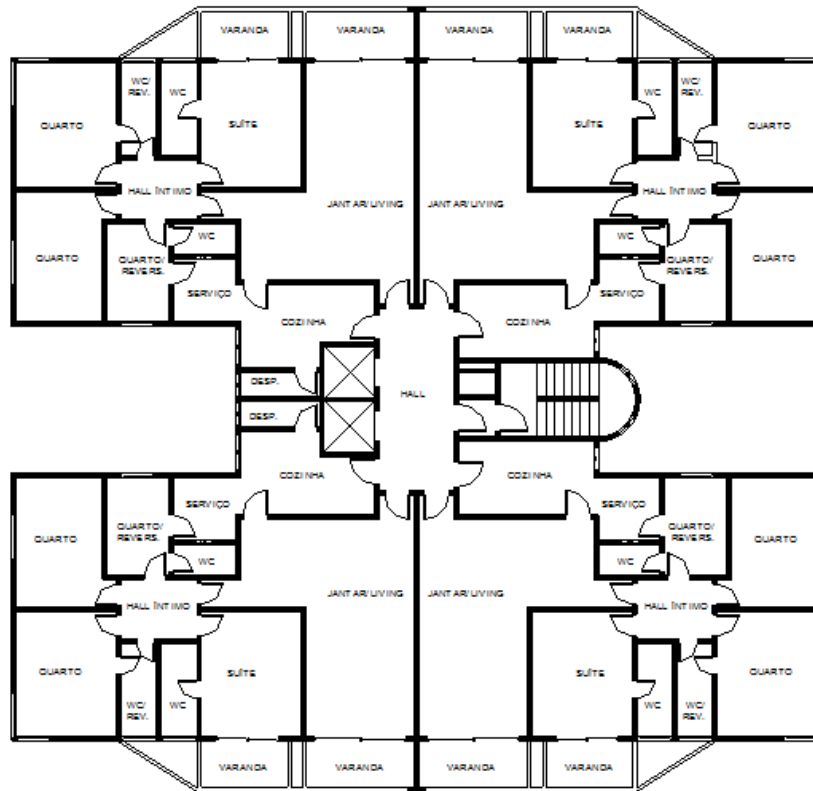
FACHADA



FACHADA



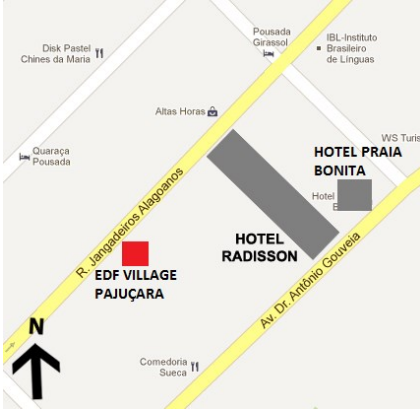

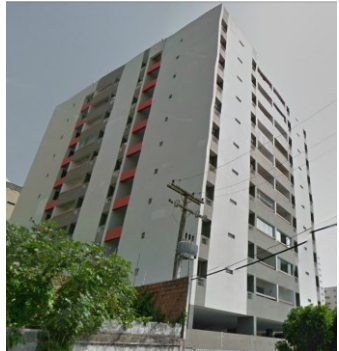

PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO



Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1985.

REGISTRO 247	ANO 1985	FICHA Nº 29: EDIFÍCIO CHARLES CHAPLIN
Localização: Esquina das Ruas Engenheiro Mário de Gusmão e Francisco Laranjeiras, 1295, Ponta Verde (Próximo ao Hotel Ritz Plaza)		
Arquiteto: Carlos Alberto Machado Pessoa		Construção: EMPRETEL - Empreendimentos Técnicos do Nordeste LTDA
Nº de pavimentos: 8 + pilotis + subsolo		Dependência de empregada: Não
Nº de apto/andar: 6		Área do apartamento: 52,64 m ² 42,50 m ² 54,86 m ²
Nº de dormitórios: 1 (1 ste)		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO		FACHADA
		
PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO		
		

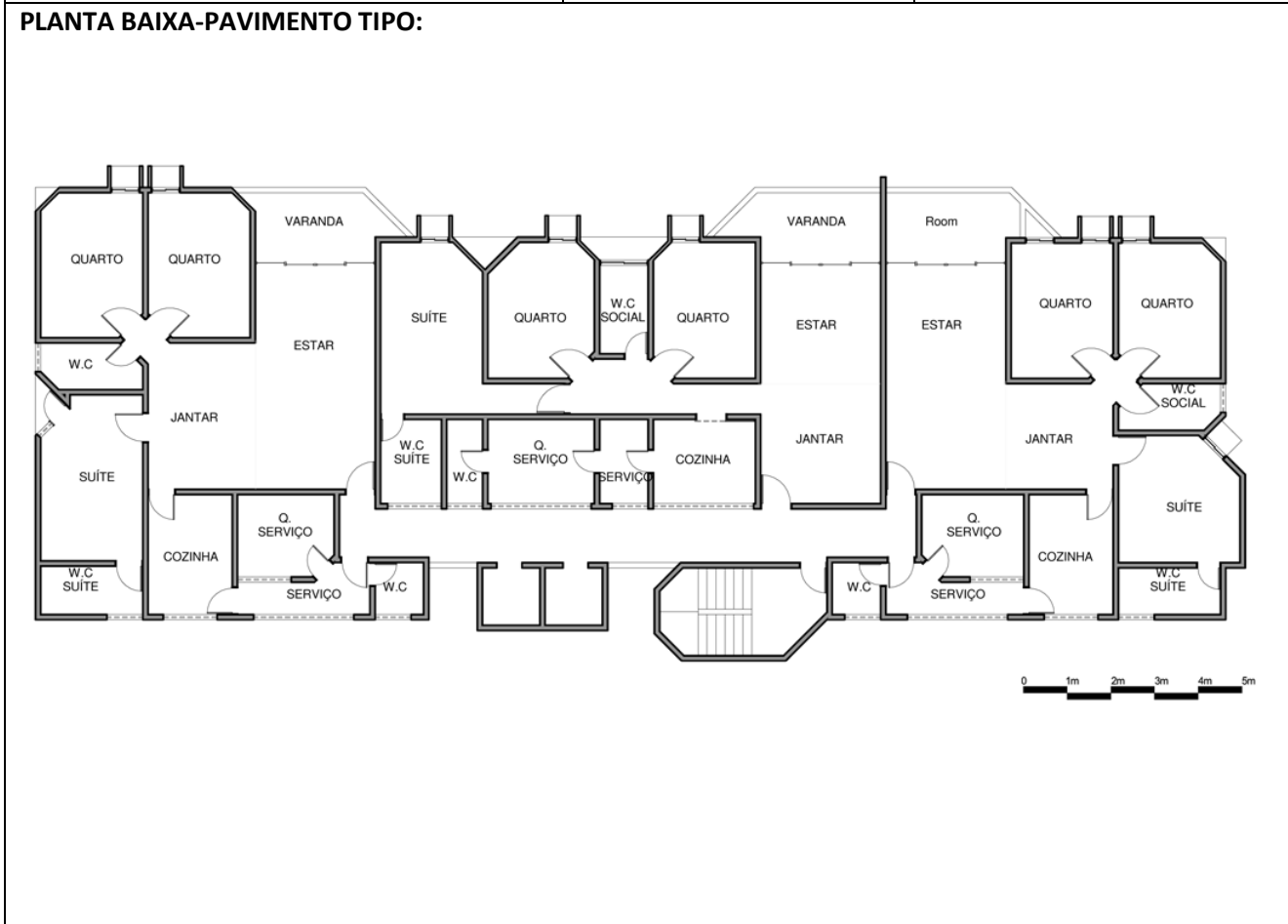
Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1985.

REGISTRO 252	ANO 1985	FICHA Nº 30: EDIFÍCIO VILLAGE PAJUÇARA
Localização: Rua Jangadeiros Alagoanos, 1012, Pajuçara		
Arquiteto: Virgínia Maria de A. Crisostomo		Construção: HIDRAL - Hidráulica Alagoana LTDA
Nº de pavimentos: 11 + pilotis		Dependência de empregada: Sim (apenas 2)
Nº de apto/andar: 6		Área do apartamento: 75,53 m ² 82,74 m ² 84,30 m ²
Nº de dormitórios: 2		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO		
		
PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO		
		

Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1985.

REGISTRO: 253	ANO: 1985	FICHA Nº 31: EDIFÍCIO PASSARGADA
Localização: Rua Deputado José Lages ,200, Jatiúca		
Projeto: Eng. Sergio de Freitas Valença Eng. Mauro Paulo de Freitas Melo		Construção: SERMAP Engenharia e Construções LTDA
Nº de pavimentos: 8 + Pilotis + Subsolo		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 3		Área do apartamento: 109m ² 112,40m ² 117,20m ²
Nº de dormitórios: 3 (1 suíte)		Varanda: Sim

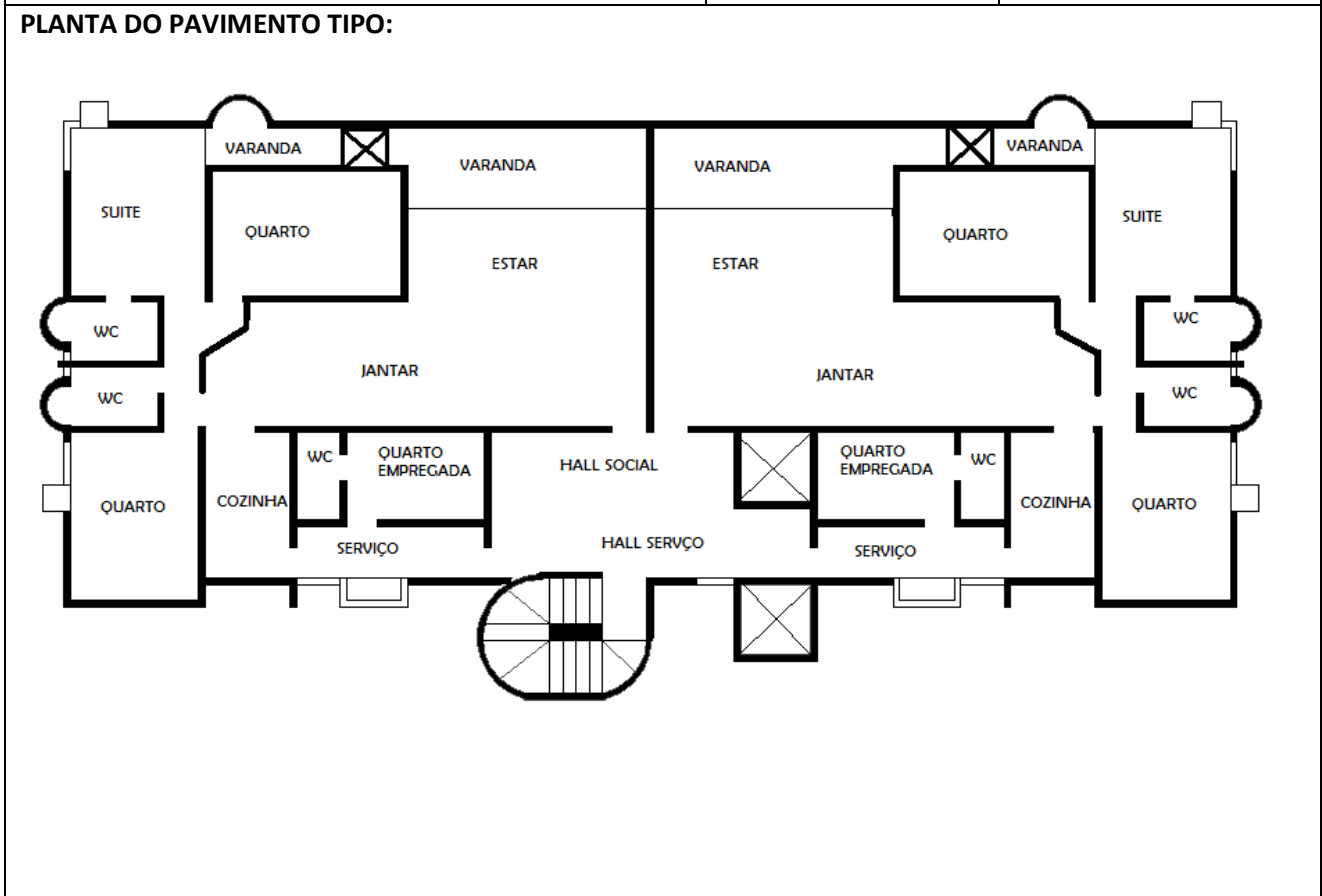
<p>LOCALIZAÇÃO:</p> 	<p>FACHADA:</p> 	<p>FACHADA:</p> 
--	--	---



Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1985.

REGISTRO: 272	ANO: 1985	FICHA Nº 32: EDIFÍCIO MANDALA
Localização: Rua Engenheiro Mário de Gusmão, 316, Ponta Verde		
Projeto: Eng. Sergio de Freitas Valença Eng. Mauro Paulo de Freitas Melo		Construção: SERMAP Engenharia e Construções LTDA
Nº de pavimentos: 7 + Pilotis		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 2		Área do apartamento: 124,66m ²
Nº de dormitórios: 3		Varanda: Sim

<p>LOCALIZAÇÃO:</p>	<p>FACHADA:</p>	<p>FACHADA:</p>
----------------------------	------------------------	------------------------



Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1985.

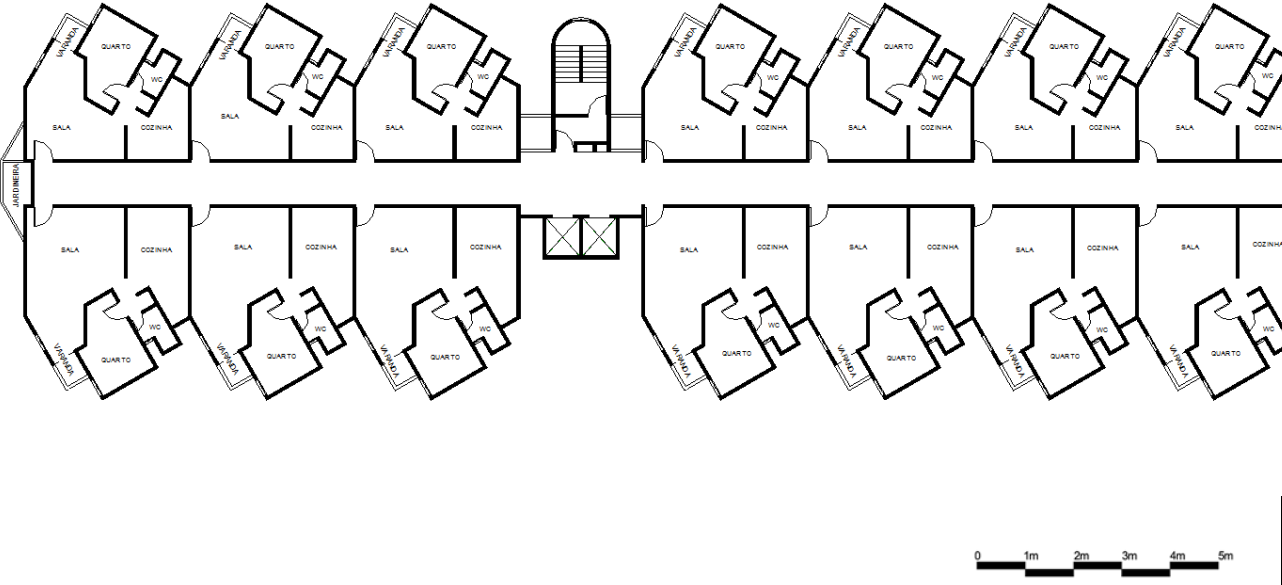
REGISTRO 300D	ANO 1985	FICHA Nº 33: EDIFÍCIO AURÉLIO BUARQUE DE HOLANDA
Localização: Rua. Engenheiro Mário de Gusmão, 593, Ponta Verde		
Arquiteto: Dyacy M. de Farias Moreira/Marta Maria de Melo Silva		Construção: Camêlo LTDA
Nº de pavimentos: 9 + Pilotis e Cobertura		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 1		Área do apartamento: 227m ²
Nº de dormitórios: 4 (2 suítes)		Varanda: Sim
LOCALIZAÇÃO	FACHADA	FACHADA
		
PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO		
		

Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1985.

REGISTRO 307	ANO 1985	FICHA Nº 34: EDIFÍCIO COTE D'AZUR
Localização: Av. Álvaro Otacílio com a Rua Hamilton de Barros Soutinho, Ponta Verde, 3567		
Arquiteto: Alexandre O. Nunes e Jadiceli M. D. Gomes		Construção: Habital Indústria e Comércio LTDA
Nº de pavimentos: 8 + pilotis		Dependência de empregada: Não
Nº de apto/andar: 14		Área do apartamento: 57,85 m ²
Nº de dormitórios: 1		Varanda: Sim

<p>LOCALIZAÇÃO</p> 	<p>FACHADA</p> 	<p>FACHADA</p> 
---	---	--

PLANTA BAIXA-PAVIMENTO TIPO



Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1985.

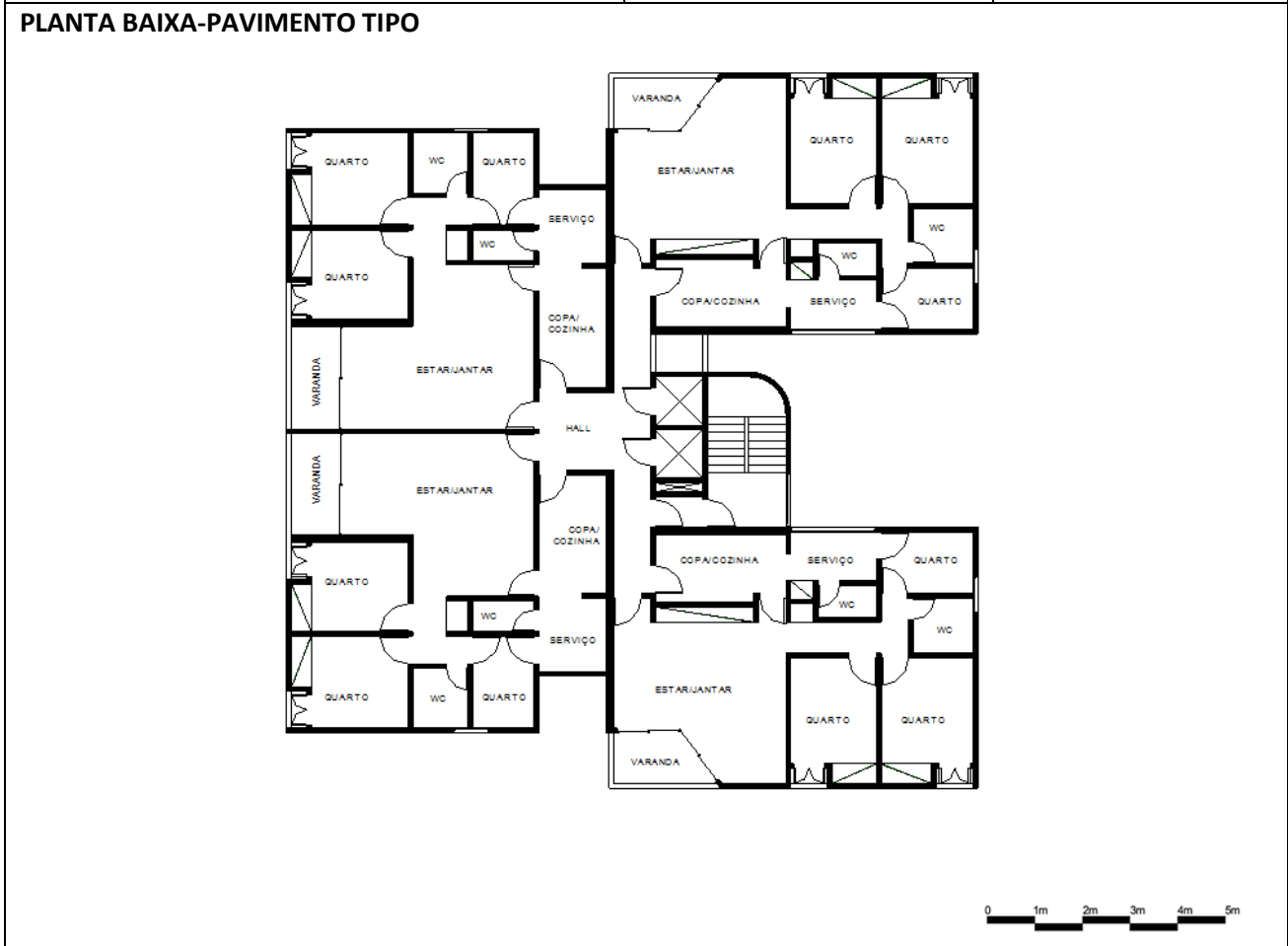
REGISTRO 321	ANO 1985	FICHA Nº 35: EDIFÍCIO LAJEDO
Localização: Rua Prefeito Abdon Arroxelas, 205, Jatiúca		
Arquiteto: Ricardo Gama de Oliveira Elizabeth Andrade de Oliveira		Construção: Humaytá Construções e Incorporações LTDA
Nº de pavimentos: 8 + pilotis		Dependência de empregada: Sim
Nº de apto/andar: 4		Área do apartamento: 118,00 m ² 122,00m ²
Nº de dormitórios: 3 (1 ste)		Varanda: Sim

<p>LOCALIZAÇÃO</p>	<p>FACHADA</p>	<p>FACHADA</p>
---------------------------	-----------------------	-----------------------

PLANTA BAIXA DO PAVIMENTO TIPO

Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1985.

REGISTRO 327a	ANO 1985	FICHA Nº 36: EDIFÍCIO PAULO VI
Localização: Av. Durval Guimarães, 225, Ponta Verde		
Arquiteto: Ana Lúcia Barros Kátia Costa Pinto Suely Jucá Maciel		Construção: Construtora CANON LTDA
Nº de pavimentos: 8 + pilotis		Dependência de empregada: Não
Nº de apto/andar: 4		Área do apartamento: 96,00 m ² 101,00 m ²
Nº de dormitórios: 3 (2+1 reversível)		Varanda: Sim



Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1985.

EDIFÍCIO 276	ANO 1982	FICHA Nº 37: EDIFÍCIO ESCUNA	
Localização: Av. Álvaro Otacílio, 2065, Jatiuca.			
Arquiteto: Mario Aloisio Melo Maurício Espinosa		Construção: Gama Incorporações LTDA	
Nº de pavimentos: 7 + pilotis		Dependência de empregada: Sim	
Nº de apto/andar: 3		Área do apartamento: sem informação	
Nº de dormitórios: 4SU +1DE		Varanda: Sim	
<p>LOCALIZAÇÃO</p> 	<p>FACHADA</p> 	<p>FACHADA</p> 	
<p>PLANTA BAIXA DO PAVIMENTO TIPO</p>  <p style="text-align: right;">0 1m 2m 3m 4m 5m</p>			

Fonte: Autora (2016) - Adaptado dos arquivos da SMCCU - Prefeitura de Maceió, 1982.